

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO

NATÁLIA MACHADO MERGEN

COMPLEXIDADE NA ARQUEOLOGIA DO JÊ MERIDIONAL:

A contribuição de São José do Cerrito

SÃO LEOPOLDO

2016

Natália Machado Mergen

COMPLEXIDADE NA ARQUEOLOGIA DO JÊ MERIDIONAL:

A contribuição de São José do Cerrito

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

São Leopoldo

2016

M559c Mergen, Natália Machado.
Complexidade na arqueologia do Jê Meridional : a
contribuição de São José do Cerrito / Natália
Machado Mergen. – 2016.
119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale
do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em
História, 2016.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.”

1. Jê Meridional. 2. Complexidade. 3. Estruturas
subterrâneas. 4. São José do Cerrito. I. Título.

CDU 902

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

Natália Machado Mergen

COMPLEXIDADE NA ARQUEOLOGIA DO JÊ MERIDIONAL:

A contribuição de São José do Cerrito

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 03 de Agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Sérgio Célio Klamt – Universidade de Santa Cruz do Sul

Dr. Jairo Henrique Rogge – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dr. Marcus Vinícius Beber – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

À minha família,
meu imutável amor.

AGRADECIMENTO

A toda a equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas. Sem o esforço de vocês, os dados que utilizei no trabalho não existiriam.

Aos professores Dr. Pedro Ignácio Schmitz e Dr. Jairo Rogge. Obrigado por sempre me incentivaram e auxiliaram, de forma intensa, nestes setes anos de convivência.

A todos os bolsistas que passaram pelo Instituto, em especial, as minhas grandes companheiras Fabiane e Rafaela. Esta amizade eu vou levar para além da Universidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos e ao programa Capes/PROSUP pelo auxílio financeiro.

Agradeço a toda minha família pelo apoio, carinho e exemplo incondicional e supremo. Vocês foram, sem dúvidas, os maiores responsáveis por esta conquista.

RESUMO

Nesta dissertação serão analisadas estruturas arqueológicas relacionadas às populações Jê Meridionais, existentes no município de São José do Cerrito, no Planalto Catarinense. A análise busca identificar indícios de complexidade em assentamentos do grupo, datados em diferentes períodos de ocupação. Estes, quando relacionados num mesmo processo, revelam diferenças na estruturação dos assentamentos, dados que contribuem para uma compreensão maior deste processo. Através do estudo dos assentamentos foram identificados três momentos de ocupação, que podem ser relacionados às mudanças ambientais ocorridas na região. No primeiro momento existem assentamentos rápidos, a céu aberto, em áreas de campo, num ambiente com recursos dispersos. No segundo momento existem assentamentos mais estáveis e mais prolongados, com estruturas subterrâneas ainda sem cerâmica, num ambiente onde os recursos da araucária começaram a se concentrar. No terceiro momento existem assentamentos mais sedentários e longos, com estruturas subterrâneas, estruturas cerimoniais e uso de cerâmica, num ambiente com recursos abundantes e estáveis. Neste último período, as estruturas subterrâneas também se transformaram, passando de estruturas grandes para estruturas geminadas e pequenas. Esta dinamicidade promove uma relativização das concepções que buscam associar todos os sítios com estruturas atribuídas ao Jê Meridional como pertencentes ao mesmo período cronológico. Esta diversificação questiona as visões que enxergam as estruturas como parte de uma única etapa de ocupação.

Palavras-chave: Jê Meridional. Complexidade. Estruturas subterrâneas. São José do Cerrito.

ABSTRACT

In this dissertation, archeological structures related to the Jê Meridional people, from the municipality of São José do Cerrito, in the state of Santa Catarina, will be analyzed. The analysis aims to identify traces of complexity in settlements corresponding to different periods of occupation of the group. These settlements, when compared to each other in a same process, reveal differences in the structuration of the settlements, which can contribute to a larger understanding of this process. Three different moments of occupation were identified which we can relate to environmental changes in the region. At the first moment, there are speedy settlements, on the open air, on campo's areas, in a general environment with scattered resources. At a second moment, the settlements are more stable and lasting, with pit houses, still without pottery, in an environment where the resources of the Araucaria tree start to concentrate. At a third moment, the settlements are more sedentary and even more lasting, with pit houses, ceremonial structures and the use of pottery, in an environment with plentiful and stable resources. In this last period, the pit houses change from large to geminate and smaller structures. This observed dynamicity relativizes the conceptions that try to associate all the sites with the mentioned structures of the Jê Meridional to the same chronological period. This diversification questions the view that all these structures are part of a single stage of occupation.

Keywords: Jê Meridional. Complexity. Pit houses. São José do Cerrito.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sítio SC-Urubici-11, estrutura subterrânea	19
Figura 2 – Sítio SC-Urubici-11, decoração da cerâmica	20
Figura 3 – Localização do município de São José do Cerrito.....	41
Figura 4 – Áreas estudadas em São José do Cerrito.....	44
Figura 5 – Estruturas e intervenções no sítio SC-CL-70	47
Figura 6 – Perfis estratigráficos das estruturas do sítio SC-CL-70.....	49
Figura 7 – Estruturas do sítio SC-CL-71	52
Figura 8 – Intervenções realizadas no sítio SC-CL-71	55
Figura 9 – Perfil estratigráfico das estruturas do sítio	58
Figura 10 – Sítios arqueológicos da Boa Parada	60
Figura 11 – Intervenções no sítio SC-CL-43	61
Figura 12 – Perfil estratigráfico da estrutura 4 do sítio SC-CL-43	62
Figura 13 – Perfil estratigráfico da estrutura 5 do sítio SC-CL-43	64
Figura 14 – Perfil estratigráfico das trincheiras 1, 2, 3 e 4 do sítio SC-CL-43	66
Figura 15 – Perfil dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46.....	68
Figura 16 – Perfil estratigráfico dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46	69
Figura 17 – Perfil estratigráfico da estrutura 5 do sítio SC-CL-51	71
Figura 18 – Planta topográfica da estrutura subterrânea do sítio SC-CL-52	72
Figura 19 – Perfis da estrutura subterrânea SC-CL-52, cortes e cobertura	73
Figura 20 – Perfil estratigráfico do corte 1, na estrutura do sítio SC-CL-52	74
Figura 21 – Perfil estratigráfico do corte 2, na estrutura do sítio SC-CL-52	75
Figura 22 – Perfil estratigráfico das janelas abertas no sítio SC-CL-52	76
Figura 23 – Aterro-plataforma 4, no sítio SC-CL-52a.....	77
Figura 24 – Planta topográfica da estrutura 1 do sítio SC-CL-56 e as intervenções	78
Figura 25 – Perfil estratigráfico da estrutura 1 do sítio SC-CL-56	79
Figura 26 – ‘Danceiro’ do sítio SC-CL-94 e intervenções.....	80
Figura 27 – Perfil estratigráfico do montículo 1 do sítio SC-CL-94.....	81
Figura 28 – Perfil estratigráfico do montículo 2 do sítio SC-CL-94.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tamanho das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-70	46
Tabela 2 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-70	50
Tabela 3 – Datas dos cortes no entorno do sítio SC-CL-70	51
Tabela 4 – Tamanho das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-71.	53
Tabela 5 – Tamanho dos montículos do sítio SC-CL-71	54
Tabela 6 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-71	57
Tabela 7 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-43	63
Tabela 8 – Datas dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46.....	68
Tabela 9 – Tamanhos e datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-51	70
Tabela 10 – Janelas arqueológicas abertas no sítio SC-CL-52.....	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A vegetação, a presença de carvão e a posição cronológica do sítio.....	98
Gráfico 2 – Relação cronológica entre as estruturas subterrâneas do Rincão dos Albinos e da Boa Parada (Datas em A.P.)	105
Gráfico 3 – Relação entre datas e tamanho das estruturas subterrâneas da Boa Parada (Datas em A.P.)	106
Gráfico 4 – Associações cronológicas das estruturas rituais com as habitacionais na Boa Parada (Datas em A.P.)	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ARQUEOLOGIA JÊ MERIDIONAL NO PLANALTO CATARINENSE	14
1.1 As pesquisas iniciais: a necessidade de reconhecer culturas no espaço	15
1.2 As pesquisas mais recentes: novos temas e novas perspectivas	22
1.2.1 A importância do espaço, da paisagem e do ambiente	25
1.2.2 A diversidade das práticas funerárias	29
1.2.3 A existência de cultivos e novas interpretações	33
2 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E A OCUPAÇÃO JÊ EM SÃO JOSÉ DO CERRITO	41
2.1 Rincão dos Albinos	45
2.1.1 Sítio SC-CL-70.....	46
2.1.2 Sítio SC-CL-71.....	52
2.2 Boa Parada	59
2.2.1 Sítio SC-CL-43.....	60
2.2.2 Sítio SC-CL-46.....	67
2.2.3 Sítio SC-CL-51.....	70
2.2.4 Sítio SC-CL-52.....	71
2.2.5 Sítio SC-CL-56.....	78
2.2.6 Sítio SC-CL-94.....	80
3 A COMPLEXIDADE DO JÊ MERIDIONAL EM SÃO JOSÉ DO CERRITO	84
3.1 Neoevolucionismo na bibliografia Jê Meridional	84
3.2 A possibilidade de outras interpretações	90
3.3 Primeiro momento: acampamentos a céu aberto	96
3.4 Segundo momento: acampamentos com inclusão de estruturas rebaixadas ..	99
3.5 Terceiro momento: estruturas subterrâneas e cerimoniais	103
3.6 A contribuição de São José do Cerrito.....	109
CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

INTRODUÇÃO

A existência ou emergência de complexidade entre populações indígenas pré-históricas tornou-se nos últimos tempos um tema recorrente na Arqueologia produzida no Brasil. O ressurgimento desta proposição foi impulsionado pelo advento de novas abordagens teóricas e metodológicas, que permitiu questionar antigos paradigmas, que culminaram na conclusão da inexistência de sociedades complexas nas terras baixas sul-americanas, prenunciadas pelo determinismo ambiental. São exemplos desta renovação, ocorrida principalmente nos estudos sobre as populações amazônicas, os trabalhos de Anna Roosevelt (1992), Michael Heckenberger (1999, 2003, 2005) e Marcia Arcuri (2007). Heckenberger (2005) propõe que na região do Alto Xingu existia, desde ao menos o século IX de nossa Era, um poder político exercido por chefes hereditários, que controlavam grandes aldeias e monumentos, constituídos por praças, estradas e casas diferenciadas. Arcuri (2007), buscou compreender a cosmovisão ameríndia, principalmente em relação às noções de poder e chefia, questionando o sentido do tradicional modelo de Estado, centralizador e unificado, para compreender sociedades que possuem sua organização social, suas relações políticas e seu universo religioso fundamentado no princípio da dualidade. Numa linha de trabalho semelhante também surgiram estudos sobre a complexidade emergente de populações Jê do Planalto Central brasileiro. (WÜST; BARRETO, 1999; WÜST, 1983).

Os grupos Jê Meridionais, seguindo os estudos de linguistas, teriam se originado destas populações Jê do Brasil Central. Segundo Greg Urban (1992), toda a rede linguística filiada ao tronco Macro-Jê concentrou-se, inicialmente, na porção oriental e central do planalto brasileiro. Este grupo central Jê teria sua origem entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia. Os grupos Jê Meridionais (atuais Kaingang e Xokleng) teriam sido os primeiros a se separar dos grupos centrais, fato que teria ocorrido por volta de 3 mil anos atrás. A cronologia ou o motivo desta migração em direção ao sul do Brasil ainda não foi precisado, porém sabe-se que estes grupos tenderam a dirigir-se às regiões de planalto, ambiente semelhante ao seu hábitat originário. Úrsula Wiesemann (1978) analisou as diferenças e as relações nos sistemas fonológicos e gramaticais de cinco dialetos Kaingang e

comparou-as com o Xokleng. Segundo a linguista, após terem se separado de outros grupos Jê, os Kaingang teriam iniciado sua migração em direção ao sul; neste processo o primeiro grupo a se separar teria sido o dos Xokleng, que chegaram até Santa Catarina sem estabelecer mais contato amigável com outros grupos. Uma nova separação teria ocorrido entre o grupo da região de São Paulo e os demais Kaingang, que prosseguiram sua migração para o sul. Esta explicação não é mais consensual entre os pesquisadores, tendo surgido novas leituras, como o trabalho de Marcelo Jolkesky (2010), mas ainda é comumente aceita e por isso a utilizamos.

Para estas populações, identificadas por linguistas e arqueólogos como Jê Meridionais¹, diversos pesquisadores já sugeriram a existência ou a emergência de complexidade. Segundo Pedro Ignacio Schmitz (1988, p.121), os grupos do planalto possuíam “um povoamento estável, [formado] por uma população de certa densidade, que deveria ter superado o nível de integração de bando e alcançado o de tribo”. Para Marcus V. Beber (2004, p. 260), os dados reunidos para a proposta do Sistema de Assentamento, tema de sua Tese, formado pelos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro “não nos permitem avançar em demasia nessa questão [da organização social], mas permitem consolidar as interpretações já apontadas por autores como Schmitz [...], que afirmam ter ultrapassado o nível de bando e atingido o de tribo”. De modo semelhante, Silvia M. Copé (2006a, 2006c), em estudos na região do Planalto gaúcho, sob o enfoque da arqueologia da arquitetura, concluiu que as estruturas de tamanhos avantajados “sugerem desigual acesso à força de trabalho, como na micro-região de Pinhal da Serra [são] as estruturas funerárias e, em Bom Jesus, as grandes estruturas semi-subterrâneas, [que] exibem uma complexidade social e indicam centralização política”. (COPÉ, 2006c, p. 19). Corroborando esta afirmação, o estudo arqueobotânico, realizado no município catarinense de Urubici, no Alto Rio Canoas, por Rafael Corteletti (2012, 2013), trouxe informações empíricas sobre cultivos de alimentos pelo grupo, mencionando milho, mandioca, abóbora e inhame e possibilitando com isso, novas discussões de como estas populações teriam organizado sua economia e expondo a necessidade

¹ Reconheço as dúvidas que existem tanto sobre a associação entre o registro arqueológico e as populações históricas Jê Meridionais (Kaingang e Xokleng) quanto sobre o vínculo entre a cerâmica da Tradição Taquara/Itararé e as estruturas subterrâneas. Sobre o primeiro aspecto, prefiro classificar estas populações como de origem Jê Meridional. Entretanto, não considero válida a segunda associação já que, entre os sítios estudados, existem estruturas subterrâneas sem ocorrência de cerâmica.

de pensar um novo modelo das relações de territorialidade, mobilidade, dieta e sazonalidade dos grupos Jê Meridionais. Conforme Corteletti (2012, p.220), “a percepção de uma diversidade e densidade de sítios, que [...] faz crer que estamos investigando uma sociedade estruturada, em emergente complexidade, e que pode ter ocupado o vale [do Rio Canoas] num processo de longa duração por pelo menos 1800 anos”. Apesar destes significativos avanços e apontamentos sobre o tema, um estudo interpretativo que considere diretamente esta abordagem e forneça dados primários sobre o tema, ainda não foi produzido. Este é o tema e a justificação desta Dissertação.

O objeto do estudo são sítios arqueológicos do município de São José do Cerrito, na região dos Campos de Lages, no Planalto do Estado de Santa Catarina, onde a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) realiza pesquisas desde 2007. Entre os sítios estudados nesse projeto, destaco oito que proporcionam dados primários sobre a emergência de complexidade Jê Meridional entre os vales dos rios Canoas e Pelotas. Estes assentamentos cobrem de 2.640 A.P. a 320 A.P, e proporcionam uma visão ampla do processo de transformação destes assentamentos e sua complexificação. Apesar das discussões sobre nomenclatura, identifiquei e nomeie para a área estudada quatro tipos de estruturas construídas através de movimentação de terra: as estruturas subterrâneas², os aterros-plataforma³, as estruturas anelares⁴ e os montículos⁵. Os correspondentes conceitos ainda não são consensuais na bibliografia, devido à grande diversidade e regionalidade destas manifestações, mas aplicam-se à amostra de sítios analisados neste trabalho.

O objetivo do trabalho se restringe a construir uma narrativa do povoamento Jê Meridional, tomando como base as pesquisas do Instituto Anchieta de

² Comumente denominadas de casas subterrâneas, correspondem a depressões em calota de esfera ou subcilíndricas, com bordas niveladas por aterro e contendo artefatos indicadores de ocupação humana.

³ Grandes aterros subcirculares de superfícies aplanadas, compostos por camadas sucessivas de cores diferenciadas, geralmente com vestígios de cremação humana.

⁴ Montículos de terra cercados por um anel rebaixado e este por uma taipa rasa, muitas vezes com vestígios de cremação humana.

⁵ Há pequenos montículos alongados, geralmente com uma valeta acompanhando a borda voltada para o aclave do terreno, que se suspeita corresponderem a sepultamentos humanos individuais. Há também montículos de tamanhos variados correspondentes a sobra de terra da construção das estruturas subterrâneas.

Pesquisas, destacando elementos de complexidade e mudança na estruturação, funcionamento, duração e cronologia desses sítios.

Na sua construção uso principalmente as publicações da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas e minha participação em trabalhos de campo.

Para compreensão dos resultados considero importante a revisão da história da pesquisa e dos trabalhos realizados sobre a área por outros arqueólogos, que servem para contextualizar e questionar nosso produto. Esta revisão proporcionará novos dados e enfoques para nosso propósito, mas, pela limitação do tempo reservado para a realização do mestrado, eles só poderão ser usados muito seletivamente.

Como enfoque teórico sirvo-me especialmente das indicações de Sassaman (2004), que trabalha com emergência de complexidade entre caçadores e coletores na América do Norte, principalmente os da costa do Oceano Pacífico. Para identificar elementos que apontem complexidade em sítios de São José do Cerrito em três diferentes momentos da ocupação.

No Capítulo 1 apresento uma síntese bibliográfica dos principais dados arqueológicos produzidos sobre sítios da região construídos com movimentação de terra, que podem ser utilizados para enriquecer nosso contexto interpretativo. Esta parte do trabalho não deseja esgotar a bibliografia disponível, mas reunir dados úteis para enquadrar nosso problema de pesquisa.

No Capítulo 2 aponto os dados principais sobre oito sítios estudados no município catarinense de São José do Cerrito, que fornecem elementos para a discussão de complexidade nesses grupos. Estes sítios fazem parte do projeto desenvolvido pelo Instituto Anchieta de Pesquisas no município catarinense.

No Capítulo 3 inicio falando sobre as perceptivas teóricas que nortearam a compreensão da complexidade Jê Meridional, identificada como essencialmente neoevolucionista e aponto meu enfoque dos sítios. A seguir destaco e comento os indícios de emergência de complexidade em São José do Cerrito a partir dos elementos arqueológicos sintetizados no capítulo anterior e, com a análise dos dados, identifico as contribuições que o estudo pode oferecer.

Com isso espero oferecer uma contribuição para a História do grupo no que se refere a sua forma de assentamento como resposta a variantes disponibilidades locais e a mudanças internas à sociedade. Na análise percebo três momentos de estruturação dos assentamentos: o primeiro, de acampamentos a céu aberto, sem estruturas subterrâneas e sem cerâmica, com uma data anterior a nossa Era; o segundo, incluindo estruturas subterrâneas, mas ainda sem cerâmica, do século VI ao X de nossa Era; o terceiro, com grandes estruturas subterrâneas, grandes monumentos cerimoniais e abundante cerâmica, no segundo milênio de nossa Era.

1 ARQUEOLOGIA JÊ MERIDIONAL NO PLANALTO CATARINENSE

Na região Sul, sítios arqueológicos construídos com movimentação de terra, atribuídos a populações indígenas de origem Jê Meridional, estão sendo estudados desde a década de 1960. Neste período inicial de desenvolvimento, na Arqueologia sobre o Jê Meridional no Planalto catarinense, destacaram-se os trabalhos de Walter Piazza (1969b) e João Alfredo Rohr (1971, 1984). A atuação destes pesquisadores produziu os primeiros registros sobre sítios e as descrições iniciais dos materiais e vestígios identificados. Em sua Tese Beber (2004) sintetizou as pesquisas produzidas neste primeiro período em toda a região Sul do Brasil. Neste primeiro capítulo me ocupo com sintetizar e reunir os dados iniciais pertinentes à mesorregião Serrana, formada pelas microrregiões dos Campos de Lages e de Curitiba⁶, área onde ocorre concentração de sítios arqueológicos construídos com movimentação de terra, tradicionalmente atribuídos à Tradição Taquara/Itararé. Incluo uma região do Norte do Estado do Rio Grande do Sul, onde os sítios arqueológicos também são numerosos e apresentam semelhanças com os dessa região.

Nesta compilação a construção inicial do panorama arqueológico servirá como base para uma tentativa de sistematização dos dados produzidos por pesquisas anteriores e atuais, estas últimas derivadas do momento em que a reflexão teórica se tornou mais aprofundada e surgiram novos temas sobre o fenômeno de construção das estruturas arqueológicas, que passaram a questionar antigos paradigmas interpretativos. No avanço das pesquisas foi importante a inserção de dados vindos do estudo de remanescentes ósseos no panorama de estudo sobre cremações em estruturas anelares, realizada por Letícia Müller (2008) e a comprovação empírica realizada por Rafael Corteletti (2012) da existência de plantas cultivadas entre as populações de origem Jê Meridional. A inclusão destes novos horizontes de leitura permitirá e conduzirá a interpretação dos dados arqueológicos obtidos com as pesquisas realizadas pelo Instituto Anchieta de Pesquisas no município de São José do Cerrito, nos Campos de Lages, onde ocorrem elementos materiais úteis para a compreensão tanto do fenômeno de concentração dos sítios quanto das características dos assentamentos.

⁶ IBGE, 2015.

1.1 As pesquisas iniciais: a necessidade de reconhecer culturas no espaço

Os estudos arqueológicos sobre a Tradição Taquara/Itararé vinculada linguisticamente às populações de origem Jê Meridional e historicamente aos índios Kaingang e Xokleng (URBAN, 1992), se iniciaram na década de 1960, momento em que se destacou a atuação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa) e de programas paralelos usando, muitas vezes, enfoque semelhante. Neste período inicial, ocorreram as primeiras identificações sobre a dispersão da cultura arqueológica pelo espaço e foram produzidos os primeiros dados que permitiram a continuidade das pesquisas acadêmicas posteriores.

O Pronapa, coordenado pelo casal norte-americano Clifford Evans e Betty Jane Meggers foi um projeto de âmbito nacional, desenvolvido entre os anos de 1965 e 1970, organizado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e pela *Smithsonian Institution* (Washington, EUA). O Programa agrupou, com patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas e coordenação nacional do Museu Paraense Emílio Goeldi, um pequeno grupo de pesquisadores que realizaram trabalhos nas regiões nordeste, sudeste e sul do Brasil. Os resultados das atividades desses pesquisadores foram divulgados em cinco volumes de relatórios, nas denominadas “*Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*” (nº 6, 1967; nº 10, 1969a; nº 13, 1969b; nº 15, 1971; nº 26, 1974). Os trabalhos de projetos paralelos, ligados a universidades locais, foram publicados pelas correspondentes unidades acadêmicas.

O Pronapa e os projetos paralelos buscaram reconhecer, geralmente através da classificação em fases e tradições, a diversidade de culturas arqueológicas existentes no espaço brasileiro, principalmente através de artefatos considerados típicos de cada cultura. Na região Sul e parte Sudeste do Brasil foram identificadas duas tradições ceramistas, a Tradição Taquara no Estado do Rio Grande do Sul e a Tradição Itararé em Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

A classificação proposta pelo Pronapa e nos projetos paralelos enquadrou-se na perspectiva da história-cultural, pensamento gestado desde o final do século XIX, num ambiente histórico de construção das identidades nacionais. A associação

direta entre cultura arqueológica e etnia consolidou-se a partir da publicação da obra “*A origem dos germanos*” por Gustaf Kosina (1858-1931). A obra afirmava que as “similaridades e diferenças na cultura material correspondem a similaridades e diferenças na ordem étnica [...], que continuidade cultural indicava continuidade étnica”. (TRIGGER, 2004, p. 161-162). A existência de artefatos típicos, como por exemplo, a cerâmica, era atribuída diretamente ao modo de vida das populações, no caso dos ceramistas consideradas não nômades. Nesta referência direta entre os artefatos e as etnias, os principais processos de mudança eram a “difusão e a migração [...] responsáveis exclusivos pelo acréscimo ou apagamento desses traços. Para o histórico-culturalismo, as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam”. (LIMA, 2011, p. 13).

Neste horizonte de influência teórica, Walter Fernando Piazza (PIAZZA, 1969b) realizou, entre 1967 e 1968, terceiro ano de desenvolvimento do Pronapa, prospecções e escavações nos municípios de Lages, Urubici e Bom Jardim da Serra, nos Campos de Lages, que resultaram na identificação de 16 diferentes sítios nesta área. Foram estudados 5 sítios-habituação, 4 sítios em abrigos-sob-rocha, 3 sítios superficiais cerâmicos, 2 sítios-oficina, 1 sítio lítico a céu aberto e 1 sítio com petróglifos. A partir destes sítios, Piazza (1969b) definiu 4 diferentes fases culturais de origem não-tupiguarani na área e propôs correlações entre os tipos de sítios e as altitudes geográficas de ocorrência. Duas destas fases, a Cotia e a Urubici, são pré-cerâmicas e as outras duas, a Xaxim e a Ibirama, são cerâmicas.

A fase Cotia foi identificada por Piazza (1969b) a partir de 5 estruturas subterrâneas e seus materiais associados. As estruturas subterrâneas localizam-se em capões de mato, entre 500 e 700m de altitude e próximas a pequenos cursos de água. As estruturas ocorrem em aglomerações de 5 a 10 unidades, possuem de 2 a 5m de diâmetro, profundidade superior a 1,5m e formam áreas de ocupação entre 5.000 e 30.000m². O material arqueológico encontrado nas 5 estruturas estudadas se constitui de artefatos de basalto, bruto ou semipolido, identificados como batedores de núcleo e furador. Devido à alta oxidação do basalto destes artefatos e de tecnologia de produção, a fase Cotia, associada às estruturas subterrâneas, foi considerada mais antiga que a fase Urubici.

Piazza (1969b) identificou 5 sítios da fase Urubici, associados com ocupações em grutas, 4 sítios em abrigos-sob-rocha e 1 sítio com petróglifos, localizados acima de 700m de altitude, nas nascentes dos rios Canoas, Lavatudo e outros formadores do rio Pelotas, sugerindo uma adaptação das formas de subsistência ao clima da área. O material lítico da fase é composto por raspador, batedor e mão-de-pilão, produzido em basalto diaclasado ou diabásio, todos com polimento e alguns com sinais de retoque. O pesquisador datou a ocupação numa gruta da fase em 1.040 ± 200 d.C. (SI-227).

A fase Xaxim (1969b), já identificada anteriormente pelo pesquisador no vale do rio Uruguai (PIAZZA, 1969a), foi reconhecida em 2 sítios da região serrana, onde ocupam encostas ou topos ondulados de terrenos, próximos de cursos de água e se estendem por áreas de 2.500 a 5.000m². O material cerâmico, totalizando 110 fragmentos, foi recuperado na superfície e nas prospecções, denotando pequena profundidade da ocupação, também constatada nos outros sítios atribuídos à fase Xaxim.

Segundo Piazza (1969a), a cerâmica da fase Xaxim é constituída por pasta de basalto decomposto temperado com areia fina, onde ocorrem alguns grãos de hematita e quartzo de tamanho máximo de 1mm, sua oxidação é de incompleta a completa, sua textura é compacta, a manufatura ocorreu através de roletes. A superfície interna e externa oscila entre a cor vermelha e várias tonalidades entre cinza e preto. Os recipientes possuem, no máximo, 2cm na espessura das paredes e 30cm no diâmetro; os lábios são planos ou redondos, as bases arredondadas e os bojos esféricos, em meia calota ou ovoides. O pesquisador identificou quatro diferentes tipos cerâmicos para a fase: o Xaxim Simples, o Xaxim Ponteados, o Xaxim Ungulado e o Xaxim Inciso.

O material lítico é constituído por raspador e batedor.

A fase Ibirama foi reconhecida em um sítio, localizado, assim como os da fase Xaxim, em encostas próximas a cursos de água. O sítio se estende por cerca de 1.500m² e forneceu 26 fragmentos cerâmicos.

A cerâmica, nas palavras do autor, é constituída por pasta de areia fina, alguma com argila fina e com pouca ou nenhuma impureza, a oxidação é completa,

a textura é compacta, as superfícies polidas e com indícios de manufatura através de roletes. A espessura da parede, no máximo, é de 1cm e o diâmetro de 18cm, os lábios são redondos, as bases arredondadas e os bojos esféricos e em meia calota. Foram identificados dois tipos: o Ibirama Simples e o Ibirama Ungulado.

Os artefatos líticos associados são lascas de basalto.

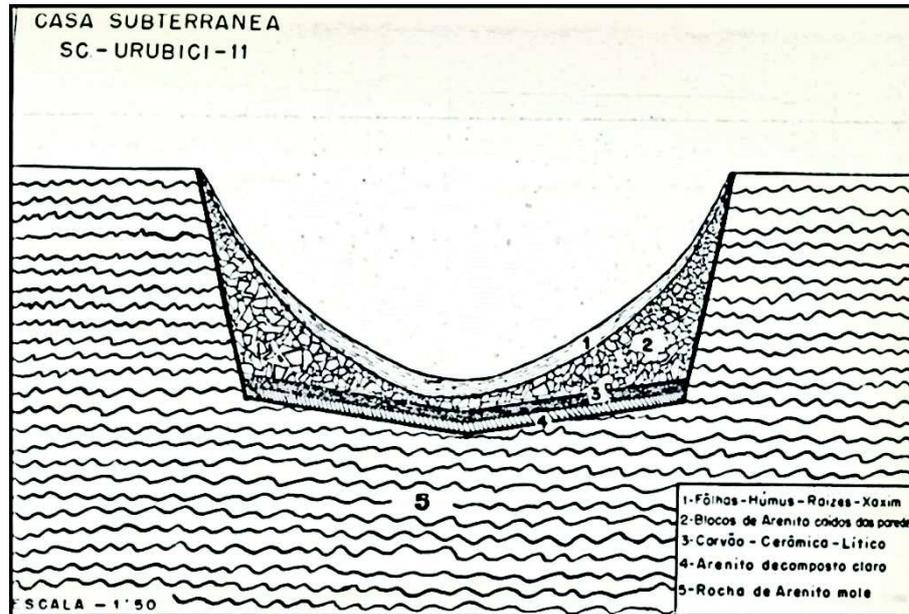
Estas duas fases cerâmicas ocupam encostas e elevações com altitudes entre 500 e 1.000m e possuem contemporaneidade ou contato entre elas, pois, segundo o pesquisador, há intrusões dos tipos cerâmicos da fase Ibirama em um sítio da fase Xaxim.

No mesmo período em que Piazza (1969a, 1969b) trabalhou junto ao Pronapa, Pe. João Alfredo Rohr S.J. (1971, 1984), entre os anos de 1966 e 1971, realizou trabalhos nos Campos de Lages, registrando um total de 51 sítios arqueológicos: no município de Urubici foram identificados 34 sítios, em Bom Retiro 15 sítios, em Lages e São Joaquim 1 sítio. Neste mesmo período também registrou sítios nos municípios de Petrolândia, Alfredo Wagner, Rancho Queimado, Atalanda, Imbuia e Ituporanga, totalizando 17 sítios arqueológicos.

Os sítios registrados foram classificados, segundo sua natureza, em 5 sítios com inscrições rupestres, 15 sítios com sepultamentos junto a cascatas, 14 sítios com estruturas subterrâneas, 19 galerias subterrâneas, 8 terreiros de antigas aldeias ('danceiro') e 7 sítios a céu aberto, sendo 2 destes cerâmicos e 5 pré-cerâmicos. O trabalho de Rohr (1971) distinguiu-se do empreendido por Piazza (1969a, 1969b) pelos métodos, objetivos e resultados.

Rohr (1971) realizou intervenção no sítio SC-Urubici-11 (Figura 1), com uma estrutura subterrânea de 7,60m de diâmetro e 3,70m de profundidade, onde recolheu 2.235 fragmentos cerâmicos, número reduzido para 1.766 fragmentos após a restauração; destes apenas 4% eram decorados.

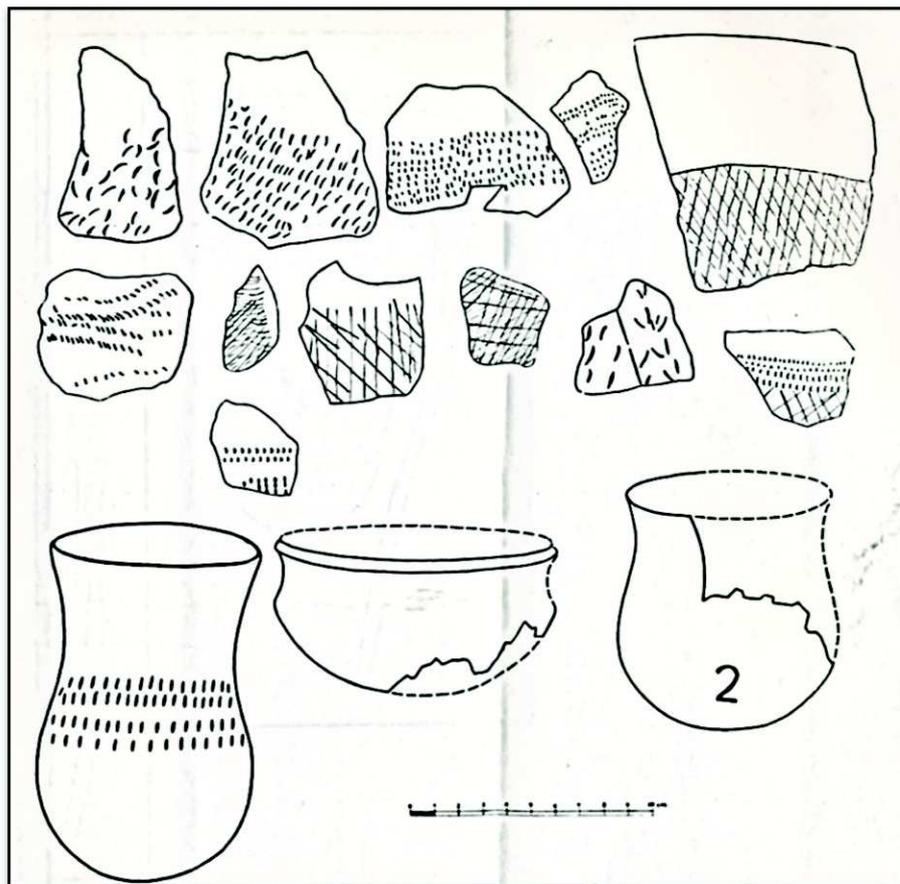
Figura 1 – Sítio SC-Urubici-11, estrutura subterrânea



Fonte: Rohr (1971).

Na descrição do autor, a manufatura da cerâmica foi através de acordelamento, na argila arenosa foi adicionada hematita, com diâmetro variando entre 0,5 e 8mm, o antiplástico é bem distribuído na pasta e a cor do núcleo é predominantemente cinza escuro, com margens de faixas marrons. A queima é incompleta, a dureza oscila entre 2 e 5 na escala de Mohs, a espessura das paredes varia entre 4 e 18mm e a cor da superfície que predomina em ambas as faces é cinza escuro para preto. Na cerâmica simples os recipientes são tigelas, cuias, pratos, jarros e panelas, possuem diâmetro mais frequente entre 12 e 20cm, as bases são, na maioria, convexas. Na cerâmica decorada (Figura 2) o diâmetro das vasilhas é de no máximo 14cm e a decoração não cobre toda a superfície externa, concentrando-se em determinadas zonas, principalmente ao redor do bojo, onde ocorrem decoração unglada (41%), incisa (27%), ponteadada (20%), incisa com ponteadado e incisa com unglado.

Figura 2 – Sítio SC-Urubici-11, decoração da cerâmica



Fonte: Rohr (1971).

O material lítico do sítio SC-Urubici-11, segundo Rohr (1971), “apesar de relativamente numeroso é culturalmente pobre, mal acabado e pouco expressivo” (p. 25), dividindo-se em polido e lascado. Entre os polidos há um adorno em forma de calota de disco e uma pequena faca ou raspador plano-convexo, com alisamento no gume; ambos são confeccionados em folhelho negro betuminoso. Entre os lascados, produzidos em diabásio e siltito, há 7 raspadores plano-convexos, 7 picões, 2 batedores laterais; produzidos em seixos, 2 batedores laterais; produzidos em lascas, 11 facas de lascas finas, 11 talhadeiras, além de 80 seixos, compostos por bigornas, núcleos, batedores e tratados pelo fogo. Entre os lascados produzidos em sílex há 2 raspadores plano-convexos e entre os de riolito há 1 faca. Na galeria subterrânea do sítio SC-Urubici-10, distante cerca de 100m do sítio SC-Urubici-11,

Rohr (1971) recolheu 45 fragmentos cerâmicos, análogos aos encontrados na estrutura subterrânea vizinha, 6 seixos lascados e 1 lasca em diabásio.

O trabalho de Rohr buscou identificar sítios, evidenciando sua diversidade e inserindo-os num contexto histórico, ambiental e comunitário mais amplo na região. Esta perspectiva fica evidente nas descrições que Rohr (1971) faz da geografia, da fauna e flora locais, dos moradores atuais e antigos, das notas históricas recolhidas entre os moradores e da percepção da importância da conscientização da comunidade para a preservação do patrimônio arqueológico.

Esta busca por um panorama mais amplo e voltado à comunidade, sem uma preocupação única com a identificação das culturas arqueológicas no espaço, permitiu, segundo Reis e Fossari (2009), que o conjunto do trabalho desenvolvido por Rohr assumisse três importantes e atuais características, almejadas pelos trabalhos arqueológicos mais recentes. As autoras apontam aspectos essenciais, relacionados às práticas de compreensão da arqueologia por Rohr. O primeiro é a ausência de uma preocupação exclusiva de recuperar e registrar objetos, mas de inseri-los num processo sociocultural, que envolve diferentes grupos sociais. O segundo é a percepção da necessidade de salvaguardar as evidências arqueológicas como patrimônio cultural, com significativa importância comunitária. O terceiro é o reconhecimento da existência de uma visão humanística de trabalho, que buscava tanto chamar atenção para as populações indígenas atuais enquanto testemunhas vivas de nosso passado pré-colonial e importantes na formação da nação brasileira, quanto voltar-se para as realidades sociais das próprias comunidades em que foram localizados os sítios arqueológicos. Esta comunidade era considerada por Rohr informante e participante ativa na identificação do registro arqueológico.

Este aspecto comunitário de trabalho e a não adoção das classificações em tradições e fases usadas pelo Pronapa são as diferenças essenciais entre os estudos realizados por Rohr (1971) e Piazza (1969b) na região dos Campos de Lages.

1.2 As pesquisas mais recentes: novos temas e novas perspectivas

O surgimento de novas perspectivas e abordagens temáticas na arqueologia das populações Jê no Planalto Meridional de Santa Catarina ocorreu a partir da segunda metade da década de 1970, sendo inauguradas com o extenso levantamento e registro de sítios realizado por Maria José Reis (REIS, 2007). Este período está relacionado com o movimento conhecido como “nova arqueologia”, que afirmava a existência de determinismo ambiental e demográfico, como principais responsáveis pelas mudanças e percebendo os indivíduos como “vítimas passivas de forças quase sempre além de sua compreensão e controle”. (TRIGGER, 2004, p. 322). Segundo Copé (2006b), no caso das pesquisas sobre estruturas subterrâneas, os arqueólogos processualistas entendiam que para “compreender os sistemas sócio-culturais envolvidos, é preciso entender as formas de ocupação do espaço e da organização dos assentamentos e isto é feito através do estudo da tipologia de sítios e da forma de implantação no relevo”. (p. 116). Esta busca é a principal preocupação do trabalho de Reis (2007).

A pesquisadora, influenciada pelos trabalhos de Rohr e Piazza, entre os anos de 1974 e 1976 realizou um extenso registro de sítios com estruturas subterrâneas nos municípios de Lages, Bom Retiro, Ponta Alta do Sul e São José do Cerrito. Nesta região, registrou 83 sítios, com ocorrência de estruturas subterrâneas, ‘danceiros’ e aterros e em alguns destes sítios realizou prospecções, como por exemplo, no SC-CL-52, composto por uma grande estrutura subterrânea e um aterro. Com o objetivo de estabelecer comparações sobre a implantação geográfica das estruturas, Reis (2007) registrou também 21 sítios no Oeste do Estado, evidenciando a importância e a concentração arqueológica existente nos Campos de Lages. Esta diferença entre as áreas, constatada por Reis, se observa tanto em dessemelhanças morfológicas dos sítios, na dimensão e existência de aterros, quanto no meio ambiente de implantação.

O trabalho de Reis forneceu as linhas mestras para a compreensão da concentração deste tipo de estruturas arqueológicas no Planalto Catarinense; neste período o fenômeno ainda era pouco estudado quando comparado ao

desenvolvimento das pesquisas no Paraná e no Rio Grande do Sul. As descrições realizadas forneceram elementos sobre distribuição e morfologia das estruturas subterrâneas e sobre o tamanho e fitogeografia dos sítios. O caráter de habitação das estruturas é reforçado por Reis, baseada na abundância do registro, na articulação existente entre elas e na inexistência de outros dados que pudessem substituí-lo. Entretanto, a autora não descarta a utilização das estruturas também para fins econômicos e cerimoniais. A implantação dos sítios ocorre, na maioria das vezes (96%), sobre topos ou encostas de elevação e a uma distância máxima de 1.000 metros de riachos.

As datas obtidas por Reis (2007) são consideradas pela própria pesquisadora como infrutíferas, possivelmente comprometidas com raízes recentes. Entretanto, os sítios possuem semelhanças com outros registrados no Paraná e no Rio Grande do Sul. Através de associação cronológica entre os sítios, a autora conclui que “a ocupação dos sítios do Planalto Catarinense ocorreu dentro dos limites de 1.800 e 250 anos atrás”. (p. 180). Além disso, ela lembra que a própria diferenciação entre os sítios dos Campos de Lages e os do Oeste do Estado e os sítios com grande densidade de estruturas subterrâneas, como por exemplo, o sítio SC-CL-71, onde ocorrem 68 estruturas, podem significar construções cronologicamente distintas ou ocupações sucessivas. Reis (2007) diferencia, pela primeira vez, a funcionalidade das estruturas geminadas, propondo a hipótese de estas representarem habitações de famílias comunais, compostas por duas ou três famílias nucleares ou se relacionarem com momentos temporais distintos; aos aterros atribui a função de práticas funerárias, através de uma associação com os dados etno-históricos. A existência destas construções de terra indicaria um “padrão de subsistência dependente de práticas agrícolas [...] como também, em função desta dependência, um padrão de assentamento permanente”. (p. 205).

Durante o período de construção da Usina Hidrelétrica de Barra Grande, no leito do rio Pelotas, entre os municípios de Anita Garibaldi (SC) e Pinhal da Serra (RS), entre os anos de 2001 e 2006 *Scientia Consultoria Científica* cadastrou e escavou sítios, tanto na área de impacto direto, quanto indireto do canteiro de obras e do reservatório. (MÜLLER, 2011). Nesta área foram identificados sítios líticos de superfície, sítios lito-cerâmicos de superfície, sítios com estruturas escavadas e

sítios cerimoniais. Os sítios e materiais identificados neste grande projeto de salvamento foram estudados com mais profundidade nas dissertações de João Saldanha (2005) e Letícia Müller (2008), que serão posteriormente mencionados.

Na área do projeto foram registrados 14 sítios líticos de superfície, atribuídos à Tradição Umbu. (MÜLLER, 2011). Existe discussão sobre as relações entre este tipo de sítio arqueológico e os sítios atribuídos à Tradição Cerâmica Taquara/Itararé e aos grupos construtores de 'estruturas subterrâneas', tema que foge de nosso enfoque.

Os sítios lito-cerâmicos de superfície identificados foram 3 (MÜLLER, 2011). O sítio SC-AG-40 revelou grande densidade de material arqueológico disperso na superfície e em profundidade, formando uma camada arqueológica de 30cm, onde foram coletadas 789 peças líticas e 3.462 fragmentos cerâmicos, dos quais apenas 6,2% eram decorados. Além dos recipientes cerâmicos foram encontrados 7 tortuais de fuso, confeccionados a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos; algumas bordas levemente onduladas e uma borda com furo. O material lítico também é abundante, sendo composto principalmente por lascas unipolares e bipolares, blocos naturais, fragmentos de lascas.

Foram identificados 6 sítios com estruturas subterrâneas, totalizando 32 depressões, na margem catarinense do rio Pelotas. No sítio SC-AG-107, formado por 9 estruturas de diâmetro entre 3 e 5m e profundidade entre 0,30 e 1,40m, foi realizada ampla escavação, atingindo todas as depressões e foram realizados cortes em áreas do entorno. As intervenções resultaram em 485 fragmentos cerâmicos, agrupados em 143 conjuntos. Entre os fragmentos, apenas 2% da amostra era decorada (ponteado e ponteado arrastado), porém em mais da metade dos fragmentos há marca de uso no fogo. O recipiente cerâmico de maior tamanho possuía 16cm de diâmetro e os demais recipientes o volume entre 1 e 3 litros, denotando cocção de alimentos para uma unidade familiar. Foram recuperados 227 artefatos líticos, conjunto composto por lascas unipolares e bipolares, fragmentos de lascas, núcleos, fragmentos de núcleos, termóforos, detritos de lascamento e blocos naturais. A matéria prima principal é o basalto, seguido de calcedônia, metalamitos e quartzos. Além disto, foram identificados diferentes níveis de ocupação do sítio, indicados pelas diversas áreas de combustão percebidas dentro das estruturas,

sendo que “não existem diferenças significativas na cultura material das ocupações mais antigas e das mais recentes, ou entre o material encontrado dentro das estruturas e o recuperado no exterior das mesmas”. (MÜLLER, 2011, p. 50). As datações realizadas em 3 diferentes estruturas do sítio cobrem um horizonte cronológico entre 980 d.C. até 1.410 d.C. Em uma das estruturas foi identificada a sobreposição definida de quatro fogueiras, sugerindo um processo de reocupação mais extenso, com até seis ocupações separadas por intervalos estéreis.

Entre os sítios caracterizados como cerimoniais, Müller (2011) identificou 10 sítios na área; destes, 4 foram escavados. O material lítico e cerâmico recuperado nos 4 sítios é semelhante entre si e o todo denota rituais de cremação. O sítio SC-AG-98 é uma estrutura anelar com um montículo; nela foram recuperados 55 fragmentos cerâmicos que formam duas vasilhas praticamente completas, 15 objetos líticos, conjunto formado por detritos de basalto e calcedônia e 487 fragmentos ósseos cremados. Esta estrutura foi datada em 1.300-1.440 d.C. O sítio SC-AG-99 possui uma estrutura anelar com 3 montículos em seu interior; foram encontrados 91 fragmentos cerâmicos, 59 lascas e núcleos líticos; não ocorreram indícios ósseos. Não há data para este sítio. O sítio SC-AG-100 possui uma estrutura anelar formada por quatro montículos e um anel em forma de “U”; nela foram recuperados 38 fragmentos cerâmicos, 26 objetos líticos, sendo estes lascas e núcleos e 31 fragmentos ósseos. A estrutura foi datada em 1.440-1.650 d.C. O sítio SC-AG-108 possui duas estruturas anelares com um montículo cada uma; numa delas foram recuperados 34 fragmentos cerâmicos, 40 peças líticas compostas por lascas, fragmentos de núcleo e detritos e 1.121 fragmentos ósseos. Sua data é de 1.460-1.660 d.C. Foi escavado um sítio em abrigo sob-rocha, onde não ocorreram artefatos bifaciais ou unifaciais, mas principalmente lascas unipolares e bipolares, núcleos, fragmentos de lasca e uma ponta de projétil, confeccionada em basalto de alta qualidade.

1.2.1 A importância do espaço, da paisagem e do ambiente

As novas pesquisas passaram a buscar a compreensão do espaço ocupado pelas populações de origem Jê no Planalto catarinense, evidenciando a importância

da paisagem e do ambiente para o desenvolvimento e caracterização dos grupos. Esta leitura está ligada à abordagem da arqueologia da paisagem, vinculada à arqueologia pós-processualista, iniciada a partir de 1980. Segundo Copé (2006b), o pós-processualismo possui várias abordagens, como, por exemplo, a arqueologia contextual, a estrutural e a cognitiva, que rejeitam o positivismo e se interessam pela distribuição espacial da cultura material através de analogias estruturais.

Baseado nos dados arqueológicos decorrentes do projeto da UHE de Barra Grande, Saldanha (2005, 2008) forneceu contribuições sobre a cultura material produzida pelo Jê e a relação desta com a paisagem e os lugares ocupados. Ele explorou os dados arqueológicos disponíveis para os municípios de Esmeralda e Pinhal da Serra, no RS e Anita Garibaldi, em SC. Estes dados foram explorados através de conceitos teóricos sobre a cultura material, a paisagem e os lugares. Ele analisou a cultura material na “variabilidade destes artefatos nos sítios [...] considerando-os enquanto resultado final de uma série de escolhas técnicas envolvidas na sua manufatura e uso”. (p. 42). A partir da associação da cultura material com o espaço ocorreriam os lugares, com estruturas arquitetônicas evidentes (estruturas subterrâneas, montículos, taipas) ou sem estruturas aparentes (sítios com acúmulo de material em superfície ou em estratigrafia).

Através desta apreensão da cultura material organizada em lugares, Saldanha (2005) buscou entender a ocupação em lugares na paisagem através do uso e da organização do espaço, sugerindo um esquema de ocupação por populações construtoras de estruturas subterrâneas, com base na geografia planáltica, nos agrupamentos de sítios e nas áreas destinadas a atividades líticas, captação de recursos e cerimoniais. Segundo o autor, esta ocupação ocorreu através,

Da formação de agrupamentos de sítios delimitados pelos platôs característicos do planalto. Os agrupamentos maiores eram compostos por um sítio com alta densidade de estruturas subterrâneas, tendo ao seu redor diversos sítios com baixa densidade. Existiam agrupamentos menores, mas no seu entorno, na maioria das vezes, foram identificadas áreas de atividades líticas e áreas entaipadas. Os agrupamentos se distribuiriam de forma a garantir um espaço livre entre eles (cerca de 1,8 Km de raio), para exploração de recursos. (SALDANHA, 2005, p. 125).

O autor também estabeleceu relações entre as propriedades naturais da paisagem e o modo como as populações significaram, através dos lugares, estas especificidades. Sobre a visibilidade entre os sítios concluiu que existem dois tipos de áreas, uma zona visualmente panorâmica e outra fechada. Nesta relação, os sítios líticos se localizam em zonas geográficas encerradas nos vales, que não permitem um domínio visual da área; já os sítios considerados como de habitação e cerimoniais estão junto às visões consideradas panorâmicas. Assim, os sítios, por não estarem distribuídos de forma homogênea pela área, possuem diferentes intervisibilidades. Os sítios com áreas entaipadas destacam-se nesta relação, pois possuem “uma visibilidade restrita dos outros tipos de sítio” (p. 137), sendo sua intervisibilidade considerada fechada e mais voltada à “visualização entre as áreas entaipadas entre si, do que entre os demais lugares” (p. 137). A partir desta informação sobre a visibilidade entre os sítios, o autor realiza a constatação de que,

As estruturas subterrâneas estão dispostas ao longo dos caminhos mais fáceis de se movimentar sobre o terreno, em locais que se pode denominar como distritos. As estruturas circulares, por outro lado, estão dispostas exatamente sobre locais de convergência destes caminhos, sobre pontos nodais do trânsito na paisagem. (SALDANHA, 2005, p. 140).

Através do entendimento destas variáveis, numa associação entre os dados empíricos e os interpretativos, Saldanha (2005) constatou a existência de um processo cultural específico na área. Este desenvolvimento se teria iniciado entre o século X e o XIII d.C., sendo estimulado por uma mudança ambiental que intensificou a incorporação e ressignificação de novas tecnologias e a construção de estruturas de terra por parte de grupos de caçadores-coletores, com o objetivo de lidar com um novo ambiente social e relacionado às populações etnograficamente conhecidas como Jê do Sul. Este processo de intensificação, por sua vez, estaria relacionado com uma “maior complexidade social, onde a competição por prestígio e status levou à emergência de estruturas de terra de tamanhos diferenciados e, possivelmente, à delimitação de territórios de grupos específicos”. (SALDANHA, 2005, p. 162).

Marco Aurélio De Masi (2006), trabalhando com sítios da área da UHE de Campos Novos, realizou uma análise de palinologia de sítios datados entre 900 d.C. e 1.640 d.C. Seus dados indicam um ambiente de floresta com baixa intervenção humana entre 900 e 1.030 d.C., o aumento das intervenções humanas com diminuição das florestas e aumento da vegetação de campo entre 1.016 e 1.190 d.C. e o aumento das atividades humanas com aumento de vegetação de campo e recuo das florestas no período de 1.430 e 1.640 d.C. (DE MASI, 2006). É o período que, em nossa pesquisa, corresponde à ocupação dos sítios da Boa Parada.

José Iriarte e Hermann Behling (2007) estudaram as transformações ambientais na região durante o Holoceno, percebendo uma relação entre a expansão da floresta com araucária e a ocupação da área pelos grupos Taquara/Itararé. Para os autores esta expansão esteve relacionada ao aumento da umidade climática, iniciada entre 1.410 e 900 A.P. e forneceu maior recurso alimentar vindo da Araucária. É o período que, em nossa pesquisa, correspondente às ocupações dos sítios do Rincão dos Albinos.

Silvia Copé (2015) realizou trabalhos em Bom Jesus e Pinhal da Serra, cidades gaúchas fora da delimitação inicial desta revisão, mas que resultaram em relevante conceito de paisagem cultural, que envolve um conjunto de aspectos ecológicos, históricos, assim como a biodiversidade da paisagem construída e o manejo das paisagens herdadas. Além de outros apontamentos mais específicos sobre os municípios que estuda, a pesquisadora destaca, na temporalidade da construção da paisagem no planalto sul brasileiro, dois diferentes momentos. O primeiro, localizado entre o início da Era Cristã e 800 e 1.000 d.C, no qual os construtores de estruturas subterrâneas chegam ao sudeste de Santa Catarina e ao nordeste do Rio Grande do Sul. O segundo, após 1.200 d.C., estendendo-se até o período histórico, no qual os grupos “abandonam a área ou modificam a maneira de interação com a paisagem construindo grandes aldeias, reocupando algumas estruturas semissubterrâneas e desenvolvendo uma arquitetura monumental funerária e cerimonial”. (COPÉ, 2015, p. 165).

1.2.2 A diversidade das práticas funerárias

As pesquisas mais recentes sobre as práticas funerárias relacionadas ao Jê, na área estudada, mostraram a complexidade existente, principalmente nos sítios com cremações em estruturas anelares. Müller (2008), trabalhando com sítios pesquisados por ocasião da implantação da UHE Barra Grande, aprofundou o conhecimento sobre os remanescentes ósseos existentes em sepultamentos em três estruturas anelares (SC-AG-98, SC-AG-100 e SC-AG-108) no município de Anita Garibaldi.

Os dados obtidos com a análise óssea foram cruzados por com dados etnográficos para sua atribuição étnica a grupos da Encosta e do Planalto. Assim, agrupando os dados de pesquisas realizadas em estruturas anelares e montículos, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, Müller (2008, p. 25) constatou que “se a essência é parecida -a organização social para movimentação de terra e construção de montículos- todo o resto é diferente”.

As estruturas anelares estudadas pela pesquisadora localizam-se em topos de morro ou áreas altas; seu anel pode ser oval, circular ou ter outra forma geométrica; o montículo existente no interior é circular e sua cronologia encontra-se entre o século XIV e XVII d.C. A cultura material encontrada nestas estruturas são lascas e poucos artefatos líticos e cerâmicos, estes últimos, quando remontados, caracterizam-se como tigelas e vasilhas com formato de cuia, sendo em ambas as situações de pequeno tamanho; há presença de fogueiras e de ossos cremados na maioria das estruturas escavadas.

Os montículos, agrupados e próximos a estruturas subterrâneas, estão localizados, na maioria das vezes, em vertentes de morro, sua forma é elipsoide ou circular, possuindo algumas vezes rebaixamento semicircular em alguma das laterais e sua temporalidade está entre o século IX e XVII d.C. Os materiais encontrados são esparsos fragmentos cerâmicos e líticos; há ocorrência de carvões em alguns montículos, mas não são encontrados remanescentes ósseos.

Segundo Müller (2008), as três estruturas anelares estudadas em Anita Garibaldi são locais cerimoniais de sepultamento; afasta-se com isso de

denominações anteriores, do início da identificação dos sítios, quando eram chamados ‘danceiros’ ou ‘terreiros de antigas aldeias’. Nos sepultamentos os ossos se encontram cremados intensamente, possivelmente em piras com presença de madeira de araucária e nós de pinho, com os corpos ainda cobertos por partes moles e com alta fragmentação dos ossos, que pode estar relacionada não apenas à ação do fogo, mas também a condições do solo e da vegetação da área do sítio. O trabalho de Müller (2008) identificou locais de sepultamentos secundários de cremação e locais de construção da pira funerária, sobre os quais foram construídos ou ampliados os montículos, que poderiam ser reutilizados para outros sepultamentos. As estruturas anelares poderiam receber o sepultamento de mais de um indivíduo.

As cremações tanto da margem catarinense quanto da rio-grandense do rio Pelotas, segundo Müller (2011), possuem um padrão semelhante de disposição e manejo dos corpos cremados, ocorrendo pequenas variações, como, por exemplo, o local da cremação, possivelmente ligadas às circunstâncias da morte do indivíduo. As características, principalmente das fissuras dos fragmentos ósseos estudados, estão ligadas à “hipótese de que a cremação tenha sido feita sempre com as partes moles ainda presentes, ou seja, sem que tenha sido feito o descarte ou alguma forma de enterro primário”. (2011, p. 289). Apesar de não considerar a exatidão do conceito de padrão de cremação em estruturas anelares, principalmente pela pequena quantidade de sítios estudados e pela ideia estanque e uniforme do termo, Müller (2011) afirma que existe um controle e elementos constantes no ritual de sepultamento dos grupos que viveram no vale do Pelotas a cerca de quinhentos anos atrás.

A partir dos dados obtidos com a análise óssea, Müller (2008) comparou estes com as informações etnográficas sobre as populações indígenas historicamente conhecidas como Kaingang e Xokleng, que habitavam as áreas de ocorrência de estruturas anelares e montículos durante o período do contato. A pesquisadora conclui que apesar de existir uma proximidade com estruturas subterrâneas, as estruturas estudadas tanto se aproximam das formas funerárias descritas para os Xokleng quanto para os Kaingang e as diferenças encontradas no estudo arqueológico não permitem descartar uma filiação étnica conclusivamente. A

disparidade arqueológica existente entre as estruturas anelares de Santa Catarina e os montículos do Rio Grande do sul, assim como a relação destes sítios com etnias históricas, segundo Müller (2008),

As diferenças podem estar relacionadas a mudanças na forma de representar ou na cosmologia, que não é algo repentino, mas que deve ser uma combinação de uma série de fatores, como causa externa (investida de tropeiros no planalto, por exemplo), ou interna, relacionada a crenças e catástrofes. Há de se argumentar que uma crítica mais detalhada a estes documentos deve ser feita, não apenas no sentido do que está representado, mas a forma em que foi feito e a denominação dada aos grupos descritos. (p. 153).

A análise de Müller (2011) contribui para a construção dum primeiro modelo para as práticas desenvolvidas em estruturas anelares, produzindo novas hipóteses de pesquisas e um conhecimento mais amplo sobre estas práticas.

Marco Aurélio De Masi (2006) também trabalhou com estruturas anelares na área da UHE Campos Novos, onde foram identificados 5 sítios (SC-AG-12, SC-AG-75, SC-AG-77, SC-CR-06 e SC-AB-96). Os sítios possuem dois padrões de diâmetro, o primeiro variando entre 50 e 60m e o segundo entre 30 e 15m, sendo que,

Os aterros menores podem estar isolados ou em grupos de até quatro, com um ou dois montículos ou próximos aos aterros maiores. Os montículos quando únicos ocorrem no centro, mas quando em pares apresentam variações: dois montículos centrais, e um montículo central e outro no aterro anelar. (DE MASI, 2006, p. 61).

No sítio SC-AG-12 foi evidenciada cremação em dois montículos. Em um deles, datado de 1.440-1.640 d.C, ocorreu o enterramento de um adulto e um infante junto a uma fogueira e a oferenda de um copo e de uma tigela. No outro montículo, datado de 1.420-1.510 d.C., ocorreram enterramentos coletivos, mas não grandes fogueiras, apenas artefatos não ligados a nenhum corpo específico. De Masi (2006)

infeere que estas diferenças estão ligadas a distinções no status social dos indivíduos ali sepultados.

O trabalho de De Masi (2006, 2009a) sobre centros cerimoniais no Planalto estudou o sítio SC-AG-12, área da UHE Campos Novos. O sítio é formado por dois aterros anelares, o primeiro com 60m de diâmetro e 60cm de altura; o segundo, situado a 80m de distância do primeiro, possui 30m de diâmetro e dois montículos. Foram realizadas intervenções em ambas as estruturas anelares. A escavação da estrutura 1 ocorreu no retângulo central da estrutura, dividido em área A e B. Na área A foram encontradas duas estruturas de combustão, sendo uma delas datada em 1.230-1.270 d.C. (Beta-185443). A escavação no montículo 1 da segunda estrutura resultou na identificação de seis sepultamentos em cerca de 1m². Os sepultamentos, associados com lascas e núcleos de quartzo e recipientes cerâmicos, se sobrepõem uns aos outros, sendo que o mais próximo da superfície está datado em 1.420-1.510 d.C. (Beta-185442).

João Saldanha (2008), retomando trabalho de Copé, Saldanha e Cabral (2002), com sítios do Rio Grande do Sul, realizou um trabalho, que fornece elementos unindo a relação entre as práticas funerárias e a organização social destes grupos. O autor comparou a implantação dos sítios na paisagem e as práticas funerárias encontradas nos municípios de Pinhal da Serra e Bom Jesus, RS, revelando uma diferença na organização dos assentamentos nas regiões. Esta comparação foi possibilitada pela concepção desenvolvida pelo autor de que a relação entre vivos e mortos, assim como a relação dos sepultamentos com a paisagem, são importantes indícios para compreensão da estruturação social. Assim, o pesquisador conseguiu avançar sua compreensão sobre as diferenças entre as duas áreas tanto sobre seu domínio territorial quanto sobre sua estrutura social.

A primeira área, Pinhal da Serra, possui uma organização mais fechada, formada por unidades domésticas em territórios limitados; já a segunda, Bom Jesus, possui uma organização mais envolvente, unindo agrupamentos de sítios existentes num território mais amplo. Além desta diferenciação, Saldanha (2008) verificou, em ambas as áreas, a existência de estruturas de terra de tamanhos avantajados. Entretanto, percebeu que há diferenças significativas entre elas, em “Pinhal da Serra

a ênfase é dada às estruturas funerárias, enquanto em Bom Jesus são as estruturas subterrâneas que exibem uma maior complexidade, indicando certa centralização sócio-política”. (SALDANHA, 2008, p. 94).

Jonas Gregorio de Souza (2012) também estudou sítios cerimoniais no município de Pinhal da Serra com indícios de atividades de cremação. O autor interpreta estes sítios como cemitérios das populações que habitavam nas estruturas subterrâneas próximas, sendo considerados centros cerimoniais regionais nos quais teriam ocorrido festins mortuários e seriam enterrados os indivíduos com maior status. Os aglomerados de estruturas subterrâneas também são considerados pelo autor como indícios de hierarquia, que teria continuidade com os cacicados existentes entre os Kaingang históricos; esta hierarquia se teria intensificado no momento do contato com o europeu. Em outro trabalho (SOUZA et. al., 2016), relaciona a intensificação dessas construções com a reafirmação da identidade do grupo e a defesa do espaço no momento em que o território Jê Meridional estaria sendo ameaçado pelo avanço das populações Tupiguarani.

1.2.3 A existência de cultivos e novas interpretações

A comprovação empírica da existência e utilização de plantas cultivadas pelas populações de origem Jê Meridional contribuiu para a reformulação da hipótese de que estes grupos, no Planalto Meridional, teriam sua economia voltada unicamente à coleta de recursos disponíveis nas matas com araucárias, complementados por movimentações sazonais em direção ao litoral. Em sítios arqueológicos da área da UHE de Campos Novos, De Masi (2006) analisou isótopos estáveis de carbono e nitrogênio presentes em recipientes cerâmicos, datados entre 430 d.C. e 1.640 d.C., Eles indicariam a utilização de milho (planta C⁴) a partir de 360 d.C. e de legumes (planta C³) a partir de 1.440 d.C. De Masi (2009b) reafirma que, por volta de 1.280 d.C., nas terras altas haveria grupos construtores de estruturas subterrâneas que processariam “plantas C⁴, provavelmente milho, deixando resíduos em seus utensílios domésticos”. (p. 74).

O trabalho de Corteletti (2012, 2013) forneceu novos dados sobre a ocupação na área de Urubici por grupos Jê Meridionais. Na área ele registrou e revisitou 104 sítios. Entre estes sítios há 90 atribuídos ao sistema Jê e 14 à Tradição Umbu. Dos sítios atribuídos ao Jê existem 48 com engenharia de terra (estruturas subterrâneas, montículos, estruturas anelares com montículos, estruturas anelares sem montículos ou estruturas subterrâneas e montículos), 18 sítios superficiais (lito-cerâmicos), 7 sítios com petróglifos (em estruturas subterrâneas, em abrigo sob rocha ou em galerias subterrâneas), 17 sítios em substrato rochoso (grutas com sepultamento, abrigos sob rocha, amoladores líticos fixos e galerias subterrâneas).

Corteletti (2012) realizou intervenção em quatro sítios e empreendeu uma análise arqueobotânica dos fitólitos preservados nos recipientes cerâmicos encontrados. Através desta investigação demonstrou a existência e a variedade dos alimentos cultivados pelo grupo. O fato possibilitou inferências sobre as paisagens do Jê do Sul, buscando compreender melhor a história de longa duração dessas populações, assim como sua ligação com a tradição Taquara/Itararé. Sintetizo de forma mais detalhada o trabalho de Corteletti (2012), visto que seus resultados sobre a existência de cultivos entre as populações Jê ajudam a compreender e problematizar a complexidade entre essas populações.

O sítio Bonin/Urubici 31 possui vinte e três estruturas subterrâneas e foi anteriormente registrado por Rohr (1971, 1984). Ele está localizado “num capão de mata, distante 280m da margem esquerda do Rio Canoas, no primeiro patamar para quem sai da várzea do rio (15m de elevação em relação à margem) e na margem da rodovia SC-370” (p. 65) e relaciona-se com um conjunto maior de sítios próximos à confluência do Rio dos Bugres com o Rio Canoas. Este é composto por cinquenta e oito estruturas subterrâneas e sete montículos. A maior estrutura mapeada, existente no sítio Canadas 2, possui 11m de diâmetro e 3m de profundidade.

No sítio Bonin foi demarcada uma trincheira de 14m de comprimento e 75cm de largura cortando duas estruturas de um conjunto de três, geminadas, com objetivo de “verificar a estratigrafia das estruturas semissubterrâneas geminadas, investigar as características do sistema construtivo e buscar um contexto arqueológico que permitisse a realização de datações de radiocarbono”. (p.68). Em uma área escavada de 7m² foram encontrados 631 fragmentos cerâmicos e duas

estruturas de cocção, sendo uma em cada estrutura subterrânea. Através de análises tipológicas e da união dos fragmentos foram identificados 23 diferentes potes cerâmicos, com formas variadas e volumetria variando entre 0,1 e 10L, típicos da tradição Taquara-Itararé. Ambas as estruturas de cocção foram datadas, a primeira entre 1.280 e 1.420 cal. d.C. (Beta-298215) e a segunda entre 1.280 e 1.400 cal. d.C. (Beta-298216). As datas apontam para um período tardio da ocupação pré-colonial do sul do Brasil, confirmando a “hipótese de Reis (2007) e as conclusões de Schmitz et al. (2010) de que as estruturas geminadas são unidades habitacionais compartimentadas”. (p. 70).

O sítio Mazzon 2 é composto por uma estrutura subterrânea e por três montículos, localizados num patamar plano de topo de morro. A estrutura subterrânea, com diâmetro maior de 7,40m e menor de 6,40m e profundidade de 3m, possui “formato circular e paredes verticais na sua seção mais preservada (leste, sul e oeste)”. (p. 63). Os montículos 2 e 3, respectivamente com diâmetro maior de 7,60 e 9m e menor de 4 e 7m e altura de 80 e 90cm, são considerados “morfologicamente ‘tradicionais’, isto é, têm formato aproximadamente circular e topo ovóide”. (p. 63); já o montículo 1, com diâmetro maior de 11,50m e menor de 10m e altura de 85cm, assemelha-se mais com uma “plataforma de nivelamento, com formato semicircular e topo aplanado”. (p. 63). Na parte externa da estrutura, 6m ao sul da sua borda, foi realizada uma sondagem de 1m² com a profundidade de 60cm. Nos níveis não foi encontrado material arqueológico.

O sítio Copetti está localizado sobre uma colina com algumas áreas cobertas por mata, a 260m da margem direita do Rio Canoas e possui cinquenta estruturas subterrâneas e um montículo, sendo o sítio com o maior número de estruturas registrado na região. No centro de uma das estruturas foi realizada sondagem de 1m x 1m, na qual foram encontradas peças lascadas em basalto e seixos em praticamente todos os níveis e um fragmento cerâmico associado a carvão. Distando 600m ocorrerem outros dois sítios com assentamentos Jê (sítios Baldessar 1 e 2) com vinte estruturas subterrâneas e seis montículos, além de um sítio (Copetti 2) onde foram recolhidos, durante a execução de trabalhos agrícolas, pontas de projétil da Tradição Umbu.

O sítio Anderman/Urubici 21 localiza-se a 580m da margem esquerda do Rio Canoas; foi registrado anteriormente por Rohr (1971, 1984) e consiste em uma estrutura anelar. Atualmente a estrutura possui um buraco no seu montículo central; seu anel externo mede 20m de diâmetro e menos de 30cm de altura. O sítio foi pesquisado com métodos geofísicos, através de radar de penetração de solo (GPR) e magnetômetro. O uso do radar de penetração de solo assinalou, entre 30cm e 70cm de profundidade, possíveis objetos entre o montículo e o anel, tanto em direção sul quanto norte, além de um possível objeto, localizado entre 25cm a 40cm, na porção noroeste do montículo. Entretanto, a condutividade elétrica e a suscetibilidade magnética não assinalaram nada.

Os instrumentos líticos mais significativos pertencem às duas estruturas de combustão do sítio Bonin e são relacionados diretamente com o preparo de alimentos,

As lascas com arestas afiadas e o furador, poderiam ser usados para cortar ou descascar frutos e/ou raízes (como o inhame, a abóbora e/ou a mandioca); os chamados talhadores para destrinchar ou desmembrar animais, bem como para quebrar ossos, para a extração do tutano, ou ainda, macerar raízes como a mandioca e o inhame; e os blocos com superfícies côncavas alisadas poderiam ter sido utilizados para macerar pequenas quantidades de vegetal (como o milho, por exemplo). (CORTELETTI, 2012, p.114).

A cerâmica recuperada pertence à Tradição Taquara-Itararé e representa um contexto doméstico, sendo semelhante a outras encontradas em pesquisas no vale do Rio Canoas e Pelotas, sugerindo uma “circunscrição territorial dessa morfotipologia cerâmica ligada à proximidade do Rio Pelotas e do Rio Canoas, nas porções mais altas do planalto meridional brasileiro”. (CORTELETTI, 2012, p. 103). A presença de grãos de amido e de fitólitos nos resíduos de alimento carbonizado nos recipientes indicou a utilização destes para o cozimento de plantas domesticadas como milho, abóbora, mandioca e de plantas que podem ou não ter sido cultivadas como feijão e inhame. A comprovação da existência de cultivos através de análises arqueobotânicas produz um contexto com “ampla base de subsistência alimentar e deve apagar qualquer dúvida sobre cultivos, processamento

e consumo de diversas plantas em contextos domésticos pelas populações Jê Meridionais mais de 1 século antes da conquista”. (p. 119). Além destes dados de microbotânica, foi realizada a flotação do sedimento proveniente das duas estruturas de cocção, a fim de identificar possíveis vestígios macrobotânicos. Nesta análise foi identificada, através de fragmentos das escamas da pinha e folhas carbonizadas, a presença de *Araucaria angustifolia*, além de outras espécies ainda não identificadas.

Segundo Corteletti (2012), os resultados principais do trabalho foram o aumento do número de sítios e a percepção da diversidade e densidade dos sítios, cuja presença que faz “crer que estamos investigando uma sociedade estruturada, em emergente complexidade, e que pode ter ocupado o vale num processo de longa duração – por pelo menos 1800 anos”. (p. 220). As cronologias e o conhecimento sobre a organização sistêmica regional apontariam para a existência de um processo diacrônico de ocupação do território estudado. A percepção da paisagem composta por uma diversidade de lugares e espaços de circulação, que interagem entre si compondo uma estruturação sociocosmológica Jê. Segundo o autor,

Os grupos humanos que produziram esse cenário devem ser entendidos, ao mesmo tempo, como parte da natureza e à parte dela, ou seja, devemos compreender os antigos habitantes do Alto Canoas como agentes reprodutores e, ao mesmo tempo, transformadores de uma condição historicamente preexistente. (CORTELETTI, 2012, p. 170).

As análises arqueobotânicas de grãos de amido e fitólitos do sítio Bonin possibilitam também questões voltadas para a sazonalidade, dieta e territorialidade dessas populações.

O autor utiliza o conceito de “estratigrafia da paisagem”, compreendendo-a como sua explanação em diversos níveis, indo de uma abordagem natural até uma abordagem cultural. Assim, Corteletti (2012) define quatro possibilidades de compreensão para a paisagem Jê Meridional: como ambiente, sistema, poder e experiência.

A paisagem como ambiente é identificada por Corteletti (2012) a partir de estudos palinológicos e botânicos que indicam a contribuição dos grupos Jê para a expansão da Araucária, a qual, por sua vez, nas altitudes maiores, teria provocado alterações no modo de vida local. Afirma ser possível que a mobilidade Jê no alto

Canoas se tenha restringido às áreas planálticas, hipótese corroborada pela existência de cultivos vinculados à primavera e verão em assentamentos localizados num tipo de solo apropriado a este período anual. Desta forma, Corteletti (2012) afirma que,

Há [no alto Canoas] assentamentos mais estáveis, com uma população se alimentando de uma dieta mais variada (proveniente do extrativismo, da caça, da pesca e de cultivos), e com uma paisagem estruturada (com prováveis territórios delimitados numa floresta manejada; com reconhecimento das capacidades produtivas dos solos; com provável alto conhecimento das jazidas minerais disponíveis; etc.). (CORTELETTI, 2012, p. 174).

A paisagem como sistema é vista no adensamento dos sítios e na diferente implantação deles. No município 75% dos sítios estão localizados na baixa encosta e no fundo do vale e a maior parte das estruturas subterrâneas, com ou sem montículos, está estabelecida no sopé e encosta baixa das vertentes; assim, a maior parte das atividades cotidianas aconteceria “nas porções mais baixas do vale, ou seja, um local de topografia mais plana, com solos mais férteis e, provavelmente, com uma floresta que proporcionava a maioria dos recursos necessários para uma sustentabilidade plena”. (CORTELETTI, 2012, p. 179). A disposição dos sítios não é aleatória na paisagem, mas há nucleações com maior ou menor intensidade de sítios. Apesar de não ser registrada, devido a levantamentos não sistemáticos ou à destruição, toda a diversidade de sítios existentes numa mesma nucleação, poderia,

Representar pontos de estadia cíclica para os habitantes do Alto Canoas e, assim sendo, essas nucleações seriam a representação geográfica da mobilidade que ocorreu no planalto e do processo de longa duração antes que estarem representando ocupações simultâneas e densamente povoadas [...] Nesse sentido, uma investigação mais longa e mais detalhada, talvez possa nos informar quanto à existência de aldeias centrais e sítios periféricos. (CORTELETTI, 2012, p. 186).

Na busca de uma percepção mais ampla do sistema, baseada na relação entre o material arqueológico, principalmente a cerâmica atribuída às fases Guatambu e Xaxim, encontradas nas bacias hidrográficas dos rios Canoas e Pelotas, em associação com tipos específicos de sítios, como estruturas anelares e plataformas, Corteletti (2012) lembra que, apesar de não existir nenhum dado

etnográfico e etno-histórico sobre a existência deste território, as pesquisas arqueológicas têm produzido indícios para sua afirmação.

A paisagem como poder pode ser percebida na arquitetura desenvolvida nas terras altas. Corteletti (2012) a utiliza como uma evidência sociocultural e econômica que pode estar ligada às relações de poder expressadas e mantidas pelo grupo. A engenharia de terra “além das funções comumente sugeridas pelos arqueólogos, serve como poderosa demarcadora de território, e também como marco identitário”. (p. 193).

A ocorrência de sítios dispersos e com poucas estruturas subterrâneas, assim como a reocupação e a ocupação cíclica dos sítios poderia ser indício da existência de um “poder político efêmero”, expresso apenas em “momentos específicos de atividades comunais, como a construção das estruturas em terra [...] e em cerimônias como ritos de passagem, casamentos ou funerais”. (p. 197).

A paisagem como experiência é voltada para a percepção da diversidade dos sítios como espaços que interagem e formam uma “estruturação sociocosmológica Jê”, compreendendo “funções específicas como habitação, produção de cultivares e realização de rituais xamânicos e funerários, o que nos remete a uma paisagem estruturada, onde existem diferentes lugares com funções culturalmente definidas”. (CORTELETTI, 2012, p. 202).

Marco Aurélio De Masi (2006; 2009a) estudou sítios na área de implantação da UHE Campos Novos. Foram levantadas 150 estruturas subterrâneas, das quais cerca de 43% são estruturas isoladas. Foi realizada intervenção arqueológica em 30 estruturas. Sua leitura dos dados é diferente dos autores considerados anteriormente.

Entre os sítios escavados, 20 estruturas possuem sítios cerâmicos como o sítio mais próximo, 8 possuem sítios líticos mais próximos e 2 estruturas possuem outras estruturas subterrâneas mais próximas. Dez estruturas (33%) apresentam somente material lítico, 9 (30%) nenhuma evidência arqueológica, 7 (23%) material lítico e cerâmico associados, 3 (10%) somente carvão e 1 (3%) apenas fragmentos de vidro.

A análise cerâmica realizada pelo pesquisador demonstrou a ocorrência de decoração reticulada, zig-zag, linear horizontal e vertical, inciso linear, inciso ponteadado, espatulado, inciso borrado, ondulado e simples. As amostras de sítios

foram datadas em 2.860 a.C., 790 a.C., 1.320 d.C. e 1.670 d.C. A seriação cerâmica indicaria que os sítios mais antigos apresentam apenas fragmentos simples.

De 790 a.C. até 1.290 d.C. haveria um crescente aumento na frequência relativa dos reticulados, zig-zag e unculado aparecendo em proporções menores outros tipos decorativos. Desta forma, ocorreria no final do período (1.290 d.C.) a maior variabilidade de tipos decorativos de toda a sequência seriada. A partir de 1.290 até 1.650 d.C. todos os tipos tenderiam a diminuir em proporção até seu desaparecimento ficando apenas o tipo zig-zag no período mais recente. É necessário mencionar que o tipo simples predominaria absolutamente em todos os sítios e em todos os períodos. (DE MASI, 2006, p. 50).

O autor aplica na análise o modelo de *'forager-colector'*, proposto pelo arqueólogo norte-americano Lewis Binford. Ele busca adaptar este modelo aos dados etnohistóricos sobre os Kaingang e com isso testá-lo. Através da baixa mobilidade e da variabilidade do padrão de assentamento percebido nos sítios, De Masi (2006) afirma o modelo da população como coletora.

Ele também propõe outro modelo de padrão de assentamento para a sua área definindo espaços de atividades, onde os artefatos atribuídos à Tradição Humaitá seriam de áreas de cultivo e os atribuídos à Tradição Umbu de áreas de produção de pontas e caça dos moradores das estruturas subterrâneas e dos construtores de danceiros, formando o padrão de assentamento destes grupos, que seriam horticultores no baixo vale do Rio Canoas. A premissa desta incorporação é a de que "grupos humanos que produzem cerâmica e/ou praticam horticultura não deixam de caçar e coletar". (DE MASI, 2006, p. 52).

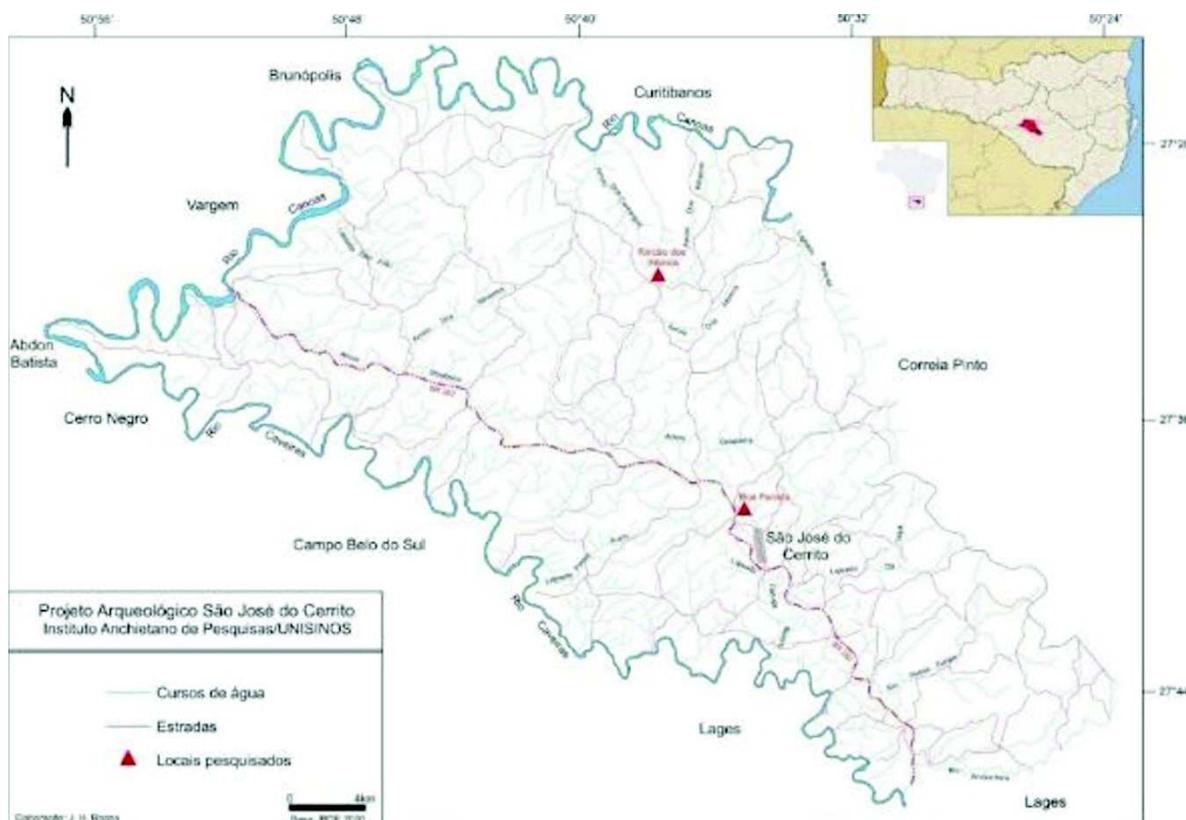
Depois deste enquadramento bibliográfico passamos a apresentar os sítios que servem de base para nossa análise.

2 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E A OCUPAÇÃO JÊ EM SÃO JOSÉ DO CERRITO

A área arqueológica estudada se localiza no município catarinense de São José do Cerrito, na região Serrana e na microrregião dos Campos de Lages. O município possui uma área estimada em 944,917km², cerca de 9.273 habitantes e uma economia de caráter essencialmente rural. (IBGE, 2016).

O município pertence à sub-bacia do rio Canoas, vinculada à Região Hidrográfica do Uruguai (Figura 3). O rio Canoas está totalmente estabelecido no Estado de Santa Catarina, possui uma bacia de 14.989km², considerada a maior do Estado e sendo, junto ao rio Pelotas, os formadores do rio Uruguai.

Figura 3 – Localização do município de São José do Cerrito



Fonte: acervo do IAP, produzido por Jairo H. Rogge.

As sub-bacias do rio Canoas e Pelotas formam uma área constituída de planaltos, originalmente cobertos pela Araucária, com superfícies suaves e regulares e uma região de ocupação socioeconômica homogênea. As características socioeconômicas principais da região Serrana foram, inicialmente, a criação extensiva de bovinos, as estruturas fundiárias de grandes propriedades, um ciclo econômico de cultivo de soja e milho e, a partir da década de 1980, o cultivo de maçãs e a atividade agroindustrial expressiva, ligada à exploração da madeira. (Caderno da Região Hidrográfica do Uruguai, 2006).

O município localiza-se no Planalto das Araucárias, porção meridional do Planalto Brasileiro coberta pela Floresta Ombrófila Mista⁷, que coexiste com áreas de campos, os chamados Campos de Altitude⁸. A transição entre as áreas de campo e a floresta é, em várias situações, repentina, ocorrendo o campo “tanto em bordas de florestas contínuas, quanto em florestas ripárias ou em capões de mato (manchas florestais insulares inseridas em uma matriz campestre)”. (BOLDRINI, 2009, p. 9).

O clima da região é predominantemente temperado úmido (tipo Cfb na classificação de Köppen), considerado favorável ao desenvolvimento das formações florestais. No período entre 42 e 10 mil anos A.P. predominaria um clima frio e seco, sendo que as áreas de campos dominariam toda a região; as florestas seriam restritas a pequenas manchas em fundo de vales. Entre 10 e 4 mil anos atrás, as temperaturas se teriam elevado, entretanto, o clima teria permanecido seco, limitando a expansão das florestas sobre os campos. (BOLDRINI, 2009). Estudos de palinologia recentes (IRIARTE; BEHLING, 2007; BEHLING et al. 2004; BEHLING, 2002) demonstram, na relação entre o pólen e carvões vegetais, uma dinâmica de avanço da floresta sobre as áreas de campo e sugerem queimadas produzidas por

⁷ A Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), denominada também de “mata de araucária” ou “pinheiral”, é um tipo de vegetação típica do Planalto Meridional, área onde ocorria com maior frequência. O Planalto Meridional é considerado o atual “clímax climático” desta vegetação. Entretanto, a Floresta de Araucária “apresenta disjunções florísticas em refúgios situados nas Serras do Mar e Mantiqueira, muito embora no passado tenha se expandido bem mais ao norte, porque a família Araucariaceae apresentava dispersão paleogeográfica que sugere ocupação bem diferente da atual”. (MANUAL TÉCNICO DA VEGETAÇÃO BRASILEIRA, 2012, p. 80).

⁸ Os Campos de Altitude possuem uma vegetação típica de ambientes montano e alto-montano, com estrutura arbustiva e/ou herbácea e uma alta diversidade florística. As gramíneas caracterizam estes campos pela formação de um estrato herbáceo contínuo. (BOLDRINI, 2009).

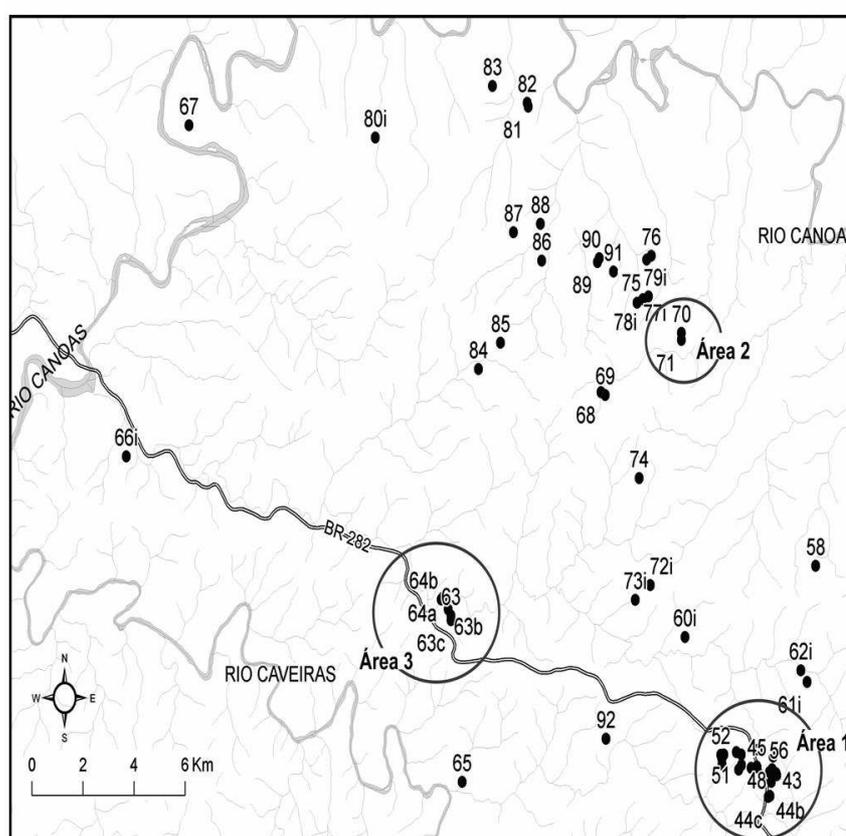
populações humanas pré-coloniais. Segundo Behling et al. (2004), os incêndios naturais seriam raros até 7.400 cal A.P., momento em que passaram a ser mais frequentes nos registros. Neste período se sugere a ocupação humana mais meridional e antiga das terras altas brasileiras; a vegetação rica em espécies dos Campos estaria relacionada a um clima mais seco e frio, existente no período glacial. As pequenas populações de Araucária, nesta época, estariam presentes apenas em refúgios de vales profundos e protegidos ou nas encostas mais úmidas. A partir do início e avanço do Holoceno, em torno de 4.320 A.P., a floresta de Araucária se teria expandido para as matas ciliares existentes ao longo dos rios; a partir de 1.100 A.P. a floresta teria substituído os Campos refletindo um período mais chuvoso e sem estação seca marcada. Este avanço da Araucária coincidiu com a redução de fogo nos registros.

Este ambiente e geografia transforma o Planalto de Santa Catarina num rico espaço de ocupação e de recursos naturais para as populações indígenas pré-coloniais de origem Jê Meridional. Dados reunidos por Beber (2004) demonstram a oferta de pinhão durante todo o ano, proveniente de diferentes espécies de Araucária. Segundo o autor, apesar de não existirem dados específicos sobre a densidade produtiva de cada espécie, este recurso, ainda que disponível em menor quantidade, não poderia deixar de ser significativo para estas populações que poderiam ter desenvolvido “estratégias de estocagem, como sugerem os dados etno-históricos, ou mesmo de cultivo” (p. 125) para superar os períodos de menor oferta de pinhão. De modo paralelo à afirmação, Corteletti (2012) identificou, através da análise arqueobotânica de amidos e de fitólitos, o consumo de plantas cultivadas em sítios arqueológicos do município de Urubici, também no Alto Canoas. Este contexto de ocupação faz do Planalto Meridional catarinense uma das áreas com maior quantidade, concentração e diversidade de sítios arqueológicos construídos através da movimentação de terra, tradicionalmente atribuídos às populações de origem Jê Meridional.

Em São José do Cerrito os primeiros levantamentos sistemáticos foram realizados por Maria José Reis entre os anos de 1974 e 76. Neste período os dados obtidos pela pesquisadora foram objeto de estudo de sua Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade de São Paulo em 1980 e publicada em 2007.

Fundamentada na grande densidade, precisão e singularidade dos sítios registrados por Reis (2007) em São José do Cerrito, a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, a partir de 2007, passou a revisitar os sítios já identificados e cadastrar os sítios não registrados; a partir de 2010 passou a empreender intervenções arqueológicas, trabalhando até o momento em três diferentes localidades do município: Boa Parada (área 1), Rincão dos Albinos (área 2) e Santo Antônio dos Pinhos (área 3).

Figura 4 – Áreas estudadas em São José do Cerrito



Fonte: Beber (2013), produzido por Marcus V. Beber, adaptado pelo autor.

Entre estas três localidades, destacamos as intervenções realizadas nos sítios SC-CL-70 e 71 (Rincão dos Albinos), nos sítios SC-C-43, 46, 51, 52, 56 e 94 (Boa Parada), que originaram interessantes dados sobre a complexidade na estruturação, organização, funcionamento, duração e cronologia destes sítios

arqueológicos. Os dados relacionados e sistematizados neste trabalho são provenientes de diferentes publicações (SCHMITZ et al., 2010; SCHMITZ; ROGGE, 2011, 2013; BEBER, 2013; NOVASCO, 2013; SCHMITZ; NOVASCO, 2013; SCHMITZ et al., 2013a; SCHMITZ et al., 2013b; SCHMITZ, 2014; SCHMITZ et al., 2016a), relatórios inéditos e do acervo do Instituto, além da experiência do autor em todas as atividades de campo entre os anos de 2011 e 2016. Estes dados, quando comparados com os procedentes de outras pesquisas e enfoques, permitirão uma compreensão mais profunda do povoamento da região pelos grupos de origem Jê Meridional.

2.1 Rincão dos Albinos

Na localidade do Rincão dos Albinos, Reis (2007) localizou dois grandes sítios arqueológicos (SC-CL-70 e SC-CL-71), separados por um pequeno fluxo de água e distantes menos de 100m. Os levantamentos mais recentes identificaram 39 estruturas subterrâneas no primeiro sítio e 68 estruturas subterrâneas e 10 montículos no segundo sítio. Os novos trabalhos optaram por considerar ambos os sítios como apenas um grande conjunto formado por 107 “estruturas subterrâneas”, sendo este considerado “o maior sítio com este tipo de estruturas no Planalto Meridional”, além de constituir “o melhor lugar para discutir a formação de estruturas subterrâneas no Sul do Brasil”. (SCHMITZ; ROGGE, 2011, p.187). Entretanto, apesar de formar um grande conjunto, as descrições físicas, tanto de Reis (2007), quanto as mais recentes, referem-se a sítios separados, por isso aqui os trataremos nesta sistemática.

Os sítios de Rincão dos Albinos estão nas áreas mais altas do terreno, localizados em meio à mata com araucária, em um ambiente geral de vegetação herbácea. Devido à ação humana, a vegetação arbórea é mais rala atualmente, mas os sítios ainda se encontram relativamente bem preservados. Os sítios estão separados por um pequeno fluxo de água que deságua num arroio, distante cerca de 500m. Em 2009 e 2010 a localidade foi revisitada pela equipe do IAP; as intervenções arqueológicas ocorreram no ano de 2011 no sítio SC-CL-70 (SCHMITZ

et al., 2013a; SCHMITZ; ROGGE, 2011) e no ano de 2012 no SC-CL-71 (SCHMITZ et al., 2013a), cada vez durante quatro semanas no mês de janeiro.

2.1.1 Sítio SC-CL-70

Este sítio (coordenadas geográficas 27°31'38.86"S – 50°37'39.27"O) possui 39 estruturas subterrâneas, sendo anteriormente 36 registradas por Reis (2007), predominantemente de tamanho pequeno⁹ (56,41%) e assentadas num espaço de cerca de 4000m², estando aglomeradas ou até mesmo sobrepostas (Tabela 1). Neste sítio não ocorre nenhum montículo.

Tabela 1 – Tamanho das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-70

Estrutura	Diâmetro	Profundidade
1	4m	0,60m
2	4m	0,60m
3	5,50m	1m
4	4m	Entre 0,60 e 0,80m
5	4m	Entre 0,60 e 0,80m
6	4,50m	Entre 0,60 e 0,80m
7	4m	Entre 0,50 e 0,60m
8	5m	0,80m
9	4m	Entre 0,50 e 0,60m
10	4m	Entre 0,50 e 0,60m
11	6,50m	1m
12	7,50m	1m
13	6,50m	1,10m
14	7,50m	1m
15	4m	0,70m
16	5,50m	0,90m
17	4m	0,70m
18	5,50m	0,90m
19	3,50m	0,50m
20	5m	0,90m
21	5m	Entre 0,90 e 1m
22	5m	0,80m
23	4m	0,60m
24	6,50m	1,20m
25	4m	0,50m

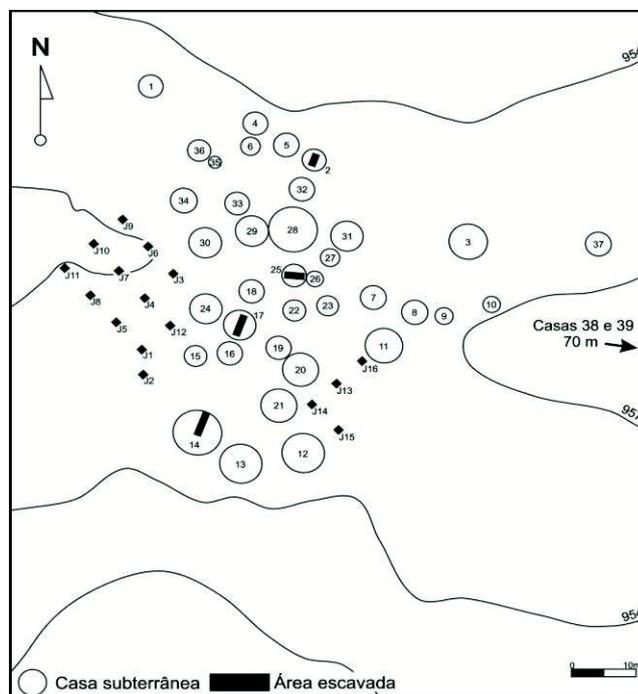
⁹ As estruturas classificadas como pequenas possuem menos de 4m de diâmetro, as médias entre 5 e 6m de diâmetro e as grandes entre 6 e 8m de diâmetro.

26	2m	0,50m
27	4m	1m
28	8m	2m
29	6,50m	0,90m
30	Não consta	Não consta
31	4m	Entre 0,50 e 0,80m
32	4,50m	0,90m
33	4,50m	0,90m
34	4m	Entre 0,50 e 0,80m
35	2m	0,60m
36	4m	0,60m

Fonte: Adaptado de Reis (2007).

As intervenções realizadas pelo IAP ocorreram em quatro estruturas de diferentes tamanhos deste sítio (estruturas 14, 17, 25 e 2). A fim de compreender melhor a funcionalidade das estruturas e seu entorno, foram abertas 16 janelas arqueológicas de 1m² (Figura 5). A intervenção ocorreu em níveis artificiais de 10cm.

Figura 5 – Estruturas e intervenções no sítio SC-CL-70



Fonte: Schmitz et al. (2013a), produzido por Jairo H. Rogge.

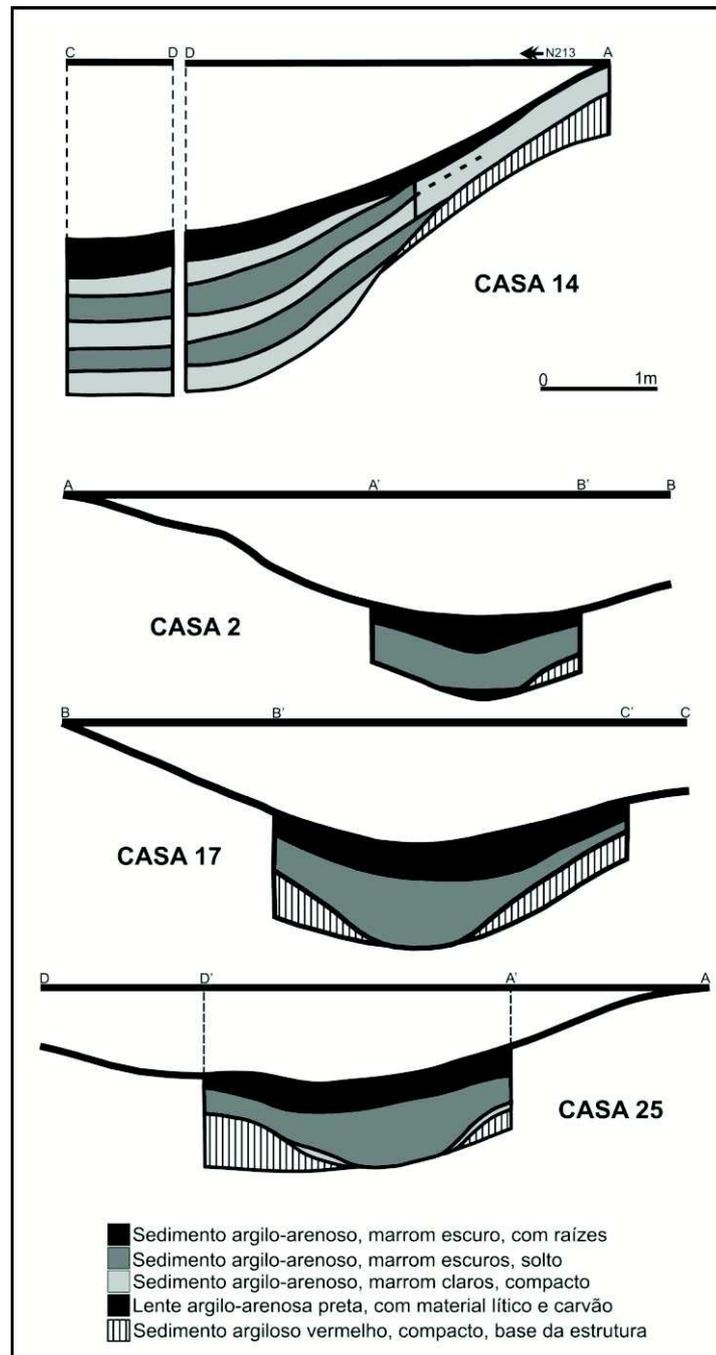
A estrutura 2 possui 4m de diâmetro e 2,5m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado um corte de 1 x 2m, que atingiu 0,8m de profundidade. Foram identificadas duas camadas que sugerem mais de uma ocupação, porém de pouca densidade (Tabela 2). O material lítico recuperado consiste em seixos, fragmentos, núcleos, lascas e mão de pilão.

A estrutura 14 possui 8m de diâmetro e 3,5m de profundidade após a intervenção, nela foi realizado um corte de 1 x 4m que atingiu 0,9m de profundidade. A estratigrafia revelou quatro camadas de ocupação identificadas por sedimento mais escuro e solto. Estas camadas de ocupação são sucedidas e intercaladas por camadas de abandono da estrutura (Tabela 2). Na estrutura não há cerâmica e o material lítico recuperado consiste em seixos, fragmentos, núcleos, lascas e mão de pilão.

A estrutura 17 possui 5m de diâmetro e 3m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado um corte de 1 x 3,5m, que atingiu 0,9m de profundidade. Foi identificada uma camada escura de ocupação, entretanto a datação realizada evidencia no mínimo duas ocupações diferentes, separadas entre si por um período de sete séculos (Tabela 2). O material lítico recuperado consiste em seixos, fragmentos, núcleos, lascas e mão de pilão.

A estrutura 25 possui 5m de diâmetro e 2,5m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado um corte de 1 x 3m, que atingiu 0,80m de profundidade. Foram identificadas mais ocupações, evidenciadas pela densidade da camada, disposição do material e a variação dos picos e curvas cronológicas do gráfico da medição radioativa, que insinua a mistura de carvões provenientes de duas ocupações diferentes (Tabela 2). O material arqueológico é abundante, composto por seixos, fragmentos, núcleos, lascas e mão de pilão.

Figura 6 – Perfis estratigráficos das estruturas do sítio SC-CL-70



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2013a), produzido por Jairo H. Rogge.

Nas estruturas 2, 17 e 25 a intervenção alcançou o centro da concavidade, em todas as quatro intervenções foram definidas as paredes ascendentes de ambos os lados da estrutura, entretanto, em nenhuma delas foi alcançada a borda superior da depressão. Em relação ao formato das estruturas, Schmitz e Rogge (2011, p.

189) afirmam que as depressões têm a forma próxima a “um chapéu de abas caídas, com uma larga escavação da periferia em aproximadamente 45° (a aba), seguida de um aprofundamento com ângulo de 80 a 90° (a copa)”. Neste espaço aprofundado foram encontrados indícios de ocupação, formados por sedimentos de cor escura (ricos em matéria orgânica), pedras fraturadas pela ação térmica do fogo, artefatos líticos e grãos de carvão. Todavia, em nenhuma das estruturas foram encontrados fragmentos cerâmicos. Os aterros niveladores das estruturas são considerados modestos, devido ao tamanho, relativamente, pequeno das depressões; além disto, muitos dos aterros estão pouco definidos, devido à exploração da área. As camadas de ocupação são mais escuras e o sedimento mais solto, distinguindo-se assim do piso e das paredes da depressão, que possuem sedimento mais compacto e avermelhado. As diferentes ocupações se distinguem entre si pela alternância com outros sedimentos não relacionados diretamente com a ocupação, por exemplo, os sedimentos decorrentes da ação do escoamento de água da chuva pelas paredes da depressão, formando um sedimento mais claro e saibroso. Foram datadas por radiocarbono as quatro estruturas subterrâneas escavadas:

Tabela 2 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-70

Estrutura	Data A.P.	Observação
14	1.320 ± 40 (Beta-293588)	Primeira ocupação
17	1.320 ± 40 (Beta-293589)	Primeira ocupação
	470 ± 50 (Beta-297432)	Segunda ocupação
25	1.190 ± 40 (Beta-293590)	Possível mistura de diferentes ocupações
2	1.080 ± 30 (Beta-297429)	Camada inferior

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz e Rogge (2011).

No entorno das estruturas escavadas foram abertos 16 cortes de 1m² (janelas arqueológicas) com o objetivo de compreender melhor a funcionalidade deste espaço. Em todos os cortes realizados ocorreram carvões, pedras com marcas de fraturas pelo fogo, lascas e núcleos simples. Nos cortes 3, 8, 10, 12, 14 e 2 foram

identificadas áreas de atividades externas no sítio. No corte 3 foi evidenciada uma estrutura de combustão, artefatos lascados e um fragmento de mão de pilão. Nos cortes 12 e 14 ocorreram estruturas de fogo, consideradas mais simples do que as evidenciadas nas estruturas subterrâneas, todavia, possuíam uma camada mais espessa de utilização. No corte 2 foi recuperado um polidor de arenito.

Foram encontrados 16 fragmentos cerâmicos nos cortes 8 e 10, sendo 8 fragmentos em cada corte, localizados na porção mais distante das estruturas subterrâneas e pertencendo a dois pequenos recipientes com cerca de 7cm de diâmetro de abertura. A cerâmica representa recipientes verticais e com leve inflexão, sendo um deles decorado com duas faixas paralelas embaixo do bojo posterior à inflexão. Neles o “lábio é arredondado, o antiplástico de areia muito fina; o núcleo é negro, a superfície interna e a externa marrom, a externa talvez com brunido. Todas as características são da Tradição Itararé”. (SCHMITZ; ROGGE, 2011, p. 192). Foram datados por radiocarbono os cortes 3, 8 e 14 (Tabela 3).

Tabela 3 – Datas dos cortes no entorno do sítio SC-CL-70

Corte	Data A.P.	Observação
Corte 14	1.400 ± 40 (Beta-297431)	Estrutura de combustão
Corte 3	1.250 ± 40 (Beta-297430)	Estrutura de combustão
Corte 8	1.140 ± 40 (Beta-293591)	Ocupação com cerâmica

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz e Rogge (2011).

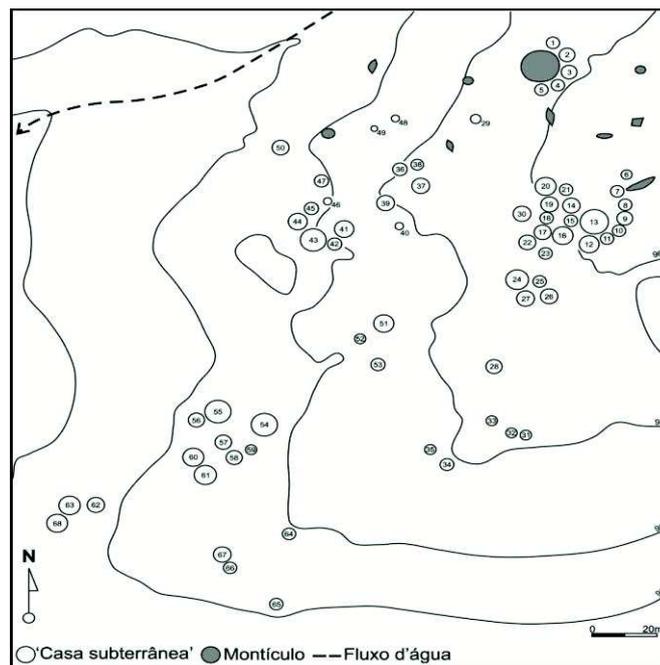
Nas intervenções realizadas tanto nas estruturas quanto nos cortes, a matéria prima do material lítico encontrado é, predominantemente, o basalto, a calcedônia e o quartzo. O basalto, como ocorrência local, aparece nas pedras das fogueiras e na confecção da maior parte dos artefatos. A calcedônia é rara dentro das estruturas subterrâneas, porém aparece com maior frequência nas áreas próximas às estruturas 1, 3, 4, 12, 14 e 15. O quartzo, ainda que considerado em pequena quantidade, ocorre tanto no entorno quanto nas depressões. De modo sintético, os artefatos líticos constituem-se de instrumentos polidos em basalto, de artefatos lascados em basalto, calcedônia, quartzo e arenito silicificado, de seixos de basalto,

alguns utilizados como percutores e de um alisador em arenito. Apesar da identificação destes artefatos, não foram localizados espaços destinados à produção intensa destes objetos. Artefatos cerâmicos, como citado anteriormente, foram encontrados apenas nos cortes 8 e 10, realizados no entorno mais distante das estruturas subterrâneas, estando ausentes na intervenção realizada no interior das depressões.

2.1.2 Sítio SC-CL-71

Este sítio (coordenadas geográficas 27°31'49.00"S – 50°37'44.00"O) possui 68 estruturas subterrâneas, predominantemente de tamanho médio (42,64%) e pequeno (39,70%), implantadas numa pequena área, estando, assim como no sítio SC-CL-70, aglomeradas ou até mesmo sobrepostas (Figura 7 e Tabela 4) Neste sítio ocorrem 10 montículos de formato circular ou alongado, com diâmetro entre 2,5 e 5,0m e altura em torno de 1m (Tabela 5).

Figura 7 – Estruturas do sítio SC-CL-71



Fonte: Schmitz et al. (2013a), produzido por Jairo H. Rogge.

Tabela 4 – Tamanho das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-71.

Estrutura	Diâmetro	Profundidade
1	4,50m	0,80m
2	4,50m	0,80m
3	5m	1m
4	4,50m	0,80m
5	4,50m	0,90m
6	3,50m	0,60m
7	2,50m	0,60m
8	4,50m	0,70m
9	3,50m	0,70m
10	4m	0,50m
11	5,50m	0,80m
12	3,50m	0,80m
13	8m	1,20m
14	5m	0,90m
15	3,50m	0,70m
16	6m	10m
17	4,50m	Entre 0,80 e 1m
18	4m	Entre 0,80 e 1m
19	5m	Entre 0,80 e 1m
20	6m	1,10m
21	4m	0,90m
22	4,50m	0,50m
23	3,50m	0,70m
24	7m	Entre 0,80 e 2m
25	3,50m	Entre 0,80 e 2m
26	5m	Entre 0,80 e 2m
27	5m	1m
28	4,50m	0,80m
29	3m	0,80m
30	5m	1m
31	3m	Entre 0,60 e 0,70m
32	3m	Entre 0,60 e 0,70m
33	3m	Entre 0,60 e 0,70m
34	4m	0,70m
35	3m	0,60m
36	5,50m	0,90m
37	4m	0,90m
38	4,50m	0,90m
39	5,50m	1,20m
40	2m	0,80m
41	5,50m	1,10m
42	5m	1m
43	7,50m	1m
44	6m	1m
45	4m	0,60m
46	2m	0,50m
47	Não consta	Não consta
48	2,50m	0,60m
49	2m	0,60m
50	5m	1m
51	5,50m	1m

52	3,50m	0,90m
53	3,50m	0,70m
54	8m	1,20m
55	7m	0,90m
56	5m	0,80m
57	5m	1m
58	5m	0,80m
59	3,50m	0,60m
60	6,50m	2m
61	6,50m	1m
62	4,50m	0,90m
63	6m	1m
64	3,50m	0,50m
65	4,50m	0,70m
66	4,50m	0,70m
67	5,50m	1,10m
68	6,50m	1,10m

Fonte: Adaptado de Reis (2007).

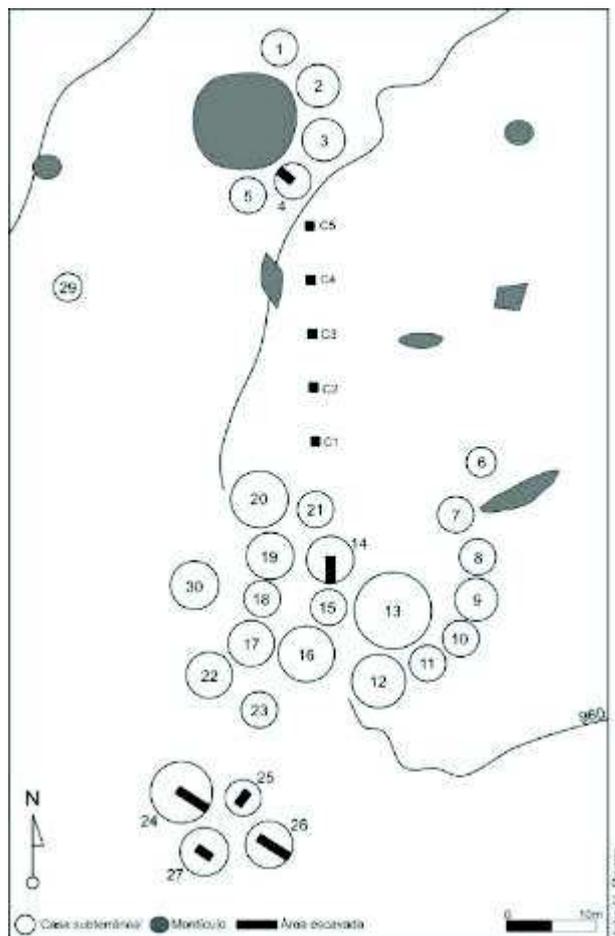
Tabela 5 – Tamanho dos montículos do sítio SC-CL-71

Montículo	Forma	Diâmetro	Altura
1	Circular	3m	0,80m
2	Elipsoide	5 x 2m	0,60m
3	Elipsoide	4 x 2m	0,50m
4	Elipsoide	4 x 3m	0,70m
5	Não consta	Não consta	Não consta
6	Não consta	2,50m	0,70m
7	Elipsoide	3,50 x 1,50m	Não consta
8	Elipsoide	4,50 x 1,50m	0,80m
9	Não consta	3,50m	0,80m
10	Não consta	3m	0,70m

Fonte: Adaptado de Reis (2007).

As intervenções realizadas pelo IAP ocorreram em seis estruturas subterrâneas (estruturas 4, 14, 24, 25, 26 e 27), pertencentes a três diferentes aglomerados de estruturas (Figura 8). No espaço que liga dois conjuntos, localizado entre as estruturas 4 e 14, foram realizados 5 cortes de 1 x 1m, separados entre eles por intervalos de 5m. A escavação ocorreu em níveis artificiais de 10cm. Não foram realizadas intervenções nos montículos.

Figura 8 – Intervenções realizadas no sítio SC-CL-71



Fonte: Schmitz et al. (2013a), produzido por Jairo H. Rogge.

A estrutura 4 possui 4,5m de diâmetro e 1,4m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado, na direção do centro para a borda, um corte de 1 x 2m. O corte atingiu 0,6m de profundidade, momento em que penetrou no lençol freático, inviabilizando a intervenção. Foram identificadas duas diferentes ocupações, separadas por uma camada de abandono. A primeira ocupação foi datada (Tabela 6). Na ocupação mais recente, relacionada aos dois primeiros níveis, ocorreu um fragmento de cerâmica; na ocupação mais antiga, percebida no centro da depressão, não ocorreu cerâmica.

A estrutura 14 possui 5m de diâmetro e 2,6m de profundidade após a escavação, nela foi realizado um corte de 1 x 3m, que atingiu 1,4m de profundidade e alcançou o centro e uma parte da parede da estrutura. Foram identificadas e

datadas duas camadas de ocupação (Tabela 6). O material lítico recuperado consiste em núcleos e lascas.

A estrutura 24 possui 7m de diâmetro e 2,8m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado um corte de 1 x 4m que atingiu 1,3m de profundidade, alcançando o centro e a parede da estrutura. Foram identificados dois aglomerados de seixos e blocos, possíveis estruturas de fogo. A estrutura superior foi datada (Tabela 6), entretanto os dados de laboratório sugerem uma possível contaminação com carvão recente. A estrutura mais profunda não foi datada devido à existência de pouco carvão. O material lítico recuperado consiste em núcleos, lascas e possível fragmento de mão de pilão.

A estrutura 25 possui 3,5m de diâmetro e 2m de profundidade após a escavação; nela foi realizado um corte de 1 x 2m que atingiu 0,9m de profundidade e o centro da depressão. Foram identificados dois pacotes estratigráficos principais, o superior com menos indícios de ocupação e o inferior com a existência de duas fogueiras, que não foram datadas. O material lítico recuperado são núcleos e lascas.

A estrutura 26 possui 5m de diâmetro e 2m de profundidade após a intervenção; nela foi realizado um corte de 1 x 4m que atingiu 1,2m de profundidade e alcançou o centro e parte da parede. Foram identificadas cinco ocupações com abundante material arqueológico, entre estas foram datadas três ocupações (Tabela 6). Os níveis estratigráficos mais superficiais diferem dos mais profundos devido à presença de oito fragmentos cerâmicos, provenientes de dois pequenos recipientes, junto a carvões. Nos níveis mais profundos não ocorreu nenhuma cerâmica. Nos níveis 4 e 7 foram encontrados pinhões carbonizados. O material lítico recuperado consistiu em núcleos, cristais, lascas e um talhador. Os dados laboratoriais sugerem que o carvão utilizado para datar a quarta ocupação pode estar misturado com algum carvão da quinta ocupação, onde há ocorrência de cerâmica; a data e a cerâmica encontrada são semelhantes aos dados produzidos no corte 8 do sítio SC-CL-70. O carvão recuperado na quinta ocupação não foi seguro para a realização de datação. De modo geral, o perfil estratigráfico bem marcado, a dessemelhanças dos sedimentos e as datações produzidas evidenciam que a estrutura foi ocupada por diversas vezes e durante curtos intervalos de tempo.

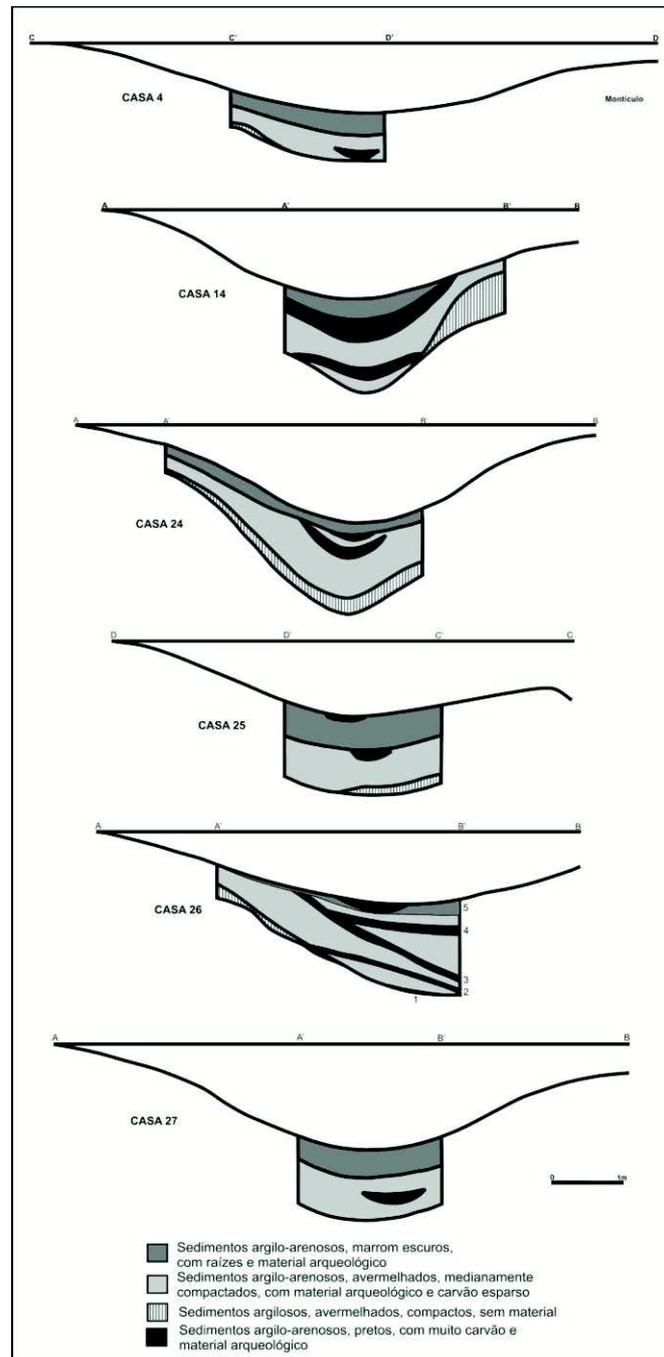
Tabela 6 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-71

Estrutura	Data A.P.	Observação
Estrutura 4	830 ± 30 (Beta-316467)	Primeira ocupação
Estrutura 14	1.350 ± 30 (Beta-316465)	Primeira ocupação
	370 ± 30 (Beta-316464)	Segunda ocupação
Estrutura 24	240 ± 30 (Beta-316466)	Possível contaminação
Estrutura 26	1.290 ± 30 (Beta-319371)	Segunda ocupação
	1.310 ± 30 (Beta-319372)	Terceira ocupação
	1.270 ± 30 (Beta-319374)	Quarta ocupação
	1.260 ± 30 (Beta-329373)	Quarta ocupação
Estrutura 27	1.330 ± 30 (Beta-319370)	Nível 6
	1.360 ± 30 (Beta-319363)	Nível 10

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz et al. (2013a).

A estrutura 27 possui 5m de diâmetro e 2,5m de profundidade após a intervenção; no centro dela foi aberto um corte de 1 x 2m que atingiu 0,9m de profundidade. Foram identificados dois pacotes estratigráficos, o superior possui a consistência mais granulosa e heterogênea e a cor marrom escura, já o da inferior é mais fino, homogêneo e amarelado. Esta diferença entre os pacotes sugere a deposição de sedimento sob influências climáticas diferentes. No pacote inferior foram datadas (Tabela 6) duas diferentes ocupações, separadas por um pequeno intervalo de tempo. Entre 50 e 90cm de profundidade ocorreram estruturas de combustão, formadas por seixos agrupados, abundante carvão e cascas de pinhão. O material lítico, presente a partir do nível 3, consiste em núcleos, lascas e uma mão de pilão.

Figura 9 – Perfil estratigráfico das estruturas do sítio



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2013a), produzido por Jairo H. Rogge.

Nas seis estruturas subterrâneas escavadas foram identificadas mais de uma ocupação; nas estruturas 25 e 27 as ocupações são um pouco maiores do que nas demais depressões, onde ocorreram ocupações de curta duração. O material lítico recuperado nas estruturas consiste em blocos, seixos, núcleos, lascas e fragmentos,

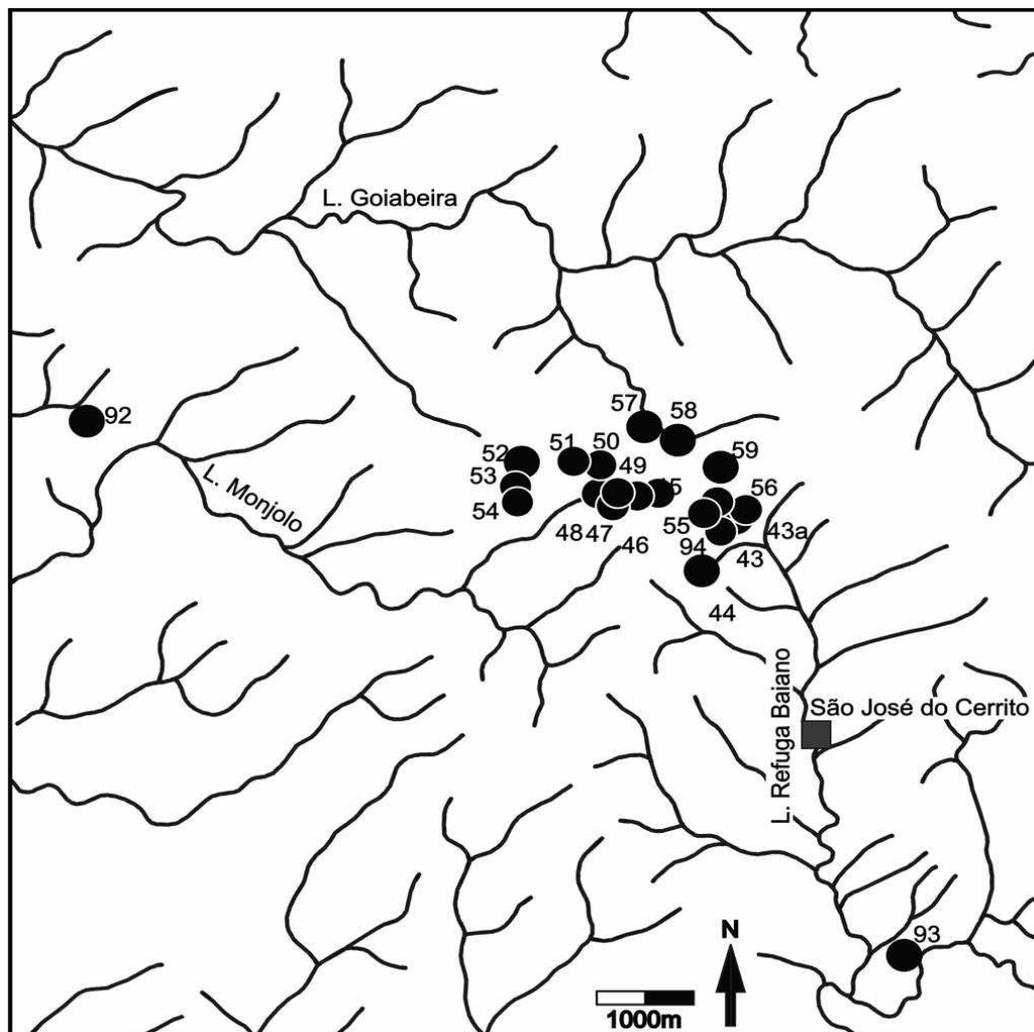
em basalto, arenito, quartzo e calcedônia. Foram encontrados 9 fragmentos cerâmicos da Tradição Taquara/Itararé no sítio, cerâmica semelhante à recuperada nos cortes 8 e 10 do sítio SC-CL-70. Na estrutura 4 ocorreu um fragmento simples, com abertura em torno de 12cm, com queima oxidante e parede interna e externa avermelhada. Na estrutura 26 ocorreram oito fragmentos simples, relacionados a duas vasilhas pequenas, com diâmetro do bojo em torno de 16cm, a queima é bem acentuada, as paredes interna, externa e o núcleo são pretos e há presença de resíduos de uso na parede interna.

No espaço plano existente entre as estruturas 4 e 14 foram realizados 5 cortes (1m²), separados e alinhados por intervalos de 5 m. O corte 1 atingiu 0,3m de profundidade; nos níveis superiores ocorreram seixos, fragmentos, lascas, cristais de quartzo, um núcleo e um talhador. O corte 2 atingiu 0,3m de profundidade; nele ocorreram seixos, fragmentos, cristais, um núcleo e uma lasca. O corte 3 atingiu 0,5m de profundidade, possui estratigrafia perturbada; nele ocorreram seixos, fragmentos, cristais e lascas. O corte 4 atingiu 0,2m de profundidade; nele foram recuperadas lascas e cristais. O corte 5 estava praticamente sem material. O carvão encontrado nestes cortes não produziu nenhuma data segura. O material arqueológico encontrado nestes cortes indica que o entorno das estruturas subterrâneas também era um espaço utilizado pelo grupo.

2.2 Boa Parada

Os sítios arqueológicos da Boa Parada chamam a atenção por estarem concentrados numa área elevada, de mata mista, em meio ao campo, onde outros sítios são raros (Figura 10). A equipe escavou diversos sítios nesta área, dos quais destaque os sítios SC-CL-43, 46, 51, 52, 56 e 94.

Figura 10 – Sítios arqueológicos da Boa Parada



Fonte: Schmitz et al. (2010).

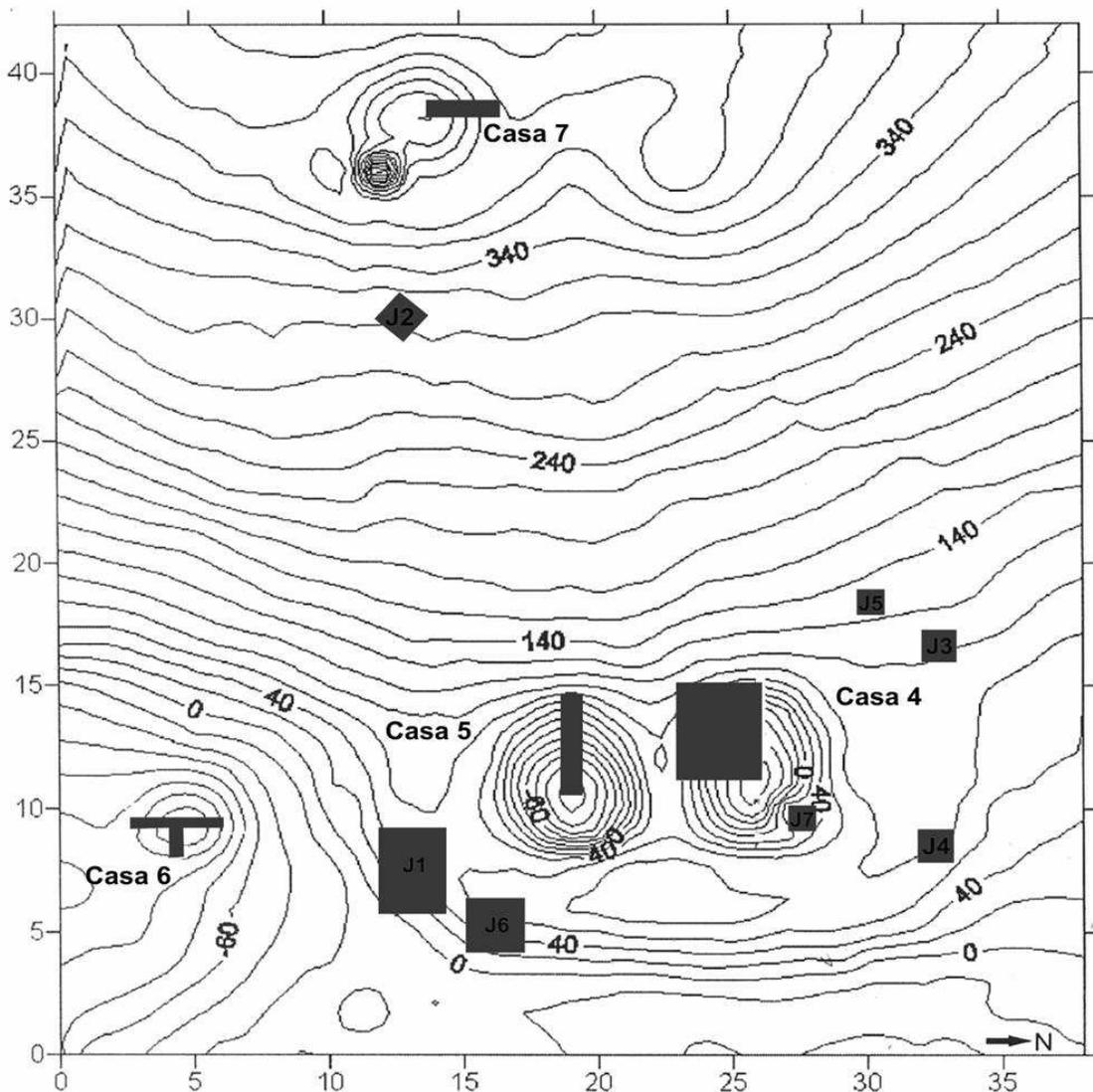
Estes sítios são formados por estruturas subterrâneas, aterros e estruturas anelares e localizam-se a cerca de 19km dos sítios do Rincão dos Albinos. Todas as intervenções ocorreram em níveis artificiais de 10cm.

2.2.1 Sítio SC-CL-43

O sítio SC-CL-43 (coordenadas geográficas 27°38'34,1"S – 50°35'18,3"O) é composto por quatro estruturas subterrâneas, duas destas estruturas, as de número

4 e 5, estão unidas pelo mesmo aterro, formando um estrutura geminada com um único telhado. Neste sítio ocorreram intervenções (Figura 11) nas quatro estruturas, no entorno e em áreas dos aterros destas estruturas. O foco será nos trabalhos realizados nas estruturas 4, 5 e 7 e nas quatro trincheiras abertas no aterro das estruturas 4 e 5.

Figura 11 – Intervenções no sítio SC-CL-43

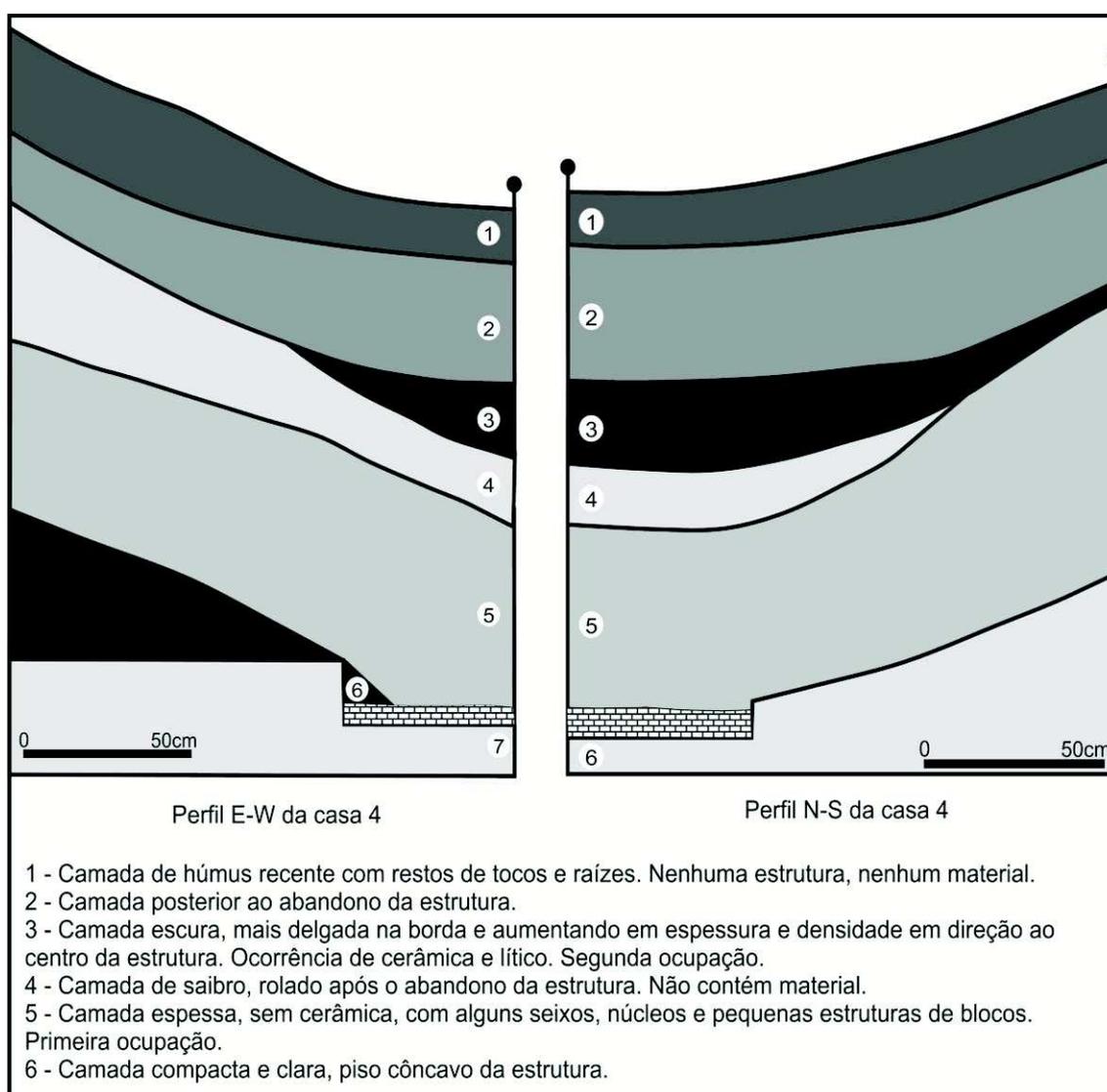


Fonte: Schmitz et al. (2010).

A estrutura 4 possui 5,20 x 6,00m de diâmetro e 3m de profundidade após a intervenção. Na depressão foi aberto um quadrante que atingiu 1,30m de profundidade, ultrapassando a base de rocha decomposta, que formava o

piso. Foram identificadas duas camadas de ocupação, separadas por períodos de abandono (Figura 12). A ocupação mais profunda, composta por poucos carvões e relacionada à camada 5, não foi datada. A ocupação mais recente, com ocorrência de cerâmica e associada à camada 3 foi datada (Tabela 7). O material lítico recuperado consiste em fragmentos, núcleos, lascas, seixos, blocos e um fragmento de mão de pilão. O material cerâmico encontrado foram 16 fragmentos pertencentes à tradição Taquara/Itararé.

Figura 12 – Perfil estratigráfico da estrutura 4 do sítio SC-CL-43



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

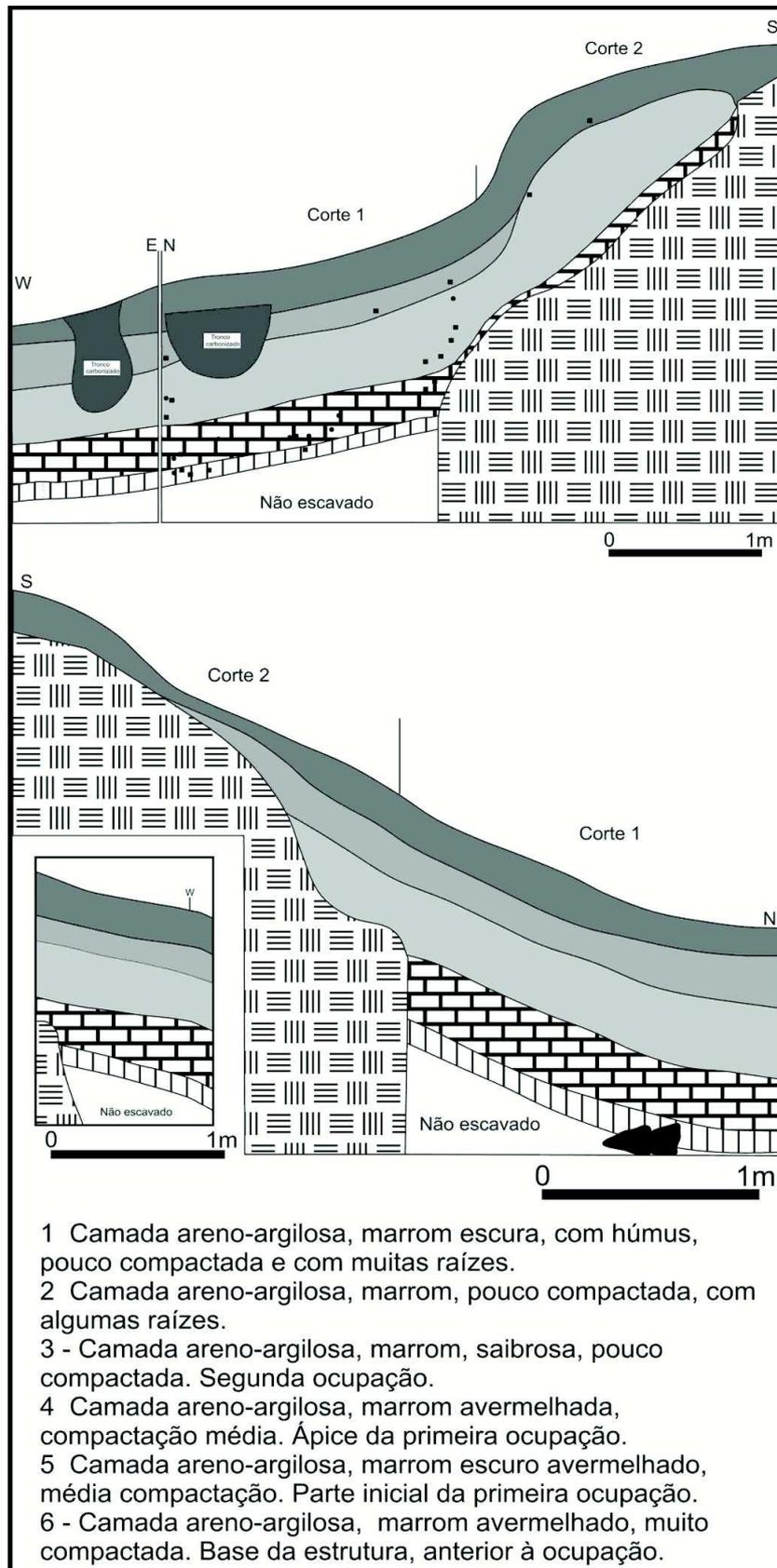
Tabela 7 – Datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-43

Estrutura	Data A.P.	Observação
Estrutura 4	470 ± 50 (Beta-256216)	Segunda ocupação
Estrutura 5	640 ± 40 (Beta-275575)	Primeira ocupação
Estrutura 7	370 ± 40 (Beta-285996)	Primeira ocupação

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz et al. (2010).

A estrutura 5 possui 5,80 x 5,40m de diâmetro e 1,75m de profundidade anterior à intervenção, nela foram abertos dois cortes contínuos de 1 x 2m, que atingiram do centro até a borda da depressão e 1,30m de profundidade. O corte 1 revelou duas ocupações cerâmicas e o piso côncavo da estrutura, formado por basalto decomposto. A primeira ocupação, localizada sobre a base da estrutura foi datada (Tabela 7). O corte 2 não evidenciou camadas consolidadas de ocupação, apenas material lítico associado ao saibro ou sobre ele (Figura 13). O material lítico recuperado na estrutura 5 consiste em seixos, blocos, lascas, fragmentos, núcleos, cristais e um enxó. No total foram encontrados 4 fragmentos cerâmicos da tradição Taquara/Itararé.

Figura 13 – Perfil estratigráfico da estrutura 5 do sítio SC-CL-43



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

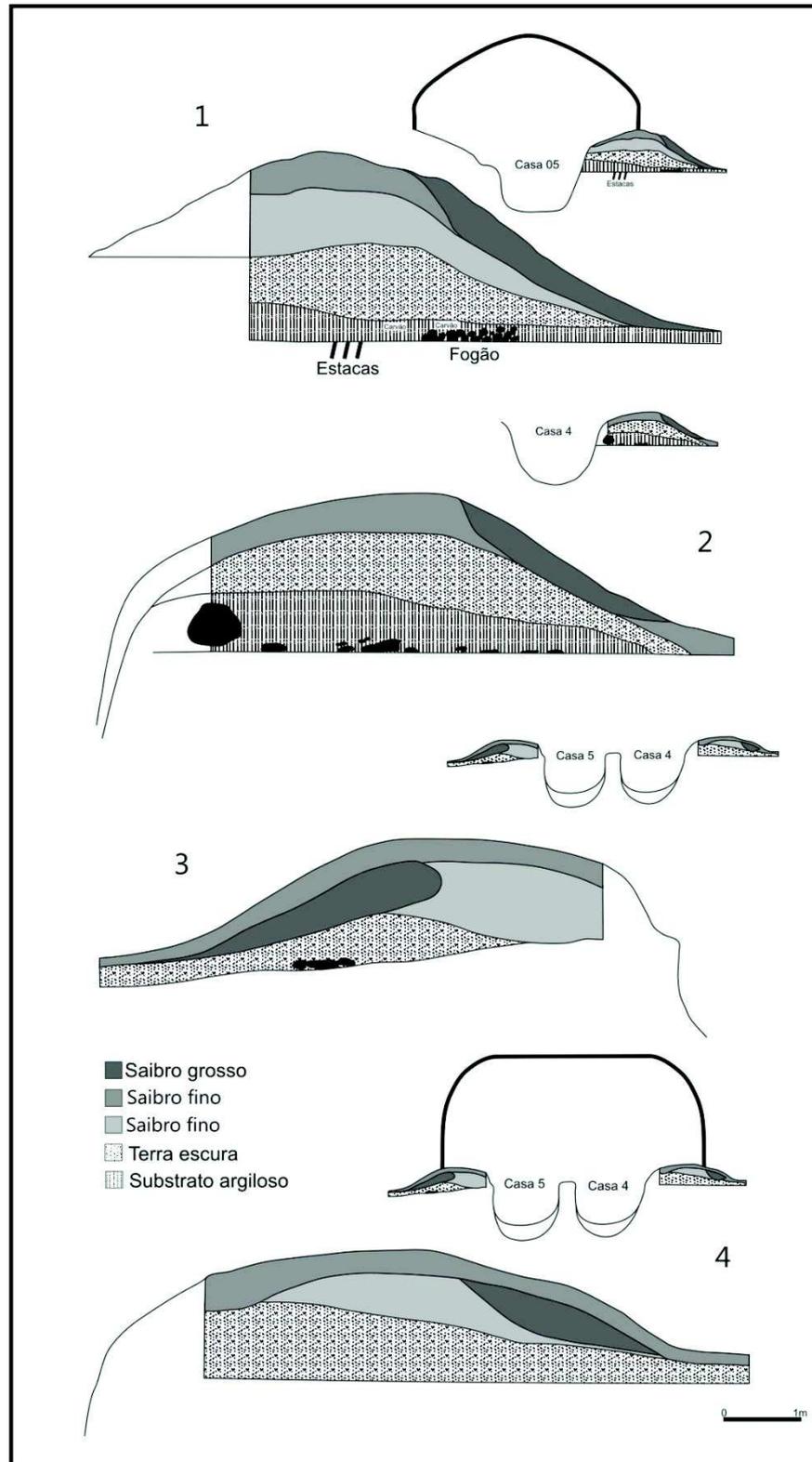
A estrutura 7 possui 4,20 x 4,80m de diâmetro e 1m de profundidade anterior à intervenção; nela foi aberta uma trincheira de 1 x 2,7m, que partiu do centro e chegou até a borda da depressão, atingindo 1,20m de profundidade. Na estrutura foram identificados dois momentos de ocupação, o primeiro relacionado à construção da estrutura, nos níveis 12 e 13 (Tabela 7) e segundo, mais recente, visível entre os níveis 9 e 4. O material lítico consiste em lascas e fragmentos. A estratigrafia é semelhante com as estruturas 4 e 5. Não foi encontrada cerâmica.

No aterro das estruturas 4 e 5 foram abertas quatro trincheiras com 50cm de largura e 6m de comprimento. Duas destas trincheiras foram abertas no sentido Sul-Norte, as outras duas no sentido Leste-Oeste, atingindo três lados da estrutura geminada; o quarto lado era uma rampa levemente ascendente. A intervenção ocorreu em níveis artificiais de 10cm.

A trincheira 1 foi aberta no sentido Sul-Norte no aterro da estrutura 5, cerca de 2,20m de distância do centro; nela foram identificadas cinco camadas estratigráficas. Na camada mais profunda, representada pelo terreno original, ocorreu uma grande estrutura de combustão, com cerca de 2m de diâmetro e abundante carvão, que foi datado em 2.640 ± 40 anos A.P. (Beta-275577). Na trincheira, em direção ao centro estrutura subterrânea 5, ocorreram cinco círculos entre 10 e 20cm de diâmetro, compostos por um saibro mais claro, coloração que se destacava em meio ao sedimento mais escuro da camada. Estes círculos são evidências de estacas relacionadas ao momento de ocupação revelado pela estrutura de combustão (Figura 14).

A trincheira 2 foi aberta paralela à anterior, em frente à estrutura 4, distando cerca de 1 m da sua borda. A estratigrafia evidenciada foi semelhante à da trincheira 1 e novamente ocorreu um estrutura de combustão com bastante carvão, entretanto, com diâmetro menor (Figura 14).

Figura 14 – Perfil estratigráfico das trincheiras 1, 2, 3 e 4 do sítio SC-CL-43



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

A trincheira 3 foi aberta junto à estrutura 5, em sentido Leste-Oeste, cerca de

1 m de distância da borda. As camadas foram semelhantes às das anteriores, apenas o terreno original que antes era plano, mostrou-se com dois pequenos declives. Próximo a estes declives ocorreram lugares de fogo, com carvão e material lítico (núcleo, talhador e seixos naturais). No primeiro nível (10cm), numa área próxima à estrutura 5, foram encontrados um núcleo e alguns fragmentos cerâmicos (Figura 14).

A trincheira 4 foi aberta no sentido Leste-Oeste, próxima à estrutura 4, iniciando a cerca de 1m da borda. As camadas foram semelhantes às anteriores, a única diferença foi o saibro que começou a surgir mais distante da borda. No nível 2 ocorreu um fragmento de lascamento médio e uma lasca pequena (Figura 14).

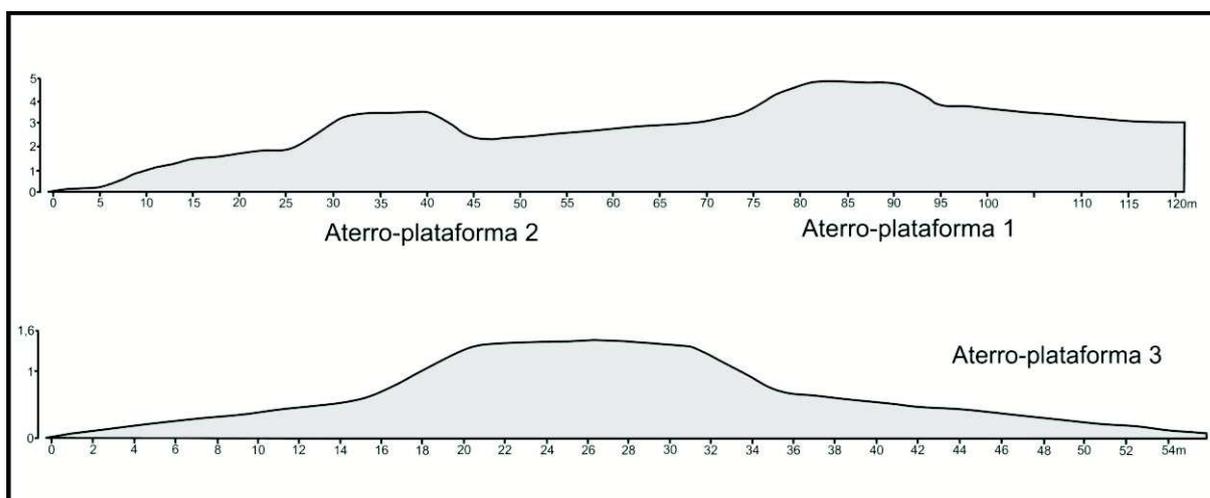
2.2.2 Sítio SC-CL-46

O sítio SC-CL-46 (coordenadas geográficas 27°38'27.90"S – 50°35'58.30"O) é composto por três aterros-plataforma¹⁰, localizados numa área ondulada do terreno (Figura 15). A distância entre os aterros 1 e 2 é de cerca de 28m, já o intervalo entre estes e o aterro 3 é de aproximadamente 150m. Os três aterros-plataforma do sítio sofreram intervenção.

Reis (2007), anteriormente, registrou neste sítio duas estruturas subterrâneas, distantes cerca de 40m dos aterros, a primeira com 8,50m de diâmetro e 1 m de profundidade e a segunda com 11m de diâmetro e 1,70m de profundidade. Na superfície do entorno das estruturas, a pesquisadora coletou dois raspadores, três picões, duas lâminas de machado, dois percutores e uma faca; já o material cerâmico consistiu em 352 fragmentos pertencentes à tradição Taquara/Itararé. Apesar das indicações de Reis (2007), estas estruturas subterrâneas não foram localizadas nos trabalhos recentes.

¹⁰ É um termo usado por Schmitz et al. (2013) para identificar grandes aterros de superfícies aplanadas, construídos por etapas sucessivas de aterramento e abandono.

Figura 15 – Perfil dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2013b), produzido por Raul Novasco.

O aterro-plataforma 1 possui 22m de diâmetro, 1,10m de altura e o topo aplanado. Na área próxima do centro do aterro foi aberto um corte de 1 x 2m que atingiu 1,10m de profundidade, alcançando o terreno original de saibro e blocos de basalto. Foram evidenciadas quatro camadas bem definidas de sedimentos argilosos de coloração marrom clara ou avermelhada que se alternam, de forma transicional, com camadas de sedimentos argilosos de coloração marrom escura (Figura 16). As camadas 2 e 4 foram datadas (Tabela 8). O material lítico consiste em cristais, lascas, fragmentos e núcleos. Neste aterro-plataforma foram recuperados no total de 22 fragmentos cerâmicos atribuídos à tradição Taquara/Itararé.

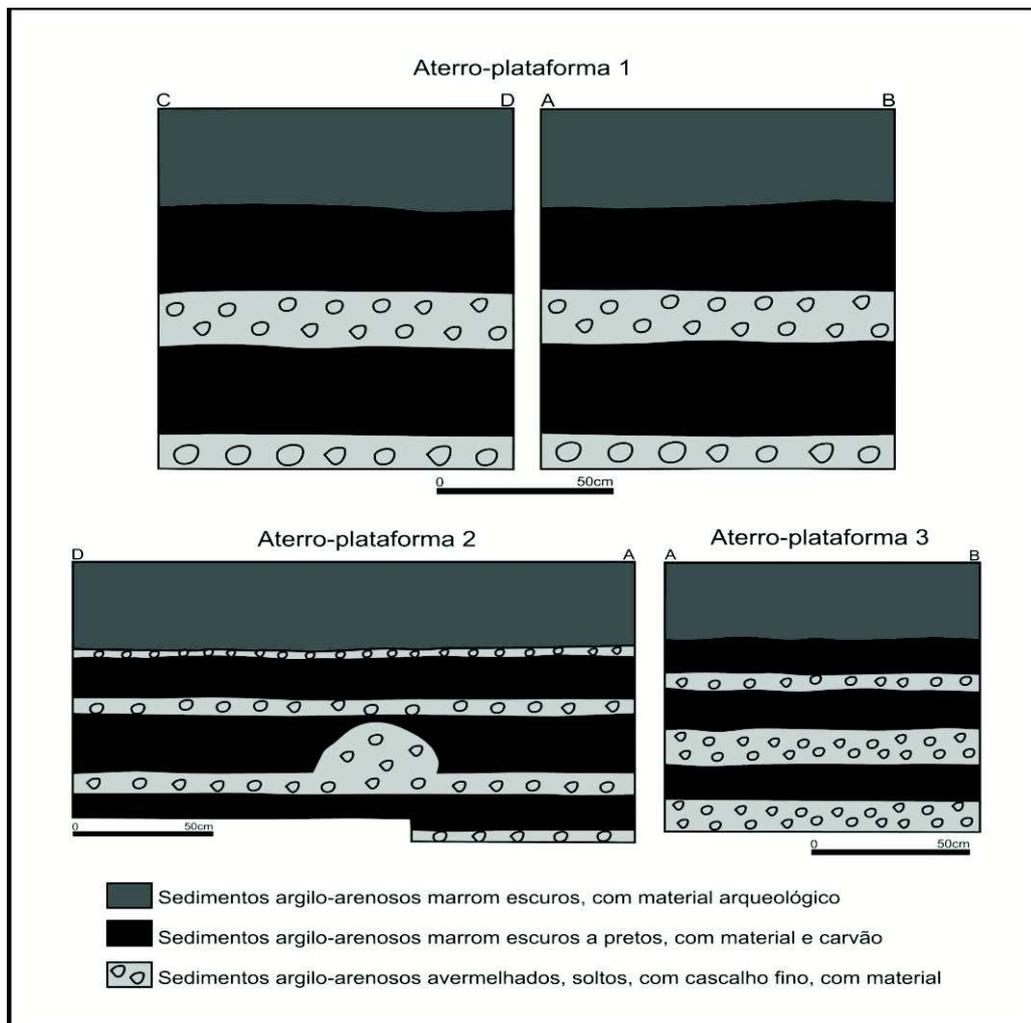
Tabela 8 – Datas dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46

Estrutura	Data A.P.	Observação
Aterro-plataforma 1	510 ± 30 (Beta-357346)	Camada 2
Aterro-plataforma 1	580 ± 30 (Beta-351739)	Camada 4
Aterro-plataforma 2	610 ± 30 (Beta-357351)	Camada 7
Aterro-plataforma 3	910 ± 30 (Beta-351742)	Camada 6
Aterro-plataforma 3	690 ± 30 (Beta-370819)	Camada 4

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz et al. (2013b).

O aterro-plataforma 2 possui 17m de diâmetro, 1,20m de altura e o topo plano. No centro do aterro foi aberto um corte de 1 x 2m que alcançou 1,20m de profundidade, momento em que atingiu o terreno original composto por argila vermelha e compacta. Foram identificadas oito camadas diferentes na construção do aterro. Os materiais arqueológicos e as camadas identificadas na intervenção são semelhantes à estratigrafia revelada no aterro-plataforma 1 (Figura 16). A camada 7 foi datada (Tabela 8), evidenciando relação próxima com a camada 4 do aterro-plataforma 1. Foram recuperadas lascas, seixos, fragmentos, cristais e núcleos. O material cerâmico consistiu em 33 fragmentos.

Figura 16 – Perfil estratigráfico dos aterros-plataforma do sítio SC-CL-46



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2013b).

O aterro-plataforma 3 possui 20m e 0,90m de altura e não foi identificado

anteriormente por Reis (2007). No centro foi realizado um corte de 1 x 1 m, que atingiu 0,90m, profundidade que revelou o terreno de argila vermelha sobre o qual o aterro foi construído. Depois foi aberto, no centro do aterro, um corte de 2 x 2m. As camadas evidenciadas mostram uma primeira camada, de uns 10 cm, clara, de cinza, na qual apareceram numerosos pequenos fragmentos ósseos carbonizados. As camadas, depois, se sucedem alternando estratos de cor marrom claro com estratos de cor marrom mais escuro. A partir da superfície essas camadas são cortadas por covas de aproximadamente 2m de boca e 0,9m profundidade, consideradas covas de cremação ou de deposição de cremados. Há dois níveis com cerâmica, o primeiro acompanhando o estrato de cinza da base, o segundo as covas, a partir da superfície, na qual também existe uma estrutura de fogo. Foi datado o estrato ligado à primeira cremação e às covas (Tabela 8).

2.2.3 Sítio SC-CL-51

O sítio SC-CL-51 (coordenadas geográficas 27°38'13,2"S – 50°36'19,6"O) possui seis estruturas subterrâneas, sendo duas destas geminadas de duas em duas (Tabela 9). O sítio foi identificado pela primeira vez por Reis (2007). Neste trabalho destaco a intervenção realizada na estrutura 5, a depressão de maior tamanho do sítio. Entretanto, as estruturas subterrâneas 2, 4 e 6 também foram escavadas pela equipe do IAP; os resultados da estrutura 4 foram publicados em Schmitz *et al.*, 2013b; os das estruturas 2, 5 e 6 em Schmitz *et al.*, 2016a.

Tabela 9 – Tamanhos e datas das estruturas subterrâneas do sítio SC-CL-51

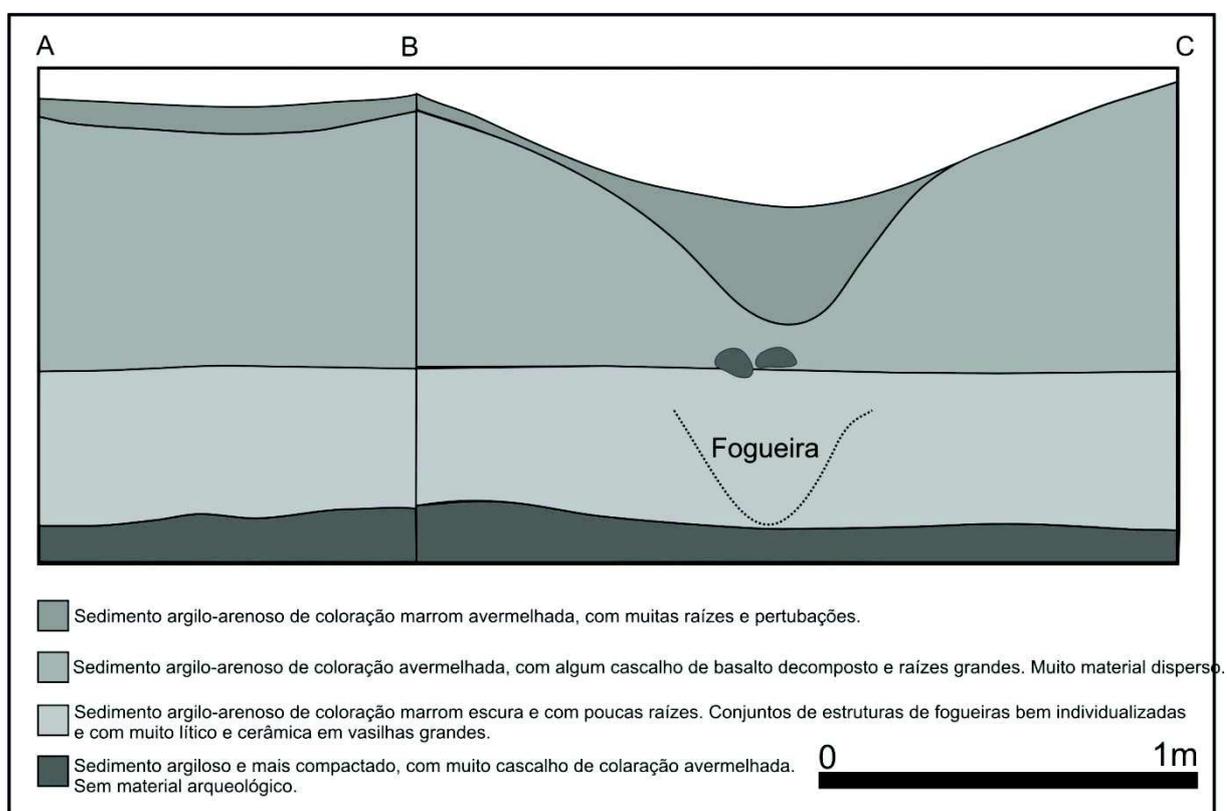
Estrutura	Diâmetro	Profundidade	Data A.P.
1	5m	0,80m	
2	5m	0,90m	
3	5m	0,80m	
4	6,50m	0,90m	320 ± 30 (Beta-351741)
5	7,60m	1,90m	330 ±30 (Beta-411919)
6	5m	0,50m	

Fonte: organizado pelo autor.

A estrutura 5 possui, em torno de sua boca, um aterro plano e pouco saliente, cuja largura varia entre 3 e 7m. Na estrutura foi aberto um corte de 1 x 2m, numa

área deslocada do centro e atingiu 1,10m de profundidade. No início da escavação foram removidos 20cm de entulho, com lixo contemporâneo; a partir daí iniciou-se a remoção dos níveis arqueológicos de 10cm. Entre os 40 e 50cm não ocorreram estruturas definidas, apenas materiais dispersos; mas entre o 50 e 60cm já eram perceptíveis porções das estruturas da camada inferior. A partir de 60cm até os 90cm, quando a intervenção alcançou o piso original de saibro do terreno, ocorreram estruturas de fogo e abundante cerâmica e carvão, formando uma camada de densa ocupação. A datação foi realizada no nível entre 80 e 90cm (Tabela 9).

Figura 17 – Perfil estratigráfico da estrutura 5 do sítio SC-CL-51



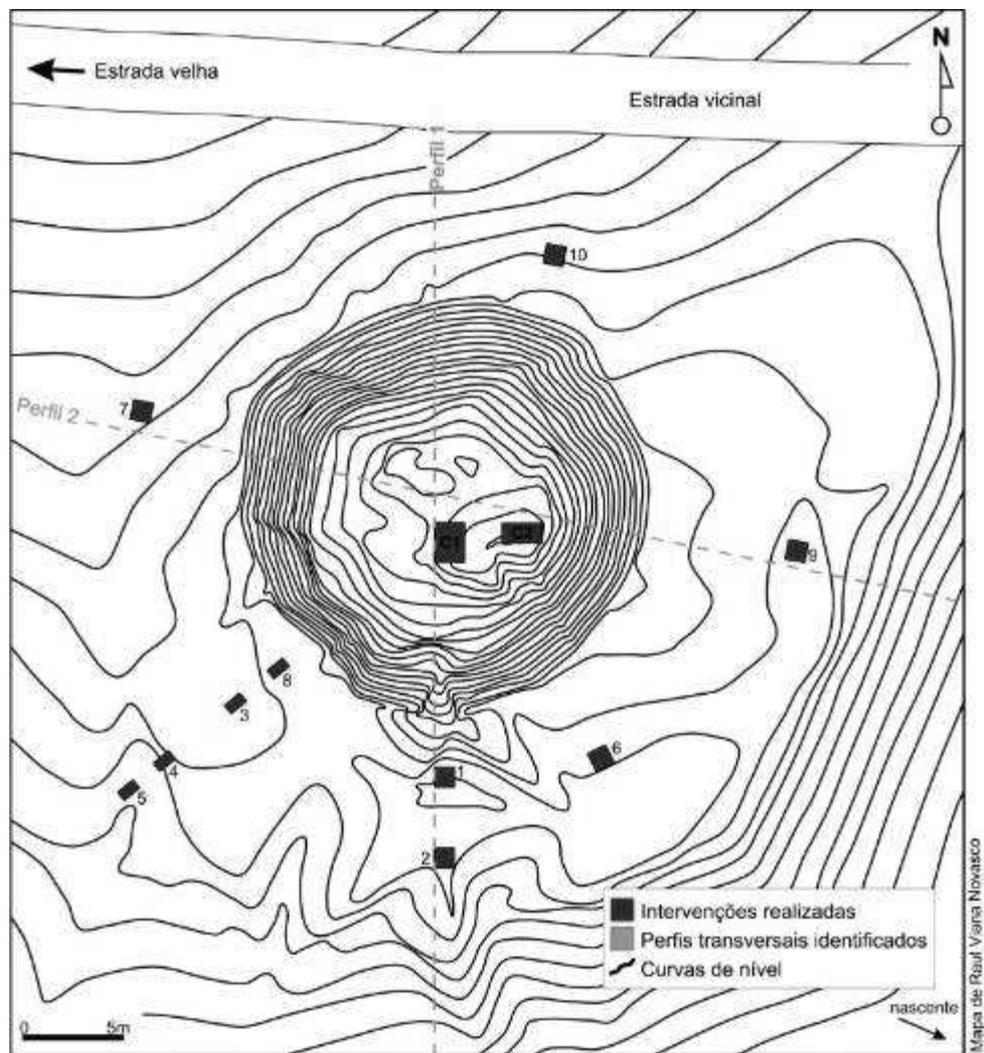
Fonte: Schmitz et al. (2016a).

O material lítico recuperado é abundante e característico; o cerâmico são recipientes da Tradição Taquara/Itararé, que foram abandonados e quebraram no interior da estrutura e estão sendo reconstituídos. (Schmitz et al., 2016a).

2.2.4 Sítio SC-CL-52

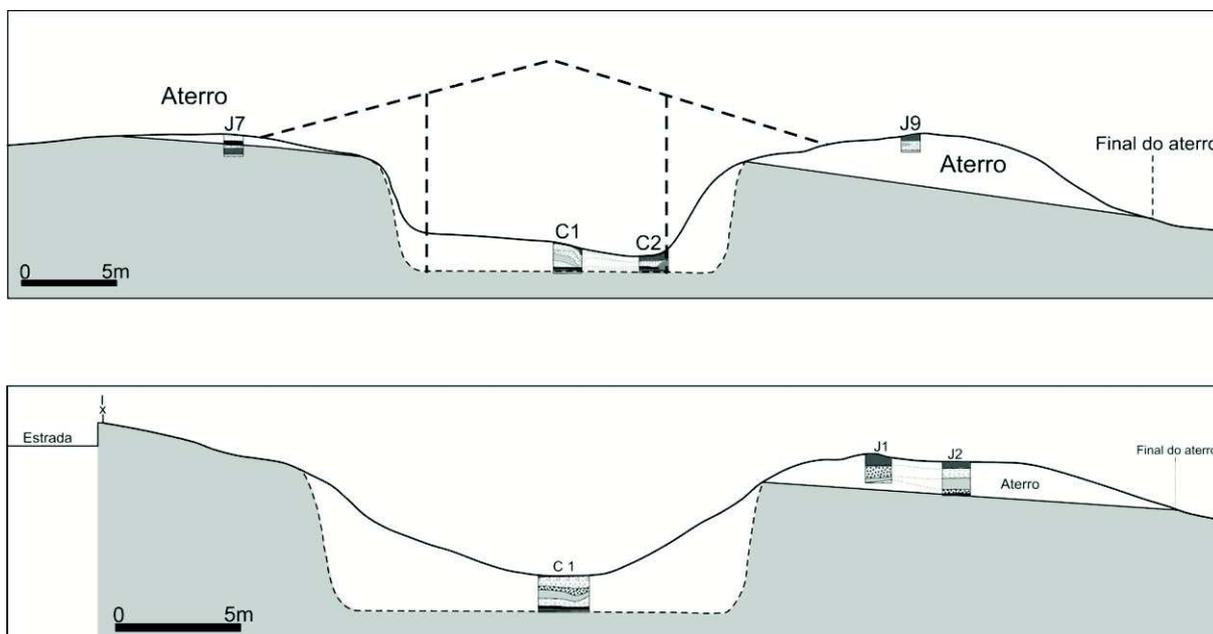
O sítio SC-CL-52 (coordenadas geográficas 27°38'12.30"S – 50°36'39.80"O) é formado por uma grande estrutura subterrânea e um aterro plataforma (sítio SC-CL-52a, coordenadas geográficas 27°38'15,50"S – 50°36'37.10"O). O sítio está localizado no ponto mais alto do terreno e à beira da antiga estrada que ligava os municípios de Lages e Curitibaanos. Na depressão foram realizados dois cortes, totalizando 5m² e dez janelas arqueológicas no aterro externo da estrutura, totalizando de 9m² (Figura 18).

Figura 18 – Planta topográfica da estrutura subterrânea do sítio SC-CL-52



Fonte: Schmitz et al. (2013b), produzido por Raul Novasco.

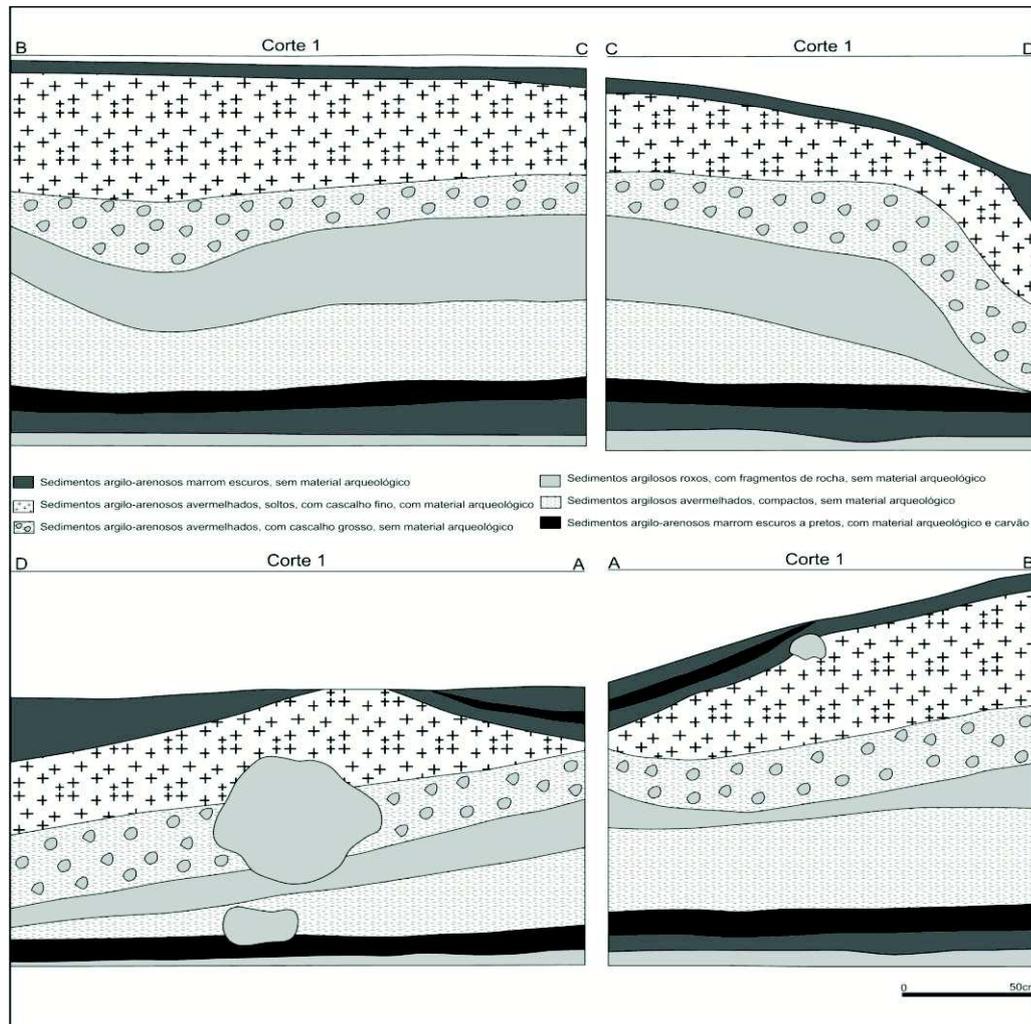
Figura 19 – Perfis da estrutura subterrânea SC-CL-52, com indicação de cortes e proposta de cobertura



Fonte: Schmitz et al. (2013b), produzido por Jairo Rogge.

A estrutura subterrânea possui 19,50 m de diâmetro, 4,30m de profundidade antes da intervenção e 6m após a intervenção. A estrutura é circundada por um aterramento retangular de 34 por 36m. Na depressão foram abertos dois cortes. O corte 1 foi realizado no centro da estrutura e mediu 2 x 1,5m, atingindo 1,60m de profundidade, quando o lençol freático começou a aflorar (Figura 19). Foram identificadas sete camadas arqueológicas e três ocupações diferentes (camadas 2, 3 e 6) separadas por períodos de abandono (Figura 20). No total foram encontrados 17 fragmentos cerâmicos da tradição Taquara/Itararé; entre o material lítico ocorreram lascas, fragmentos, núcleos, seixos, blocos, cristais e raspadores. A primeira ocupação, na camada 6, foi datada em 860 ± 30 A.P. (Beta-357350).

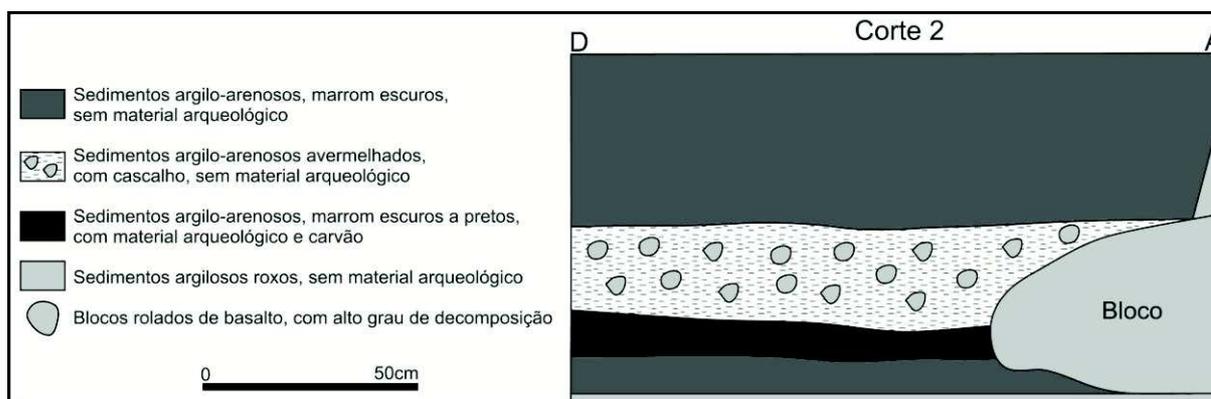
Figura 20 – Perfil estratigráfico do corte 1, na estrutura do sítio SC-CL-52



Fonte: Schmitz et al. (2013b), produzido por Jairo Rogge.

O corte 2 mediu 1 x 2m, atingiu 1,60m de profundidade e também encontrou água. O corte foi aberto no talude interno da depressão, junto à parede. As camadas identificadas são semelhantes às evidenciadas no corte 1, porém menos espessas (Figura 21). Foram recuperados apenas 2 fragmentos cerâmicos. O material lítico consistiu em lascas, núcleos, blocos, fragmentos e seixos. Na porção do corte mais próxima à parede da estrutura ocorreram blocos de basalto que formavam um conjunto, possivelmente a consolidação de um dos esteios de sustentação do telhado. Nos níveis acima deste conjunto de blocos ocorreram os restos carbonizados de um tronco de madeira em pé, possivelmente um esteio.

Figura 21 – Perfil estratigráfico do corte 2, na estrutura do sítio SC-CL-52



Fonte: Schmitz et al. (2013b), produzido por Jairo Rogge.

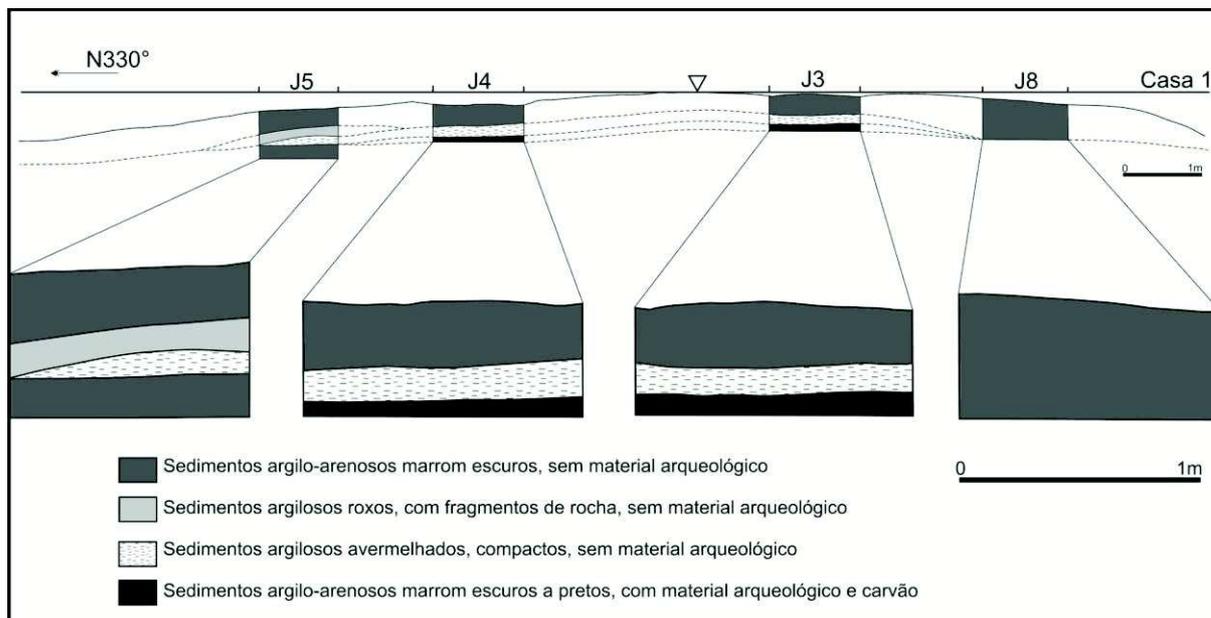
No aterro que circunda a depressão foram abertas 10 janelas arqueológicas (Tabela 10) com intuito de compreender melhor este espaço que circunda a boca da estrutura (Figura 22). Não foi encontrada cerâmica nessas janelas, apenas uns poucos objetos líticos. Acredita-se que parte da área onde foram abertos os cortes estaria sob o telhado da estrutura. A janela 4 foi datada em 870 ± 30 (Beta-351742).

Tabela 10 – Janelas arqueológicas abertas no sítio SC-CL-52

Janela	Tamanho	Profundidade	Altura do aterro	Camada
Janela 1	1 x 1m	0,95m	0,95m	4
Janela 2	1 x 1m	1,40m	1,40m	5
Janela 3	0,70 x 1m	0,50m	0,40m	3
Janela 4	0,70 x 1m	0,51m	0,43m	3
Janela 5	0,70 x 1m	0,80m	0,63m	4
Janela 6	1 x 1m	0,90m	± 1,50m	6
Janela 7	1 x 1m	0,90m	Pouco aterro	4
Janela 8	0,70 x 1m	0,45m	Sem aterro	1
Janela 9	1 x 1m	0,73m	± 1,33m	3
Janela 10	1 x 1m	0,45m	Sem aterro	3

Fonte: Elaborado a partir de Schmitz et al. (2013b).

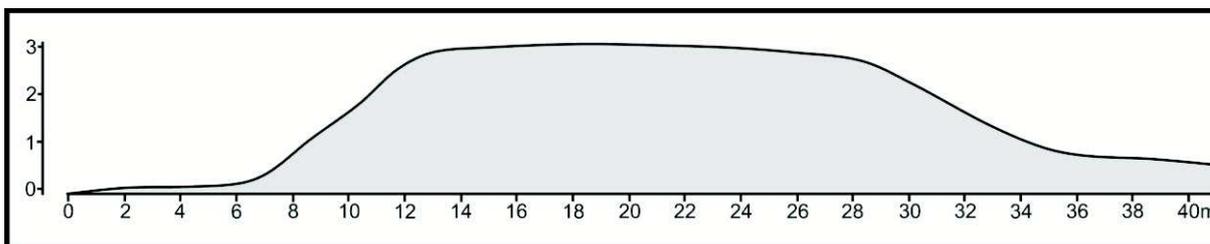
Figura 22 – Perfil estratigráfico das janelas abertas no sítio SC-CL-52



Fonte: Schmitz et al. (2013b), produzido por Jairo Rogge.

A cerca de 40 m do sítio SC-CL-52 há um aterro-plataforma, registrado como sítio SC-CL-52a (coordenadas geográficas 27°38'15.50"S – 50°36'37.10"O). A estrutura mede 26 x 29m de diâmetro e 2,20m de altura (Figura 23). Este aterro foi registrado pela primeira vez por Reis (2007), que naquela época abriu uma trincheira de 14 x 0,5m, no sentido Oeste-Leste, que atingiu o centro e a borda da estrutura e recolheu sedimentos e carvões. Sua escavação foi realizada por níveis artificiais de 20cm e atingiu 2,20m de profundidade, quando atingiu o terreno original. Segundo a pesquisadora, a intervenção “não revelou qualquer alteração significativa na composição e aspecto geral dos diversos níveis”, apenas na profundidade de cerca de 2 m que ocorreu uma “pequena concentração de argila avermelhada, formando bolas de 3 a 4cm de diâmetro, além de pequenos pontos esparsos de carvão”. (REIS, 2007, p. 44).

Figura 23 – Aterro-plataforma 4, no sítio SC-CL-52a



Fonte: Schmitz (2014), produzido por Raul Novasco.

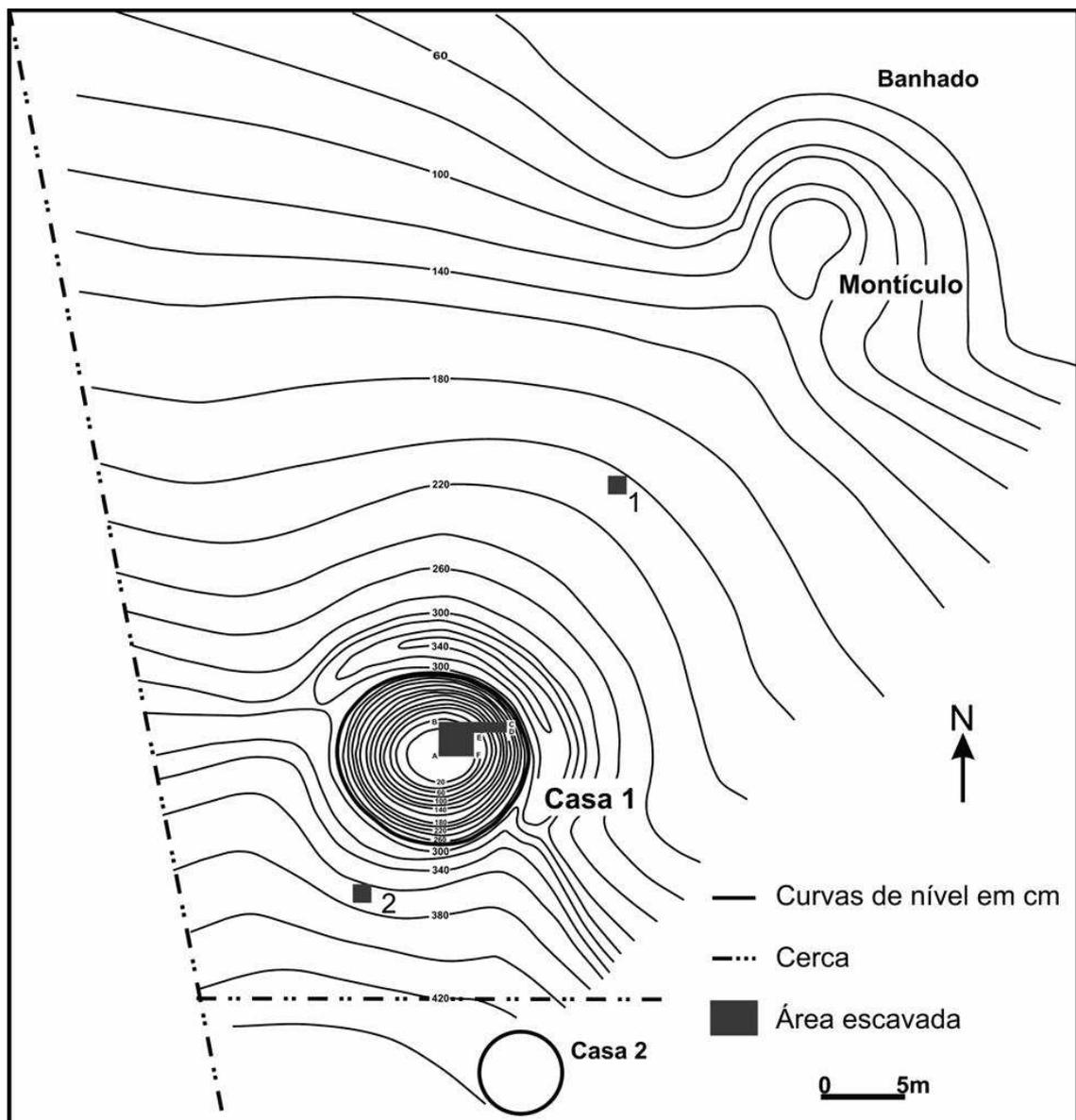
A intervenção realizada pela equipe do IAP no sítio consistiu em dois momentos. O primeiro foi a abertura, em níveis artificiais de 10cm, de um corte 1 x 1m (corte 1) na borda nordeste do aterro, que atingiu 2m de profundidade sobre a base argilosa do terreno. O corte 1 revelou que os sedimentos, tanto superiores quanto inferiores, são areno-argilosos, finos e uniformes, distinguindo-se apenas por tons de marrom mais claros ou escuros e de maior ou menor compactação. No corte não ocorreu cerâmica, apenas lascas, cristais e carvões. O início da construção do aterro foi datado em 960 ± 30 A.P. (Beta-370820).

O segundo momento da intervenção foi a abertura, em níveis artificiais de 10cm, de um corte de 1 x 2m (corte 2), contínuo ao aberto anteriormente e que atingiu 2,10m de profundidade. O corte 2 revelou alternância de camadas de sedimentos areno-argilosos mais compactos (camadas avermelhadas) com camadas de sedimentos mais soltos e húmidos (camada acinzentadas). O nível entre 130 e 140cm foi datado AMS em 890 ± 30 A.P. (Beta-411918) e o nível entre 160 e 170cm foi datado AMS em 920 ± 30 A.P. (Beta-411921). Uma das bordas do aterro tinha sido atingida por máquinas agrícolas, expondo uma área de barranco com cerca de 15m de extensão. Desta barranca foi limpa uma área de 7m de extensão, que dista aproximadamente 3m das outras duas intervenções; ela também evidenciou a alternância de camadas, entre 10 a 15cm de espessura, avermelhadas e cinzentas. Em áreas do perfil exposto foram recolhidos fragmentos, seixos, núcleos e uma lâmina de machado. Ocorreu carvão, principalmente, nas camadas mais profundas.

2.2.5 Sítio SC-CL-56

O Sítio SC-CL-56 (coordenadas geográficas 27°38'29,32"S – 50°35'28,27"O) possui duas estruturas subterrâneas e um montículo. As duas estruturas subterrâneas foram registradas por Reis (2007). Entretanto, a pesquisadora não percebeu o montículo, registrado pela equipe do IAP em 2007; já a estrutura 2 (2,50m de diâmetro e 0,60m de profundidade) foi destruída pelos moradores.

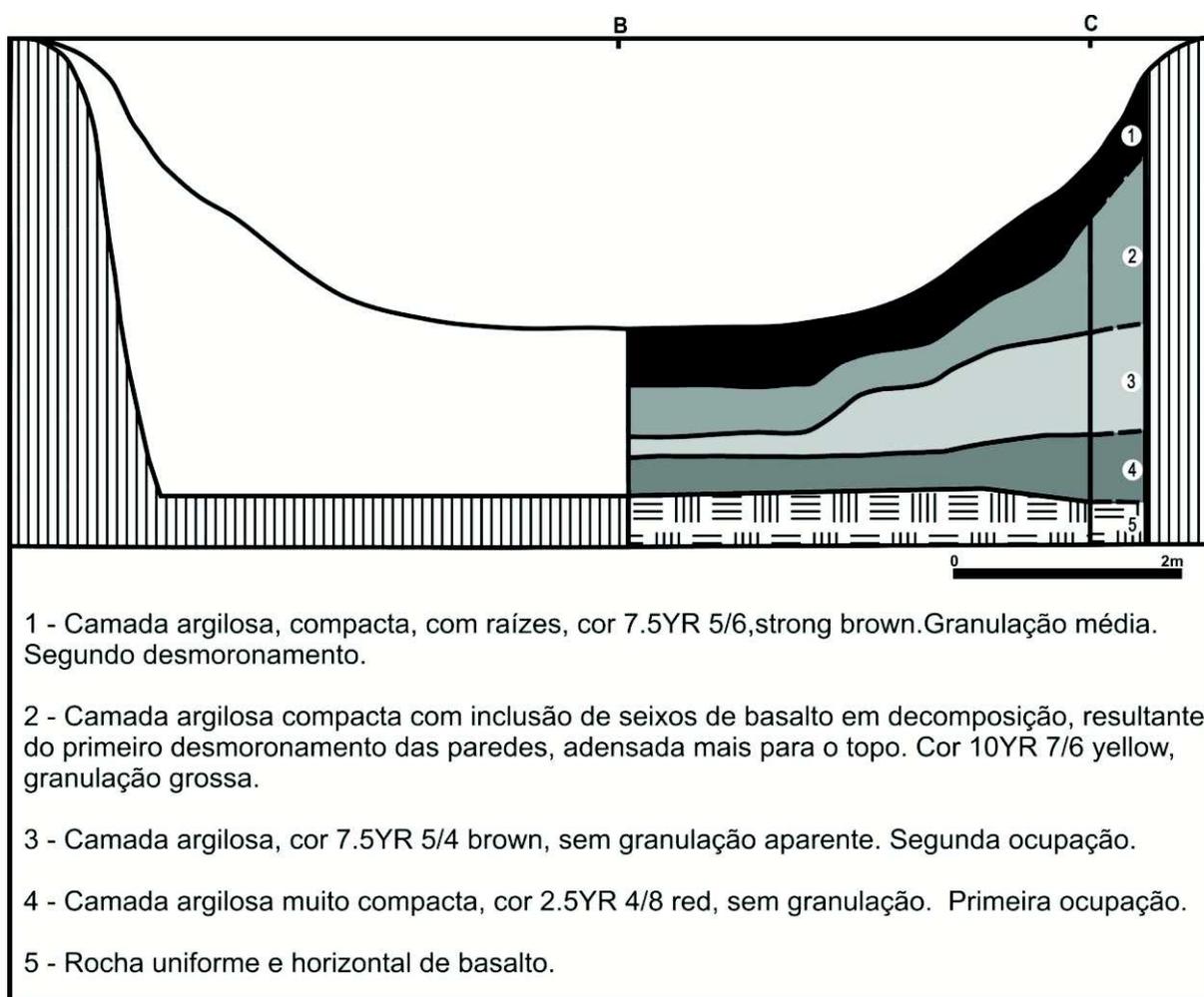
Figura 24 – Planta topográfica da estrutura 1 do sítio SC-CL-56 e as intervenções



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

A estrutura 1 possui 13m de diâmetro e 4,20m de profundidade após a intervenção; nela foi aberto um corte de 2 x 2m na parte central, aumentado ao lado com uma trincheira de 2,20 x 0,70m, atingindo 1,40m de profundidade (Figura 24). Foram identificadas cinco camadas. A estrutura de combustão da camada quatro foi datada em 830 ± 40 A.P. (Beta-242151), a camada três registra um intenso período de ocupação, evidenciado por grandes manchas escuras com carvão (Figura 25). O material lítico recuperado consiste em lascas, núcleos, fragmentos, cristais, seixos, fragmento de artefato e talhador. Não foram encontrados artefatos cerâmicos.

Figura 25 – Perfil estratigráfico da estrutura 1 do sítio SC-CL-56



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

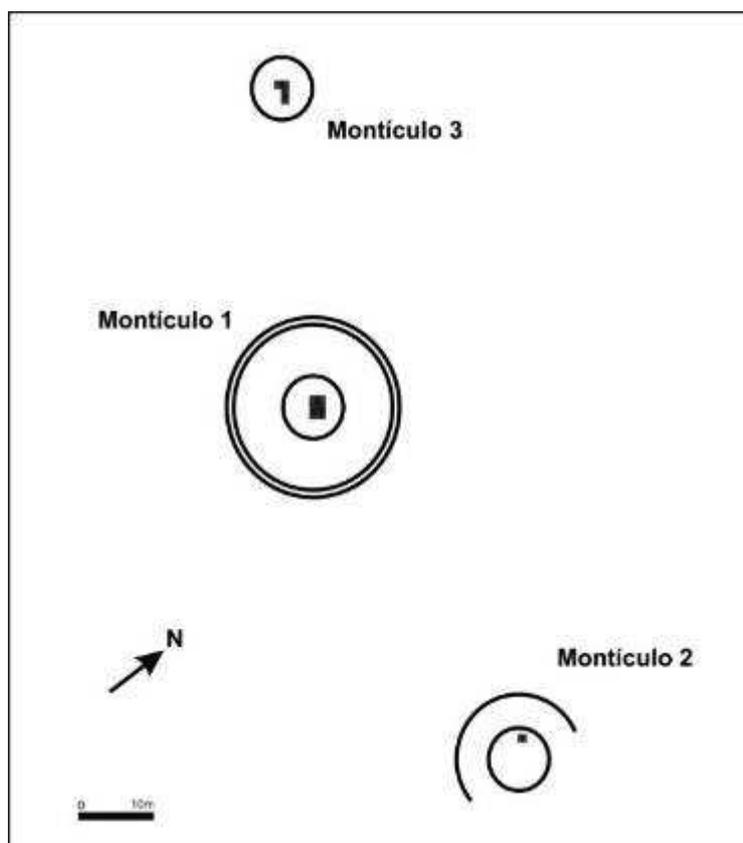
No entorno da estrutura 1 foram feitos dois cortes de 1 x 1m, a fim de identificar possíveis atividades realizadas fora da estrutura. O corte 1 atingiu 0,50m

de profundidade e revelou duas camadas de sedimento. O corte 2 atingiu 0,30m de profundidade e evidenciou apenas uma única camada. Foi recuperada apenas uma grande lasca secundária e nenhuma cerâmica.

2.2.6 Sítio SC-CL-94

O sítio SC-CL-94 (coordenadas geográficas 27°38'40.91"S – 50°35'29.26"O) é um “danceiro” formado por três montículos; há informações sobre a existência de um quarto montículo, recentemente destruído (Figura 26). O sítio está sobre uma pequena elevação do terreno, em cujas bordas há maior acúmulo de água das chuvas, propiciando a formação de uma vegetação diferente da existente na parte mais alta. O sítio foi registrado pela primeira vez pela equipe do IAP.

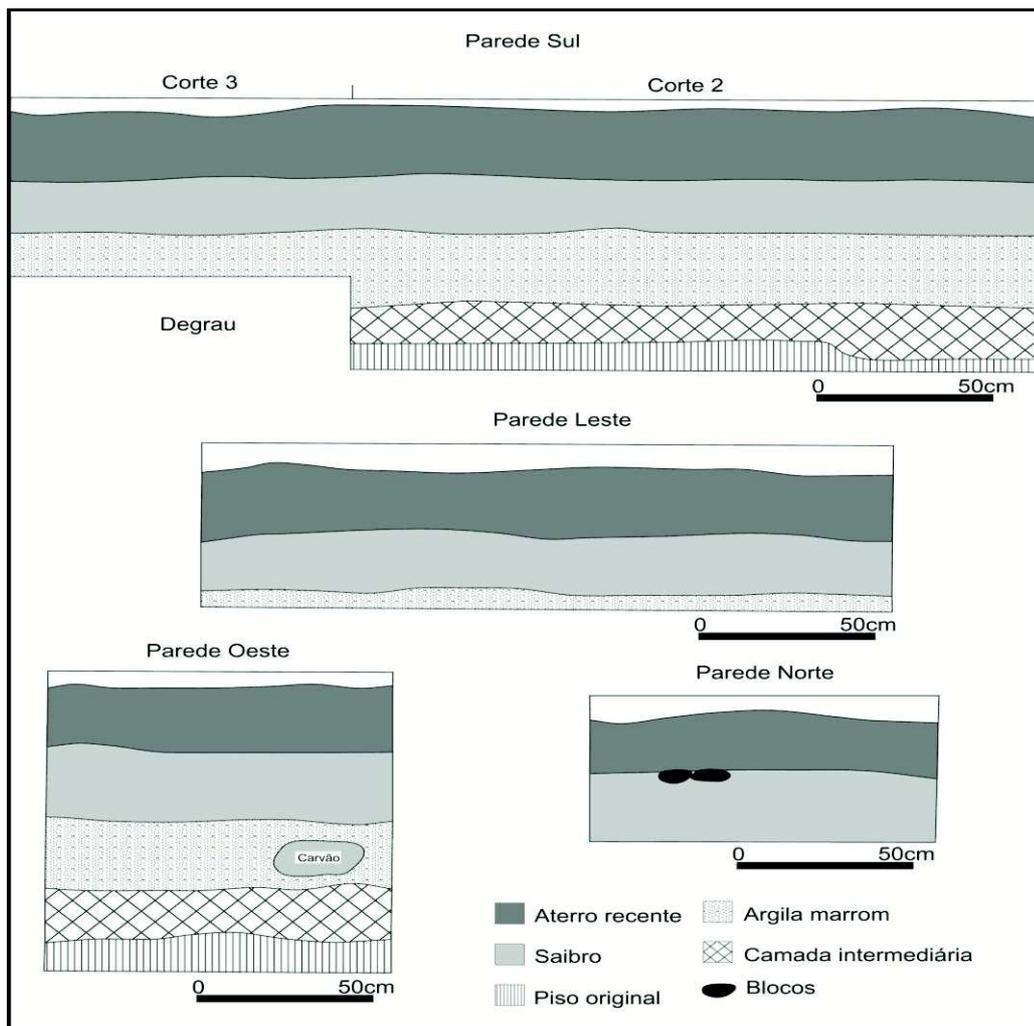
Figura 26 – ‘Danceiro’ do sítio SC-CL-94 e intervenções



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010).

O montículo 1 possui 9,40 x 9,00m de diâmetro e 0,60m de altura; ele é circundado por um anel rebaixado e este por uma taipa, que dista 12m do centro da elevação. No parte mais alta da estrutura foram abertos três cortes de 1 x 2m, formando uma superfície escavada de 2 x 3m. O corte 1 alcançou 0,95m de profundidade e revelou seis camadas estratigráficas. O carvão ocorreu apenas na camada 5. O corte 2 atingiu 1m de profundidade e revelou quatro camadas estratigráficas. O nível artificial entre 41 e 50cm foi datado em 770 ± 40 anos A.P. (Beta-275576). O corte 3 chegou até 0,60m de profundidade e expôs as mesmas camadas reveladas pelo corte 2. Nesta estrutura ocorrem carvões, materiais líticos (seixos, blocos, lascas, núcleos e cristais, drusas, percutores e talhadores) e 114 fragmentos de cerâmica Taquara/Itararé.

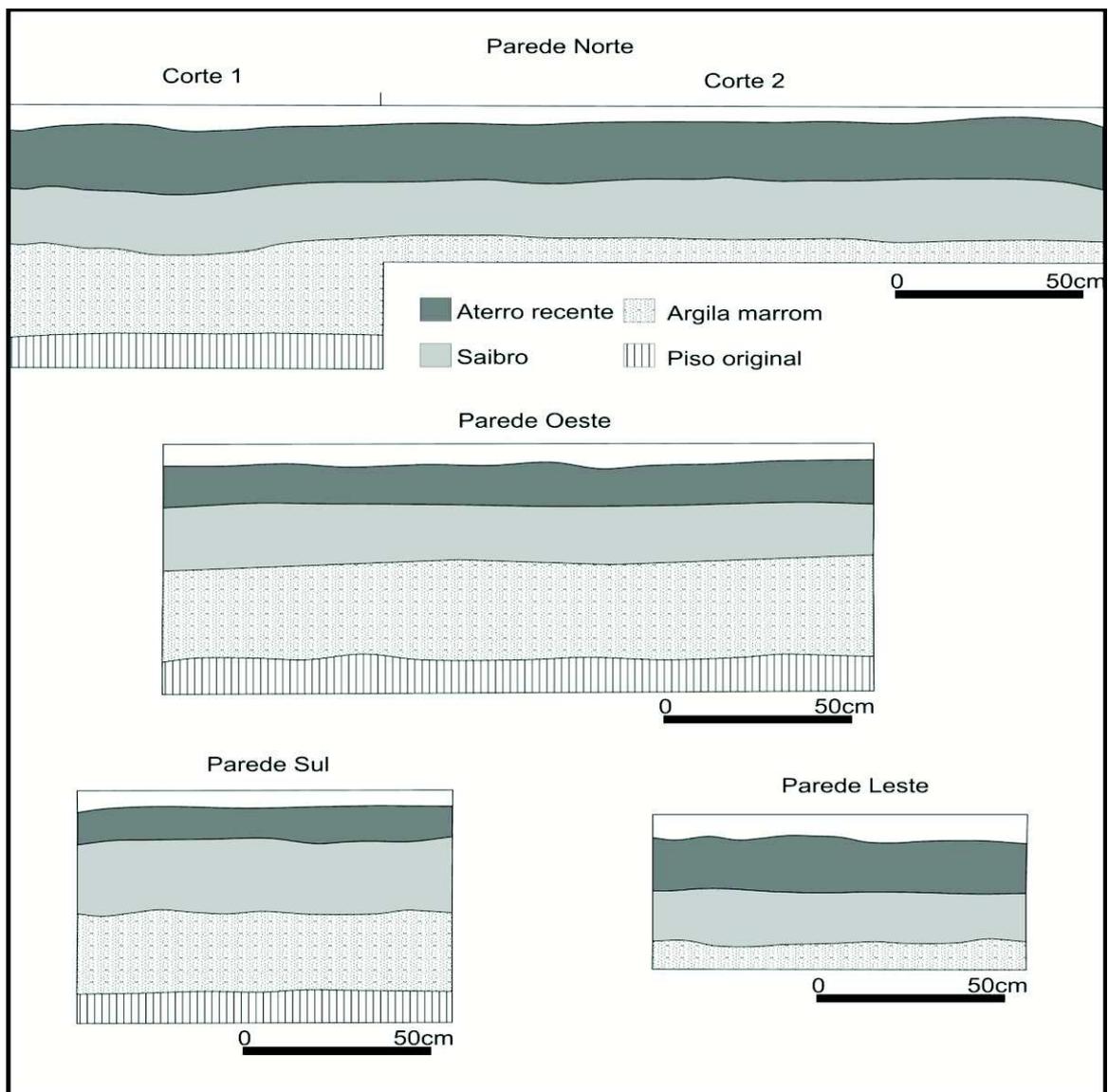
Figura 27 – Perfil estratigráfico do montículo 1 do sítio SC-CL-94



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010) e Acervo IAP.

O montículo 2, distante 56m do montículo 1, mede 8,30 x 6,45m de diâmetro e 0,60m de altura; o aterro também possui um anel rebaixado e uma taipa, que circunda apenas uma porção do aterro e dista 3,45m do centro da elevação. Próximo à área rebaixada foi aberto um corte de 1m², atingindo 20cm de profundidade. Não foram identificadas camadas arqueológicas e carvão, apenas o solo original do terreno. No nível 1 ocorreu um fragmento cerâmico, núcleo, lasca e quartzo.

Figura 28 – Perfil estratigráfico do montículo 2 do sítio SC-CL-94



Fonte: adaptado de Schmitz et al. (2010) e Acervo IAP.

O montículo 3, distante 32,40m do montículo 1, mede 8m de diâmetro e 0,60m de altura; não possui anel, nem taipa, uma parte foi destruída pelo caminho que passa do lado. No centro da estrutura foram abertos dois cortes, ambos com tamanho de 1 x 2m, que atingiram, respectivamente, 40 e 30cm de profundidade. Nos dois cortes foram identificadas 4 camadas estratigráficas, nas quais ocorreram líticos (lascas, cristais e drusas), carvão e 6 fragmentos cerâmicos.

3 A COMPLEXIDADE DO JÊ MERIDIONAL EM SÃO JOSÉ DO CERRITO

Neste capítulo pretendo lançar alguns apontamentos sobre a complexidade percebida em São José do Cerrito, a partir dos dados reunidos no capítulo anterior. Inicialmente, busco relacionar alguns apontamentos existentes sobre complexidade entre os Jê Meridionais na bibliografia e, posteriormente, estabelecer os conceitos e perspectivas teóricas utilizadas para a leitura dos dados arqueológicos.

Os sítios arqueológicos estudados em São José do Cerrito, relacionados no capítulo 2, representam diferentes momentos cronológicos da ocupação Jê Meridional no Planalto Catarinense. Nestes sítios são identificados elementos, materiais, que permitem discutir a emergência de complexidade entre estas populações. A intenção não é identificar traços materiais que estejam ligados a formas econômicas e políticas específicas, talvez complexas, como é muitas vezes feito pela bibliografia que associa, por exemplo, a existência de monumentos como indicadora de áreas centrais ritualísticas, a construção dos sítios com grande densidade de estruturas subterrâneas com a necessidade de coesão de força de trabalho, ou a variação das formas dos sepultamentos com a existência de líderes políticos. O propósito é lançar alguns questionamentos mais amplos, estimulados por nossas experiências em São José do Cerrito, que serão colocadas em sintonia com os temas e conceitos que moldam a produção bibliográfica atual sobre complexidade entre estas populações.

3.1 Neoevolucionismo na bibliografia Jê Meridional

As associações e identificações diretas de traços de complexidade, assim como relação da construção de estruturas subterrâneas unicamente com explicações ambientais são exemplos da influência do pensamento neoevolucionista na disciplina arqueológica brasileira. A partir de 1930, o neoevolucionismo buscou readaptar as teorias evolucionistas anteriores, propondo um evolucionismo

renovado. No final do século XIX¹¹ as teorias evolucionistas (unilineares) começaram a desenvolver-se, alcançando grande divulgação e adesão. Seu mote principal era a afirmação de que todas as culturas mudavam em direção a etapas sucessivas, numa dinâmica semelhante. Este comportamento era justificado na crença de que a mente humana é universal e cada povo, ao enfrentar condições específicas, desenvolve soluções norteadas por linhas evolutivas gerais e iguais. Os principais expoentes deste evolucionismo social e cultural foram o antropólogo norte-americano Lewis Henry Morgan (1818-1881) e o antropólogo inglês Edward Burnett Tylor (1832-1917). Com o surgimento do neoevolucionismo a compreensão da mudança das sociedades passou a ser compreendida de forma multilinear, em oposição à unilinear dos anteriores modelos evolucionistas. Historicamente, esta nova concepção esteve ligada ao período de grande prosperidade econômica e hegemonia política que se instalou nos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Trigger (2004), este contexto foi semelhante ao que impulsionou o evolucionismo do século XIX, principalmente na Grã-Bretanha e na Europa ocidental, onde um sentimento de “autoconfiança estimulou uma perspectiva relativamente materialista e uma predisposição a acreditar que há um padrão na história humana e que o progresso tecnológico constituiu a chave do aperfeiçoamento do homem”. (p. 285).

Ainda que tenham seu foco principal nas relações com o meio ambiente, o conjunto de tendências teóricas classificadas como neoevolucionistas pode ser dividido, segundo Franch (1989), em três grandes blocos de interpretação. O primeiro bloco possui um grande influxo do determinismo ecológico e baseia-se na ideia de progresso linear das transformações; seus principais representantes são Gordon Childe e Leslie White. O segundo bloco percebia a mudança de forma multilinear, tendo como principal expoente o antropólogo norte-americano Julian Steward. O terceiro grupo envolvia diversos autores que reconheciam a coexistência de diferentes fatores que propulsionavam a transformação, não acentuando apenas os fatores econômicos, mas também os religiosos, sociais e políticos. Apesar de não caracterizar nenhum grupo teórico homogêneo, esta concepção definiu uma

¹¹ Barrio (2005) faz uma ressalva sobre este desenvolvimento, lembrando que a concepção evolucionista já está historicamente presente desde o pensamento grego antigo. Segundo o autor, existe “uma longa tradição que considerava que o desenvolvimento cultural humano se deu de uma maneira paulatina do mais simples ao mais complexo [...] Portanto, podemos dizer que para a cultura, não tanto para o biológico, a ideia de evolução é muito anterior a Darwin”. (p.73-74).

possibilidade de interpretação baseada em visão mais ampla, onde vários fatores se relacionam, abrindo espaço para o advento de novas abordagens.

Nos estudos arqueológicos sobre a sociedade Jê Meridional pode-se identificar uma grande influência do neoevolucionismo, principalmente o multilinear de Julian Steward que, em 1946, editou a famosa obra *The Handbook of South American Indians*, composta por sete volumes. O dicionário dedicava-se ao estudo de diversas populações indígenas sul-americanas, estruturando esta compreensão através das suas organizações políticas e sociais. No volume “*The Marginal Tribes*”, há um artigo escrito por Alfred Métraux sobre os índios Caingang, onde Métraux descreve aspectos gerais e históricos de nomeação, distribuição populacional e geográfica da época, economia, aspectos culturais (moradia, adornos, rituais) e organização política destes grupos. (MÉTRAUX, 1946). Alguns pontos desta obra serão discutidos.

O conjunto da obra de Steward inclinava em favor de um enfoque multilinear, ecológico e empírico para a construção de uma abordagem alternativa para o estudo da evolução cultural, defendendo que a antropologia evolutiva deveria explicar as características em comum de culturas em níveis semelhantes de desenvolvimento, ao invés de particularidades exóticas, únicas e não recorrentes, pois existem regularidades significativas no desenvolvimento cultural e a adaptação ecológica é fundamental para demarcar os limites de variação nos sistemas culturais (TRIGGER, 2004). Apesar de não linear, o trabalho de Steward também busca explicar os diversos estágios de transformação das sociedades humanas, compreendendo estas como originadas da maneira como as sociedades buscavam a adaptação em relação ao meio ambiente circundante, almejando a sobrevivência do grupo.

Assim, a classificação de populações Jê Meridionais como tribos marginais relaciona-se diretamente com a visão ecológica de Steward, já que estas eram consideradas populações que ocuparam áreas percebidas como menos favoráveis ao desenvolvimento e mais periféricas em relação aos grandes centros culturais sul-americanos. Além disso, esta classificação buscou associar determinados ambientes, centrais ou marginais, com determinadas formas de organização política das sociedades. Este paralelo criou a ideia de que a cultura é unicamente uma resposta aos problemas ambientais enfrentados, determinada por uma escala de

organização social altamente influenciada pela adaptação ao meio. No contexto Jê Meridional, é neste âmbito teórico que se localiza, por exemplo, a associação direta entre as baixas temperaturas, comuns na área estudada, com a necessidade de construção de estruturas subterrâneas, utilizadas como estratégias de adaptação às condições climáticas do Planalto Meridional.

As organizações sociais, por sua vez, geraram tipos culturais regionais, consolidados a partir da união entre fontes históricas e etnográficas. Posteriormente, estes tipos culturais tornaram-se elementos diagnósticos que serviam de identificação tanto de grupos etnográficos quanto de culturas arqueológicas. Por fim, estes tipos passaram a representar as diferentes formas de organização sociopolítica existentes, determinadas pela presença ou ausência de atributos diagnósticos. (MACHADO, 2006). Segundo Arcuri (2007), este modelo era fundamentado na associação entre os modos de produção, as práticas políticas, a organização social e a produção de excedentes econômicos, envolvendo a centralização política e o surgimento do Estado. Neste caso, o Estado se tornava um modelo regido pela experiência ocidental e a meta a ser perseguida por todas as sociedades humanas. Este modelo, segundo Franch (1989), estava focado na comparação entre o desenvolvimento cultural no Velho Mundo e na América, principalmente nas regiões da Mesopotâmia, do Egito, da Índia, da China, da Mesoamérica e da região Andina.

Em termos de organização social e complexidade, o principal elemento proveniente de Steward e presente na bibliografia, é sua proposta de esquema evolutivo, baseado no contexto de desenvolvimento de diversas sociedades e que ainda é muito utilizado tanto em trabalhos acadêmicos quanto na didática sobre o tema. Mesmo em situações onde não ocorre a adoção direta dos períodos evolutivos de Steward, a lógica, principalmente de mudança e a necessidade de acumular excedente alimentar, continua sempre presente, ainda que atualmente de forma mais velada, nos trabalhos produzidos sobre o Jê Meridional. Esta influência é sentida no incômodo de alguns pesquisadores de associar, por exemplo, a construção de estruturas, símbolos de significativo investimento de tempo e organização de indivíduos, com populações simples, classificadas como caçadoras e coletoras, com talvez alguma agricultura incipiente. Outro impasse percebido é o

receio, proveniente destes modelos gerais, de ligar a construção de estruturas subterrâneas com populações não produtoras de cerâmica ou que utilizava pouco estes artefatos.

O modelo de Steward foi reformulado e, em alguns aspectos, aprofundado por Marshall Sahlins (1970) e Elman Service (1971), que estabeleceram as formas de classificação e organização social a partir dos períodos de Steward, criando a famosa sequência de Bando, Tribo, Chefatura e Estado. Os trabalhos destes autores buscaram conciliar o enfoque de evolução geral e específica de Steward, denominando estas duas anteriores perspectivas de progresso e adaptação. Conforme Trigger (2004), apesar de ambos não reconhecerem ou definirem diretamente o conceito de evolução ligado ao de progresso, eles “usaram dados etnográficos para construir sequências especulativas e altamente generalizantes de desenvolvimento unilinear, empregando conceitos como bando, tribo, chefia e estado”. (p. 288). De modo semelhante, na produção bibliográfica produzida sobre o Jê Meridional é frequente a utilização, principalmente, dos termos bandos, tribos e chefaturas como forma de explicar, de forma análoga, tanto a organização social quanto a econômica destes grupos.

Em relação à organização do estudo da pré-história americana é utilizada, na maioria das vezes, uma classificação de quatro níveis de desenvolvimento econômico, social e político para as culturas pré-históricas da América. Estas etapas são utilizadas por Salmoral et al. (1992) e Fiedel (1996) para organizar seus clássicos manuais sobre pré-história americana. Estas etapas ou níveis são:

1. Paleoíndio: cazadores intensivos de fauna mayor; organización en bandas.
2. Arcaico: recolectores nómades; organización en bandas.
- 3a. Arcaico Desarrollado o Sedentario: recolección intensiva, aldeas, tribus o cacicazgos / jefaturas de pequeña escala.
- 3b. Formativo: agricultura, aldeas, tribus y cacicazgos / jefaturas.
4. Civilizaciones: agricultura intensiva, ciudades, estados. (FIEDEL, 1996, p. 37).

O mesmo autor chama a atenção para as subdivisões do período Arcaico, consideradas ambíguas e separadas dos modelos tradicionais. Entretanto, afirma que esta é uma adaptação para o contexto pré-histórico americano, onde é

atualmente explícito, através de trabalhos arqueológicos e etnológicos, o fato de que em alguns meios ambientes favoráveis, os “cazadores-recolectores vivían en aldeas estables y con sistemas sociopolíticos tan complejos como los de las sociedades agrícolas tempranas”. (p. 37).

De modo geral, na bibliografia sobre a emergência de complexidade entre os Jê Meridionais associa este surgimento à existência de tribos, definidas segundo modelo de Service (1971). A partir do momento em que ocorre crescimento populacional nestas tribos, os sistemas de distribuição e controle se tornam mais centralizados criando nova forma de organização social, as chefaturas, modelo surgido a partir de observações sobre populações etnográficas principalmente da Polinésia e de algumas regiões da África. Fiedel (1996) sintetiza algumas manifestações arqueológicas que são geralmente interpretadas como produzidas por chefaturas, como,

Las construcciones a gran escala, los típicos túmulos de tierra, implican la movilización y la dirección de numerosos trabajadores mediante una autoridad central, probablemente un jefe (o sumo sacerdote o un individuo que detenga ambos roles). Estos túmulos a menudo contienen los restos de una parte limitada de la antigua población; si se incorporan muchos enterramientos, los que están localizados más hacia el centro suelen estar acompañados de las ofrendas funerarias más ricas. De acuerdo con algunas anotaciones etnohistóricas, después de la muerte de un jefe natchez [sociedade indígena do baixo rio Mississippi, Estados Unidos] sus esposas eran estranguladas para acompañarlos [...] Los patrones de asentamiento caracterizados por un solo centro grande, rodeado de sitios más pequeños, puede también implicar una organización de jefatura; unas dos o tres jefaturas vinculadas al tamaño de los asentamientos pueden ser posiblemente interpretadas como reflejando dos o tres niveles de la estructura administrativa. (p. 258-259).

Depois destes apontamentos iniciais pretendo identificar os elementos oferecidos pelos sítios de São José do Cerrito. Estes indícios materiais serão relacionados com abordagens teóricas, que buscam um conceito de complexidade mais amplo, adaptado à diversidade das populações indígenas estudadas. O objetivo não é romper ou questionar outras interpretações, já que estas são tão necessárias para a construção do trabalho quanto as nossas conclusões. De forma

semelhante, não desejo questionar termos ou conceitos, apenas procuro contribuir para uma discussão mais aprofundada do tema e reunir dados dispersos sobre a complexidade destes grupos.

3.2 A possibilidade de outras interpretações

Na bibliografia, de modo geral, ocorrem dois tipos de definições básicas para considerar a existência de complexidade, uma que considera complexas apenas as sociedades que possuem evidências claras de hereditariedade de posições e outra que permite maior amplitude neste critério, numa postura que inclui a dinâmica histórica dos grupos estudados. No caso do Jê Meridional esta compreensão mais ampla é mais apropriada, visto que as informações etnográficas sobre estas populações ainda são escassas e pouco trabalhadas e ainda se questiona a ligação entre os dados arqueológicos, os históricos e etnográficos atribuídos a estes grupos. Além disso, nos sítios arqueológicos estudados, o elemento material que poderia ser associado à hereditariedade é a diferença entre o tamanho e distribuição das estruturas nos sítios; todavia, estes elementos nunca foram estudados em profundidade e não representam os objetivos deste trabalho.

Para melhor compreender a situação estudada em São José do Cerrito, optei por utilizar os caminhos teóricos apontados por Sassaman (2004), que define complexidade de forma ampla, atribuindo ao conceito uma conotação que é aplicável tanto aos sistemas mecânicos ou biológicos quanto às sociedades humanas,

Complexity is a relative measure of the number of parts in a system and number of interrelationships among those parts. This is a useful heuristic device for describing the overall sweep of cultural evolution or for making broad cross-cultural comparisons. (p. 231).

Apoiado nesta definição ampla de complexidade, Sassaman (2004) chama atenção para quatro considerações teóricas e metodológicas e que serão utilizadas para a construção da nossa análise.

A primeira consideração é que, nos estudos arqueológicos, o conceito de complexidade permite três variações, a primeira é de construções teóricas que permitem análises comparativas; a segunda é de construção de listas de traços de organização, provenientes de observações empíricas; a terceira é abstrações a partir de condições históricas específicas. No trabalho pretendo realizar uma análise comparativa de sítios com intuito de evidenciar complexidade. A comparação será entre as estruturas estudadas no Rincão dos Albinos e na Boa Parada.

A segunda consideração é a escolha da forma mais apropriada de compreender a complexidade. Esta escolha pode variar conforme três fatores principais: a escala de observação utilizada pelo pesquisador, a relevância dos dados existentes e os assuntos epistemológicos relacionados ao conceito. A escolha por uma análise comparativa está relacionada com a escala de observação que irei utilizar e a relevância dos dados arqueológicos que disponho. A escala será cronológica e o elemento de relevância são as estruturas arqueológicas, construídas por movimentação de terra.

A terceira consideração é o fato de o conceito de complexidade ter um manejo mais difícil em escalas menores e mais específicas de observação e análise. Acredito que o uso de uma escala cronológica mais extensa e menos específica permite uma observação mais ampla e eficaz do fenômeno de construção das estruturas estudadas.

A quarta consideração é que o conceito de complexidade é como um ponto de união de questões centrais da Antropologia, como história, evolução, cultura e sociedade, relação que a transforma numa metanarrativa dentro do campo de estudo arqueológico. Esta relação pode ser evidenciada na inserção de outros elementos, por exemplo, a expansão da floresta com Araucárias e o surgimento das estruturas comunitárias, que permitem estabelecer outras narrativas, ultrapassando os limites da disciplina arqueológica.

A fim de analisar melhor nossos dados, além do conceito de complexidade de Sassaman (2004) e de suas outras considerações, serão utilizados outros três fundamentos teóricos principais: o conceito de complexidade horizontal e vertical proposto por Price e Feinman (1995) e Price e Gebauer (1996), o conceito de complexidade como heterogeneidade de McGuire (1983) e o conceito de heterarquia de Crumley (1995).

Price e Feinman (1995) e Price e Gebauer (1996) lançaram novas perspectivas sobre o surgimento de desigualdade social, destacando fatores que produzem a emergência de relações não igualitárias em diferentes sociedades do mundo. Entretanto, para nossa análise elas contribuem para a definição de dois tipos diferentes de complexidade, uma dimensão horizontal e outra vertical de complexidade. A primeira está ligada a todas as sociedades pré-históricas e a criação ou obtenção de inovações tecnológicas que aumentaram as partes envolvidas nesta dimensão, representando o processo “*horizontal intensification*”. Todavia, esta horizontalidade não modifica diretamente ou de modo significativo as relações das sociedades. A dimensão vertical, envolvendo já estruturas hierárquicas, surge no momento em que se necessita integrar as partes horizontais criadas. Este fato, a “*vertical intensification*”, causa tanto o aumento do número de partes quanto a diferenciação progressiva entre elas. Este processo de verticalização é provocado por diversas situações, no contexto europeu Price e Feinman (1995) sugerem que a institucionalização da desigualdade esteve associada com as origens e expansão da agricultura.

A divisão do conceito de complexidade proposto por McGuire (1983) também será utilizado para a construção do trabalho. O autor divide complexidade em duas variáveis integrantes, a heterogeneidade e a desigualdade. Sintetizo aqui apenas o conceito de heterogeneidade, visto que a aplicação de desigualdade não fornece elementos apropriados de análise para o nosso contexto de estudo. A divisão de McGuire (1983) parte do pressuposto de que a estrutura social envolve a distribuição de pessoas entre diferentes posições e associações sociais, que diferem devido ao exercício de diferentes papéis ou hierarquia (status). Estes papéis e status são os parâmetros sociais básicos que formam a estrutura social e afetam o comportamento e a percepção dos indivíduos. Os parâmetros, por sua vez, podem variar conforme o

sexo, etnia, idade, riqueza, poder e religião, caracterizando indivíduos e definindo sua pessoa social. Assim, segundo esta perspectiva, as sociedades são mais complexas quando possuem um número maior de personagens sociais distintos. Esta é uma concepção quantitativa da estrutura social, relacionada diretamente com a distribuição de populações entre os parâmetros sociais existentes. A heterogeneidade é uma forma dessas distribuições.

Assim, a heterogeneidade está ligada com frequência de indivíduos entre os parâmetros sociais. Os parâmetros sociais podem ser nominais e formados. O primeiro é, por exemplo, o sexo, o parentesco e ocupação, que define os papéis e categorias, mas sem hierarquização inerente. O segundo é, por exemplo, a idade, o poder e a riqueza, que são estatutos e formam uma inerente classificação ordenada e contínua. Assim, a heterogeneidade engloba tanto a distribuição horizontal de uma população entre categorias variáveis quanto a distribuição vertical desta população ao longo de parâmetros nominais. A heterogeneidade também pode ser compreendida e identificada como a probabilidade de dois indivíduos, escolhidos aleatoriamente, não pertençam ao mesmo parâmetro ou categoria. (MCGUIRE, 1983).

O conceito de heterarquia de Crumley (1995) parte do pressuposto de que as estruturas, biológicas ou sociais, não são organizadas hierarquicamente. Segundo o autor, “não há nada de intrinsecamente hierárquico sobre um carvalho ou de uma sinfonia, mas cada um tem uma estrutura inegável e constitui uma representação ordenada das relações entre os elementos”. (CRUMLEY, 1995, p. 2, tradução nossa). A partir disso,

Heterarchy may be defined as the relation of elements to one another when they are unranked or when they possess the potential for being ranked in a number of different ways. For example, power can be counterpoised rather than ranked. Thus, three cities might be the same size but draw their importance from different realms: one hosts a military base, one is a manufacturing center, and the third is home to a great university. (p. 3).

De modo semelhante, o autor explica seu conceito dando como exemplo a democracia, considerada a estrutura governamental “*most prize*” e uma representação perfeita duma heterarquia de poder. O conceito de heterarquia está relacionado com a insatisfação a respeito do modelo de bando, tribo, chefatura e estado (SERVICE, 1971) e permite uma flexibilização temporal e espacial sobre o conceito de complexidade. Crumley (1995) exemplifica esta maleabilidade: organizações políticas de pares podem se mover ao longo do tempo para hierarquias e vice versa, sem invocar a retórica do colapso social. Neste sentido, heterarquia é tanto uma estrutura quanto uma condição.

Além destes três conceitos teóricos mais amplos e gerais, partirei de outros três fundamentos ou pressupostos, mais específicos e práticos: o primeiro é o reconhecimento de que a desigualdade e a complexidade podem ocorrer em sociedades que não praticam o cultivo e a domesticação; o segundo é a relativização do conceito de sociedade primitiva e do paralelismo etnográfico; e o terceiro é o equívoco da associação automática de uma economia de subsistência com alguma formação social específica.

O primeiro fundamento que prevê a existência de instituições baseadas na desigualdade social em sociedades que não possuem uma economia de subsistência fundada na exploração de plantas ou animais domesticados é um tema recorrente na bibliografia. Esta característica pode ser percebida em diversos trabalhos, tanto do exterior (AMES, 1994; PRICE, 1995; ARNOLD, 1996; CHAPMAN, 2003; SASSAMAN, 2004), quanto no contexto brasileiro (ROOSEVELT 1992; HECKENBERGER, 1999, 2005; ARCURI, 2007). Atualmente, é aceito que a agricultura na América não foi um descobrimento único e isolado, mas um desenvolvimento de práticas de subsistência comuns aos caçadores e coletores. Estudos etnográficos recentes, realizados em diferentes sociedades do mundo, demonstram que o modo de vida caçador-coletor não é uma luta constante pela sobrevivência, como anteriormente se acreditava.

La evidencia etnográfica y arqueológica puede permitirnos superar los errores que hubo en otro tiempo sobre la caza, la recolección y la agricultura. El sedentarismo puede desarrollarse sin agricultura,

como lo demuestran las grandes aldeas de California y la costa noroeste. (FIEDEL, 1996, p. 192-193).

O segundo fundamento pretende historicizar¹² a noção de “sociedade primitiva”, considerando que estas devem ser compreendidas como sociedades componentes e não antecedentes das sociedades complexas. Esta concepção torna inviável a antiga ideia de que populações caçadoras e coletoras representassem um estágio primitivo da humanidade e que estas, independentemente do contexto cronológico e espacial, podem ser analogicamente comparadas às populações pré-históricas. Esta visão, segundo Sassaman (2004), estava presente, por exemplo, nos estudos sobre as populações do Kalahari, que produziram um modelo etnográfico que foi constantemente apropriado para relacionar populações que possuíam mobilidade, partilha recíproca e *ethos* igualitário como características inerentes à vida antes da produção de alimentos. Assim, o material etnográfico utilizado por arqueólogos para compreender condições sociais anteriores à “emergência” de complexidade foi baseado em sociedades cuja dinâmica interna, cuja função é apaziguar tendências para a acumulação de poder, é uma consequência histórica de poderosas forças institucionalizadas. Deste modo, Sassaman (2004) afirma que as sociedades “primitivas” do presente etnográfico são mais bem compreendidas como componentes, não antecedentes, de sociedades complexas. Assim, o paralelo etnográfico não é a forma mais indicada para compreensão das sociedades pré-históricas presentes no contexto arqueológico.

O terceiro fundamento pretende descolar a subsistência econômica, baseada na caça e coleta de recursos, da associação direta com alguma forma de organização social pré-estabelecida. Neste sentido, segundo Sassaman (2004), uma economia de subsistência, com base em recursos alimentares selvagens não está estruturalmente ligada a nenhuma forma particular de organização social, tecnologia, arranjo de trabalho, relações intergrupais ou ideologia. Deste modo, o termo caçador/coletor significa apenas um modo de subsistência, onde pode ocorrer a ênfase em alimentos de origem vegetal, no caso dos caçadores e coletores, ou em peixes, no caso dos caçadores, coletores e pescadores. Sobre esta economia de subsistência é comprovado que, em muitos casos, a disponibilidade de recursos

¹² No sentido de tornar histórico.

silvestres é equivalente à produção de alimentos permitindo acúmulo de algum excedente.

Segundo Novasco (2013), o processo de ocupação da área estudada está relacionado à expansão do pinheiral, que se associa à diferenciação dos assentamentos. Assim, a compreensão da ocupação na área estudada está relacionada com três períodos cronológicos e paleoambientais distintos. O primeiro teria ocorrido entre 2.800 e 1.500 A.P., quando a população seria de caçadores e coletores do campo. O segundo entre 1.500 e 900 A.P., com tímida expansão da mata com araucária ela se teria transformado em caçadores-coletores do campo e permanecendo por alguns meses no mato durante a maturação do pinhão. No terceiro e último, entre 900 e a chegada do europeu, se teriam tornado sedentários e desenvolvido “estruturas sociais complexas e economia mista, baseada na caça, coleta e agricultura”. (p.91).

A divisão no processo de ocupação Jê Meridional no Planalto, proposta por Novasco (2013), permite-nos afirmar que os sítios estudados são evidências destes três momentos distintos de ocupação. Este processo revela uma dinâmica de transformação que permite comparar o desenvolvimento e as características destes grupos ao longo do tempo. Além disso, através dos conceitos e cenários teóricos apontados, pretendo identificar possíveis elementos relacionados à complexidade nos sítios estudados em São José do Cerrito, revelados por esta dinâmica cronológica de ocupação.

3.3 Primeiro momento: acampamentos a céu aberto

Segundo a divisão cronológica de ocupação do Planalto Meridional, em três momentos, proposta por Novasco (2013), no período de 2.800 e 1.500 A.P., as populações Jê estariam nas áreas de campo, realizando atividades de caça e coleta num ambiente com recursos dispersos.

Este seria o momento inicial de ocupação do espaço, relacionado ao período em que a vegetação de campos predominaria na região e a mata com araucária

ainda seria pouco presente. A dinâmica de transformação da vegetação na região é mostrada em estudo palinológico por Bauermann e Behling (2009) e sua ligação com a população por Iriarte e Behling (2007). A presença humana nos campos é indicada pelo registro de abundante carvão, com 150 a 200 partículas por cm^2 ao ano. A existência de significativas queimadas seria resultante de manejo dos campos, com intuito de aumentar os recursos da caça.

As intervenções realizadas no sítio SC-CL-43 (SCHMITZ et al., 2010) produziram uma amostra de como poderia ter sido o assentamento neste período no Planalto de Santa Catarina. O sítio é composto por várias estruturas subterrâneas em que ocorreram sondagens e por aglomerados externos de pedras, que foram expostos. Quatro trincheiras, cada uma com seis metros de extensão por meio metro de largura, abertas em várias orientações no aterro da estrutura habitacional geminada 4/5, revelaram o momento mais antigo da presença humana na área de estudos.

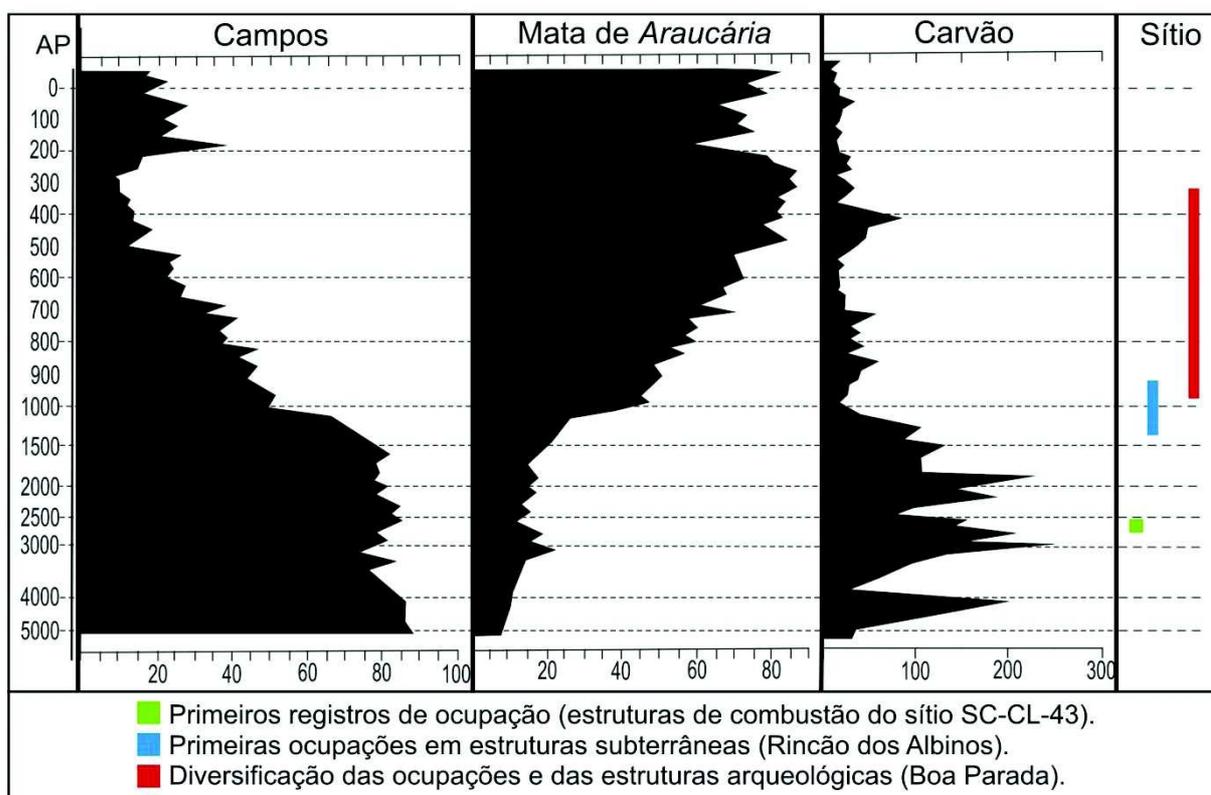
Na trincheira 1 foi revelada uma estrutura de combustão, formada por numerosos seixos e abundante carvão, que está datada em 2.640 A.P. (Beta-275577). Nas trincheiras 2 e 3 também ocorreram estruturas de combustão ou áreas de fogo, mas em tamanhos menores. Estas estruturas, tomadas em conjunto, representam uma área de ocupação de uns 15m de extensão e aproximadamente 9m de largura. As evidências de estacas, próximas à fogueira da trincheira 1, consolidam a hipótese de que ali ocorreu um assentamento, num período anterior à construção da estrutura subterrânea geminada. Na proximidade da estrutura geminada foram aparecendo outros arranjos de pedras, que não foram datados, mas que podem fazer parte do mesmo assentamento antigo visto não serem comuns no entorno de outras estruturas subterrâneas. O do corte externo 1, mais significativo, representa um lugar com estruturas de fogo, carvão e objetos líticos simples semelhantes a lascas, núcleos e talhadores, comparáveis aos que posteriormente se encontraram em estruturas subterrâneas locais (SCHMITZ et al., 2016). A densidade e tamanho do assentamento, assim considerado, têm as características de um acampamento de alguma duração, a céu aberto, no alto de um forte declive do terreno, com ampla visibilidade, junto a um fluxo de água que drena um banhado de altura. Os dados são insuficientes para dizer se ele representa um episódio único ou

se ele foi ocupado mais vezes. Hoje o ambiente é de mata mista com araucária em meio a extensos campos. Este é, por enquanto, o único assentamento datado e com boa contextualização.

Este assentamento pode ser tomado como uma amostra de como teria sido a ocupação no período Jê Meridional antigo na área, de acordo com a proposta de Novasco (2013), as afirmações de Bauermann e Behling (2009) e as conexões indicadas por Iriarte e Behling (2007). A atribuição desta evidência a populações Jê é ligada à persistente e exclusiva presença arqueológica e histórica desta população na região.

O gráfico 1 mostra a situação da vegetação, os sinais de presença humana e da posição cronológica do sítio em discussão.

Gráfico 1 – A vegetação, a presença de carvão e a posição cronológica do sítio



Fonte: adaptado de Iriarte; Behling, 2007 apud Schmitz et al., 2013b.

A cronologia do assentamento coincide com uma paisagem em que dominam os campos, com pequeno crescimento na mata mista com araucária e a presença de abundante carvão de queimadas. Os campos com pequeno adensamento arbóreo ao longo de nascentes e fluxos de água ofereceriam recursos dispersos e descentralizados obrigando as populações a mover-se para usufruí-los. Os assentamentos temporários teriam a forma e feição de acampamentos. O sítio em estudo pode ser tomado como uma amostra da estrutura e implantação desses acampamentos. Na encosta, em cujo topo ele está instalado, haveria pequena intensificação da vegetação que ofereceria recursos e proteção, no banhado e em seu escoadouro haveria água para as necessidades individuais e domésticas e o entorno seria de vegetação campestre, cuja queima oportuna renovaria a vegetação e, com isso, aumentaria a presença de animais que poderiam ser caçados. A organização do assentamento, com várias estruturas de fogo distribuídas em pequeno espaço, indica que o acampamento não é de apenas uma família, mas de um grupo delas.

Pequenos nichos ambientais, como este, existiriam em todo o planalto de Santa Catarina nesse período e formariam a base material dos assentamentos no primeiro momento da ocupação. Este primeiro modelo estaria ligado com um assentamento rápido e curto do grupo, a caracterização dele fornece um elemento de comparação com posteriores assentamentos do grupo, que no acampamento a céu aberto passam a incluir estruturas subterrâneas no Rincão dos Albinos.

3.4 Segundo momento: acampamentos com inclusão de estruturas rebaixadas

Segundo Novasco (2013) entre 1.500 e 900 A.P., as populações Jê Meridionais permaneceram caçadoras e coletoras do campo, mas, durante os meses da maturação do pinhão, passaram a realizar acampamentos mais duradouros junto a áreas de mata. As datas obtidas para o Rincão dos Albinos, entre 1.360 e 1.080 A.P., correspondem a esta cronologia.

Este período de ocupação coincide com o momento em que a mata com araucária começa a se expandir sobre as áreas de campo, primeiro mais lentamente e logo de uma forma surpreendentemente rápida. O Gráfico 1 torna esta passagem mais concreta, mostrando no começo, uma substituição lenta de uns 12% para 20% de vegetação arbórea, depois uma substituição rápida, de 20% para 50%. A presença de carvão decresce rapidamente de 100 para 30 partículas por cm^2 ao ano.

No Rincão dos Albinos, nos sítios SC-CL-70 e 71, existem cento e sete estruturas subterrâneas, pequenas com diâmetro máximo de 7,5m. As estruturas são bem próximas ou até sobrepostas, muitas foram ocupadas várias vezes em episódios diferentes e sucessivos, seguidos por momentos de abandono. Esta dinâmica de ocupação fica evidente na estratigrafia de todas as estruturas escavadas, destacando-se na estrutura 14 (SC-CL-70) e na estrutura 26 (SC-CL-71), onde a sobreposição de ocupações é clara e bem delimitada. Chama atenção o fato de que a distribuição das estruturas no terreno não é uniforme ou aleatória, mas formando diversos aglomerados com espaços vazios entre eles. Ao redor e entre as estruturas existem camadas arqueológicas tão ou mais densas que nas depressões e com grandes estruturas de fogo. Cerâmica só aparece nas últimas ocupações depois de mais dois séculos de ausência. O material lítico é, predominantemente, lascado sobre matéria prima local, se assemelha ao de outros sítios da região, mas inclui fragmentos de mãos de pilão e lâminas de machado de matéria prima exógena. As estruturas se repetem em pequeno espaço no topo de uma elevação, em ambos os lados de um fluxo de água que drena um pequeno banhado de altura. A visibilidade a partir da instalação domina um grande horizonte.

A pouca presença de material arqueológico, comparado, por exemplo, com algumas estruturas da Boa Parada, sugere a pouca intensidade destas ocupações. As datações obtidas para estas estruturas, que se concentram entre 1.360 e 1.260 A.P. também chama atenção, já que estão entre as datas mais antigas já registradas para estruturas subterrâneas do Planalto Meridional. Todas estas datas antigas estão relacionadas com as primeiras ocupações das estruturas.

A total ausência de artefatos cerâmicos no interior das estruturas indica que, no momento de sua ocupação, o grupo ainda não possuía ou não utilizava

recipientes de barro. Deste modo, a identificação da população como Jê Meridional está ligada à construção de estruturas subterrâneas e não à presença de cerâmica. A significativa presença de material arqueológico ligado às estruturas de combustão nas janelas abertas no entorno das depressões revelou a intensidade de utilização da área externa para atividades do grupo, fato que amplia a área de ocupação das estruturas.

As datas de ocupação dos sítios estudados relacionam-se diretamente com o período de expansão da araucária; as primeiras ocupações se iniciam quando a araucária atingiu um significativo crescimento, em detrimento dos campos. Durante estas primeiras ocupações, os indícios de carvão passaram a diminuir progressivamente; já as ocupações começaram a diminuir com a expansão da araucária pelo Planalto. Schmitz e Rogge (2011) e Novasco (2013) supõem que existiram áreas pioneiras neste processo de expansão, localizadas em lugares ambientalmente mais propícios, com maior volume e regularidade de chuva, por onde o recurso avançaria com mais facilidade. Segundo Novasco (2013), a área do Rincão dos Albinos possui todas as condições, como altitude e chuvas constantes, necessárias para o avanço da araucária. De modo semelhante, Schmitz e Rogge (2011) afirmam que estes sítios estão ligados a áreas de “recursos críticos para o abastecimento do grupo [...] O único recurso que, neste tempo, seria capaz de provocar uma volta contínua, anual, do(s) grupo(s) ao sítio, seria uma mata de pinheiros”. (p.194).

Neste segundo período os grupos dispersos nos campos passaram a realizar incursões ao Rincão dos Albinos, onde havia maior densidade de alimentos. Os grupos passaram de caçadores e coletores de áreas de campo para o começo de uma especialização na captação de recursos. Esta nova orientação permitiu que desenvolvessem nova estratégia de habitação, passando seus acampamentos a contar também com estruturas subterrâneas, que foram ocupadas mais de uma vez ao longo do tempo. Apesar de estas estruturas subterrâneas não terem sido ocupadas de forma coetânea, a organização, a concentração e a dispersão das depressões no sítio, evidenciam a existência de uma organização consciente do espaço. Esta organização estaria relacionada com grupos diferentes ou mesmo com a cosmologia desses grupos. Deste modo, apesar de o grupo continuar sendo

móvel, já melhorava sua forma de assentamento, incluindo estruturas subterrâneas e passava a incorporar recursos mais permanentes e mais previsíveis, que eram a semente da araucária e os animais que esta atraía. A presença humana e o movimento de terra para construção de suas habitações produziu, inconsciente ou mesmo conscientemente, a expansão da mata com araucária. Aqui começaria o manejo da mata.

As estruturas do Rincão dos Albinos, mesmo não tendo sido ocupadas concomitantemente e serem assentamentos estacionais de populações ainda móveis, apresentam uma estrutura já mais complexa que a dos acampamentos a céu aberto do período anterior. O retorno desta população ao mesmo local, a reocupação das estruturas e duração cronológica dos sítios evidencia um melhor domínio do espaço, dando início à criação de uma paisagem cultural¹³.

A complexidade é percebida segundo a definição de Sassaman (2004), como uma parte de análise menor, o acampamento com acréscimo de estruturas subterrâneas, dentro de um sistema no qual ocorrem outras relações, como maior disponibilidade de recursos alimentares, o retorno ao mesmo local, a duração das ocupações e a distribuição das estruturas no espaço. A complexidade no Rincão é percebida horizontal, sem indicar verticalização nas relações das partes, apenas aumento de elementos.

Os conjuntos de estruturas no sítio sugerem que a construção seguia pressupostos de organização vigentes na sociedade. Os parâmetros de construção e ocupação de estruturas subterrâneas vão para além da estratégia adaptativa ao frio, tornando-se marco de identidade do grupo. Esta identidade, apesar de sofrer transformações, manteve-se até o período da conquista europeia, momento em que estes grupos adequaram suas estratégias de ocupação e subsistência e deixaram de construir estruturas subterrâneas.

Este terceiro momento é evidenciado por maior diversidade de estruturas e será mostrado no próximo item que trata da Boa Parada.

¹³ Utilizamos aqui o conceito de paisagem cultural proposto por Copé (2015) que fornece uma compreensão do espaço que estudamos. A paisagem cultural envolve aspectos ecológicos, a perspectiva histórica e a biodiversidade da paisagem construída.

3.5 Terceiro momento: estruturas subterrâneas e cerimoniais

Segundo Novasco (2013), entre 900 A.P. e o início da conquista europeia, as populações Jê Meridionais se teriam tornado sedentárias e desenvolvido complexas estruturas sociais, sua economia continuaria baseada na caça, na coleta e acrescentaria alguns cultivos.

No Gráfico 1, depois de uma repentina explosão da mata, ao redor do ano 1000 de nossa Era, percebe-se um aumento lento e continuado da vegetação florestal, que passa de 45% para 85%, em prejuízo das áreas de campo. Os registros de carvão tenderam a diminuir mantendo-se a aproximadamente 35 partículas por cm^2 ao ano.

Na Boa Parada, num diâmetro de uns 500m estão concentrados 19 sítios arqueológicos, somando mais de 50 estruturas subterrâneas, 4 aterros-plataforma e um 'danceiro' com, originalmente, 4 estruturas anelares. Os sítios arqueológicos da Boa Parada, com exceção da estrutura de combustão mais antiga localizada por baixo da estrutura geminada 4/5 do SC-CL-43, estão concentrados num pequeno espaço elevado, de mata, cercada por campos com pouca ocupação. As estruturas estão, na maioria das vezes, próximas umas das outras, formando pequenos conjuntos, que podem corresponder ao assentamento de um grupo, como se fosse uma aldeia (SC-CL-51), ou simplesmente uma sobreposição de assentamentos ou estruturas independentes e temporalmente diferentes. A composição e o tamanho dos sítios não são padronizados.

Sem querer repetir os dados do capítulo 2 buscamos aqui descrever as estruturas enquanto componentes de sítios mais complexos que os do momento 2. Podemos classificar as estruturas subterrâneas, que eram destinadas a habitação, em grandes, em geminadas e em pequenas.

A estrutura subterrânea do sítio SC-CL-52 (19,50 m de diâmetro) é considerada a maior conhecida no Planalto Meridional; nela ocorreu uma primeira ocupação por volta de 860 anos A.P. Junto dela está o aterro-plataforma SC-CL-52-a, com datas equivalentes. Outra estrutura grande é a de número 1 do sítio SC-CL-

56, com 13m de diâmetro; sua primeira ocupação foi datada em 830 anos A.P. Ligado a ela está o 'danceiro' (SC-CL-94), datado de 770 anos A.P. Estas estruturas subterrâneas estão no horizonte cronológico mais antigo de ocupação na Boa Parada.

Como amostra de estrutura geminada apresentamos a 4/5 do sítio SC-CL-43, com duas depressões de 5m, cercadas por um único aterro nivelador. Ela foi ocupada duas vezes, entre 470 e 640 anos A.P. e pode representar um período cronológico médio.

A estrutura 5 do sítio SC-CL-51, com 7,6m de diâmetro pode representar uma habitação pequena. Ela foi ocupada intensamente por volta de 330 anos A.P. e representa os últimos períodos de ocupação indígena de estruturas subterrâneas na área.

Os aterros-plataforma são estruturas diferentes dos montículos construídos apenas por acúmulos propositais de sedimentos, p. ex. para sepultar um morto, e também dos provenientes do rejeito de construção das estruturas subterrâneas. As intervenções realizadas nestes aterros mostram que eles são produzidos por ação complexa e repetida de momentos de ocupação e de aterramento. (SCHMITZ et al. 2013b).

O único 'danceiro' da área (SC-CL-94), sobre pequena elevação próxima à grande estrutura subterrânea do SC-CL-56, era formado por 4 estruturas anelares com uma data próxima à da correspondente estrutura subterrânea.

Tanto os aterros-plataforma como o 'danceiro' são considerados estruturas cerimoniais ou rituais e nelas se encontram frequentemente vestígios de cremações ou deposição de cinzas de cremados.

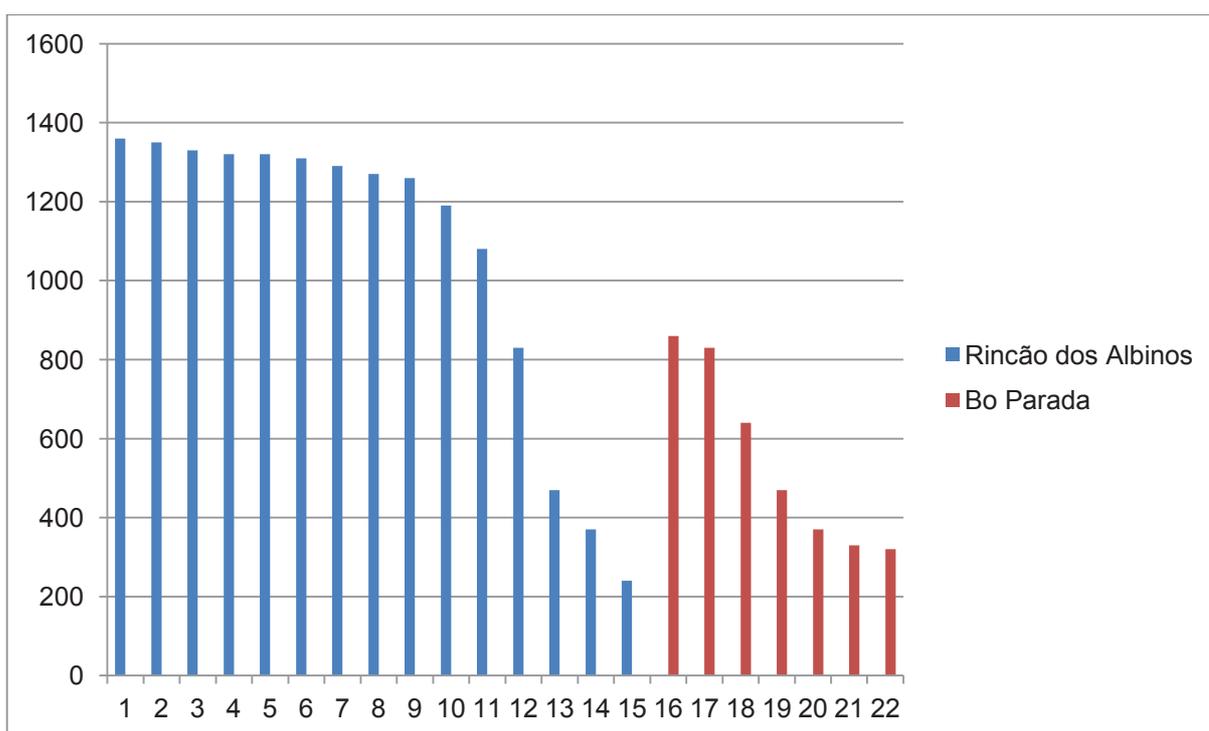
Todos estes sítios pertencem ao período cerâmico, tradição Itararé, da ocupação do planalto catarinense.

Há dois importantes acréscimos à composição do momento anterior: o aterro-plataforma e o 'danceiro'. E as estruturas construídas se tornaram maiores, as ocupações mais duradouras, assumindo um caráter próximo ao de sedentariedade. A mobilidade não se extinguiu totalmente como é evidenciado pelo deslocamento

das estruturas no espaço, pela repetição das ocupações nas estruturas de habitação, pela sucessão de camadas das estruturas cerimoniais e pelo carvão que continua aparecendo nas áreas de campos (Gráfico 1), embora em muito menor quantidade. As estruturas estão na mata, indicando que ela se tornou a base do povoamento e seu manejo o fundamento de sua economia. Nos últimos séculos ele terá sido reforçado por cultivos tropicais.

As datações do Gráfico 2 mostram que esta ocupação da área iniciou no século XI e se estendeu até o século XVII da nossa Era. As datas iniciais da Boa Parada ainda se sobrepõem às últimas e mais espaçadas datas do Rincão dos Albinos.

Gráfico 2 – Relação cronológica entre as estruturas subterrâneas do Rincão dos Albinos e da Boa Parada (Datas em A.P.)



Fonte: organizado pelo autor.

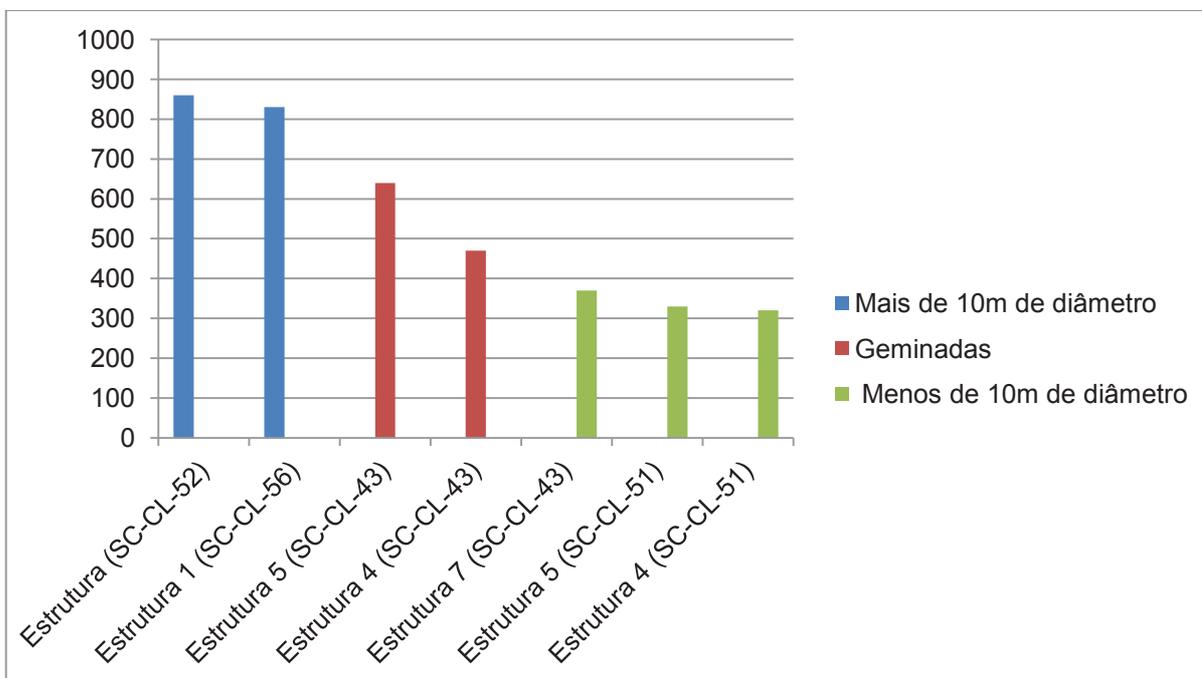
A relação cronológica entre as duas áreas permite uma visão do processo de ocupação do Planalto Meridional por construtores de estruturas subterrâneas,

consensualmente atribuídas a grupos de origem Jê Meridional. Muitas vezes estas estruturas subterrâneas e as rituais são descritas como pertencentes a um mesmo período cronológico. Entretanto, nos sítios estudados, ficou claro que elas foram construídas e utilizadas em períodos diferentes.

O Gráfico 3 mostra que isto se aplica também ao tamanho e formato das estruturas subterrâneas: as maiores são as mais antigas (séculos XI e XII), as geminadas possuem datas intermediárias (a partir do século XIV) e as menores são recentes.

Por sua vez as estruturas rituais também possuem distinções cronológicas: Os aterros-plataforma cobrem o século XI e aparecem novamente a partir do século XIV. As estruturas anelares são do século XII.

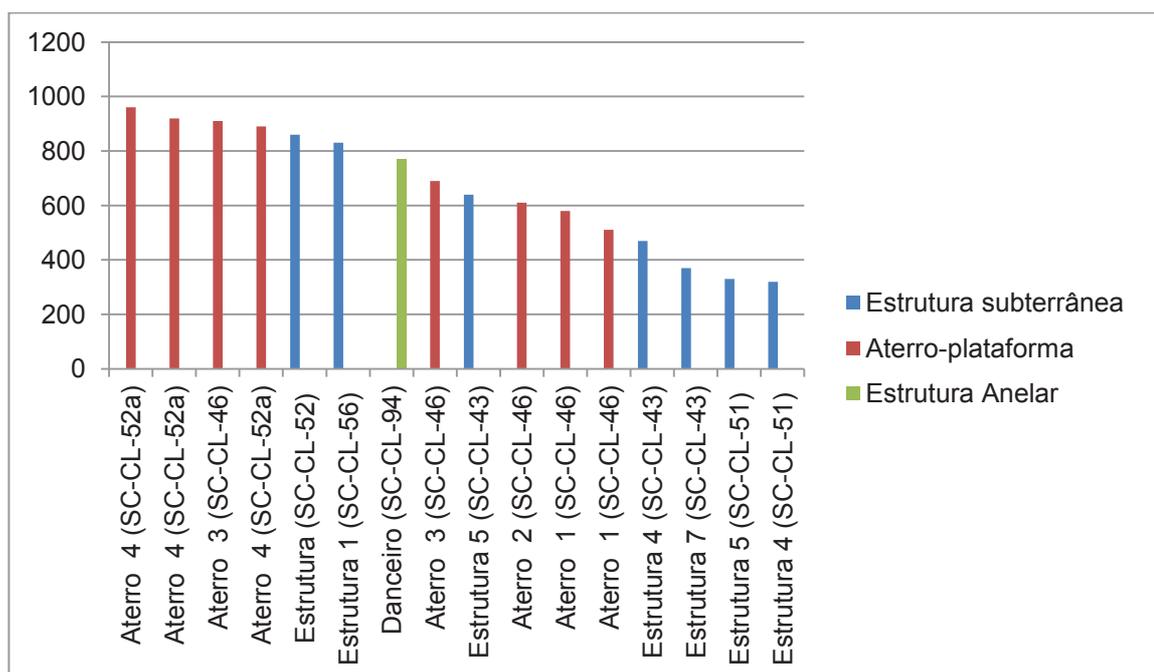
Gráfico 3 – Relação entre datas e tamanho das estruturas subterrâneas da Boa Parada (Datas em A.P.)



Fonte: organizado pelo autor.

O Gráfico 4 mostra que a estrutura anelar e os aterros-plataforma estão associados, cronologicamente, a estruturas subterrâneas específicas, como se indicou no começo do item.

Gráfico 4 – Associações cronológicas das estruturas rituais com as habitacionais na Boa Parada (Datas em A.P.)



Fonte: organizado pelo autor.

Frente a esta diversidade de contextos materiais e temporais, é uma armadilha colocar todos as estruturas subterrâneas e rituais, atribuídas aos Jê Meridionais, como contemporâneas. Não se nega o fato de que estas estruturas sejam respostas a funções específicas, dentro de um sistema de assentamento regional¹⁴. Entretanto, os dados obtidos não indicam contemporaneidade geral das ocupações, diferente disso, evidenciam a dinâmica desta ocupação, percebida em suas mudanças ao longo do tempo.

Outra armadilha é considerar as estruturas próximas, sem mais, como aldeias ou assentamentos contemporâneos, sem as datar. A melhor contestação para o

¹⁴ Como propõem Beber (2004).

pressuposto é a Boa Parada, onde inicialmente temos uma habitação grande com seu aterro-plataforma constituindo o assentamento inteiro. O mesmo se repete com outra habitação grande antiga e o correspondente 'danceiro'. Para o período recente é possível delimitar, a partir das datações, uma pequena aldeia formada por habitações de tamanho reduzido, como as do SC-CL-51.

O conjunto de estruturas estudadas na Boa Parada representa um terceiro momento de ocupação do espaço, ligado à expansão dos pinheirais sobre os campos, ocasionando aumento demográfico e diversificação das estruturas construídas com movimentação de terra. Concordo com a afirmação de Copé (2015), de que,

A expansão das florestas, em geral sobre os campos, traz um acréscimo na biomassa alimentar, o aumento da floresta de araucárias leva ao aumento de um alimento fundamental no planalto que é o pinhão que, na época de maturação (várias vezes ao ano), atrai toda sorte de animais, permitindo uma grande concentração de pessoas constituindo grandes aldeias de caráter permanente. O processo de ocupação ocorreu de maneira que, primeiro as parcelas desse grupo ocuparam as áreas mais baixas e ricas em florestas e, à medida que a floresta de araucárias se expande, vão domesticando o espaço, construindo-o socialmente, resultando em uma verdadeira arquitetura da paisagem. (p. 157).

Através desses dados e da comparação das estruturas arqueológicas relacionadas aos três momentos de ocupação da área por grupos Jê Meridionais, percebe-se que ocorreu um aumento considerável na complexidade do assentamento. Nos sítios da Boa Parada são evidentes inovações tecnológicas, como a cerâmica, a construção de grandes estruturas comunitárias, o aperfeiçoamento das estratégias de captação de recursos através do manejo da floresta e o acréscimo de cultivos tropicais. Com isso identificamos principalmente aumento da complexidade horizontal, aumento das partes.

Quanto à complexificação vertical, que é a integração hierárquica dessas partes e o crescimento de lideranças, os dados empíricos ainda são obscuros e mal elaborados. A analogia etnográfica tem sido pouco útil por ser desconhecida a organização do grupo étnico específico quando era dono do terreno. Os dados

empíricos indicam uma heterarquia, isto é a organização de pequenos agrupamentos humanos locais e paralelos, cada um com seu assentamento sob a forma de uma habitação grande, ou um conjunto de pequenas, com seu monumento cerimonial, que apresentavam bastante estabilidade, mas deviam competir entre si pelos melhores locais. Na Boa Parada há revezamento de um grupo que constrói aterros-plataforma, com outro que usa estruturas anelares. Não há percepção, nem indicação de grandes chefias que coordenem todo o povoamento. Mas há elementos partilhados que, independentemente das divisões, são responsáveis pela construção uma paisagem etnicamente reconhecível.

3.6 A contribuição de São José do Cerrito

No final deste capítulo retomo alguns elementos da análise realizada sobre os indícios de crescimento da complexidade nos assentamentos do município de São José do Cerrito, atribuídos a populações Jê Meridionais, para melhorar sua compreensão.

Do primeiro momento só é conhecido um assentamento a céu aberto, com poucas armações para o fogo, sem estruturas subterrâneas e sem cerâmica, que é atribuído a um agrupamento de poucas pessoas. Ele corresponde a um período em que o ambiente geral era campo de altura com recursos dispersos, que exigiam considerável movimentação para usufruto humano e tornavam ineficientes estruturas fixas e acúmulo de objetos e bens.

Do segundo momento é conhecida uma área onde acampamentos de um maior número de pessoas se repetiam em pequenas e simples estruturas subterrâneas, com suas armações de fogo e simples instrumentos, mas ainda sem cerâmica. Ele corresponde a um período em que a mata mista com pinheiros avança sobre os campos, primeiro num ritmo mais lento, depois de forma acelerada, colocando à disposição considerável reforço alimentar numa estação do ano, na qual possibilitava certa estabilidade residencial, com algum investimento em estruturas para abrigo das famílias e novas técnicas e algum acúmulo de objetos e bens.

Do terceiro momento é conhecida uma área em que estão agrupadas grandes estruturas subterrâneas, com seus respectivos monumentos cerimoniais, e uso intenso de cerâmica. Ele corresponde a um período em que a mata mista já ocupava grandes espaços dos antigos campos, oferecendo recursos anuais adequados para a população se estabelecer nela de forma segura e definitiva, em habitações grandes acompanhadas de monumentos cerimoniais, construídas com importante investimento coletivo. Nelas se desenvolve considerável ritualismo ligado com a deposição dos mortos. A subsistência básica seria conseguida através do manejo da floresta e finalmente de algum cultivo tropical.

Observamos que a moradia se teria desenvolvido de pequenas habitações de palha a céu aberto, construídas e ocupadas por famílias nucleares, para habitações familiares ainda transitórias, mas com piso rebaixado como defesa contra o frio, e para grandes habitações, inicialmente de construção e ocupação coletiva, posteriormente, geminadas e pequenas agrupadas.

A estrutura do assentamento se teria transformado de a) ajuntamentos ocasionais de pequenas habitações a céu aberto em nichos vegetais do campo, para b) ajuntamentos de habitações com piso rebaixado e duração estacional em nichos vegetais com araucária pioneira, para c) inicialmente grandes habitações isoladas com seu monumento cerimonial (aterro-plataforma ou 'dancheiro'), depois para ajuntamentos de habitações geminadas e pequenas.

No primeiro e no segundo momentos não se conhecem monumentos cerimoniais; eles marcam o terceiro momento.

Sempre o assentamento se caracteriza como moradia de todo um grupo; as famílias desse grupo podem estar morando em habitações de famílias individuais, como se supõe para os dois primeiros momentos, ou juntas numa habitação grande como se observa no começo do terceiro momento e ainda, em habitações geminadas ou pequenas como no final do momento. O investimento de energia nas construções cresce na mesma proporção e se destaca no terceiro momento.

O abastecimento no primeiro momento seria generalista, baseado em coleta e caça; no segundo momento a coleta da semente de araucária começaria a ter peso significativo; no terceiro, o manejo florestal e a partir do século XIII algum cultivo se

tornariam o centro do abastecimento. Entretanto, o pinheiro, através de sua dispersão e adensamento, parece ter sido a base material para as modificações observadas. Assim, não se entra em discussão com autores que colocam maior peso na dinâmica interna e protagonismo da sociedade e na ameaça ao território por outros grupos étnicos.

A estrutura da sociedade seria de grupos humanos paralelos com suas respectivas lideranças, competindo pelos recursos sem que se perceba a presença arqueológica de grandes chefias que coordenariam a organização do espaço e sua eventual defesa. Mesmo diversificados, os grupos partilhavam elementos materiais, técnicos, sociais e culturais, que resultaram na construção de uma paisagem com um perfil étnico inconfundível.

CONCLUSÃO

O objeto para a elaboração desta dissertação foram os sítios arqueológicos pesquisados pelo Instituto Anchieta de Pesquisas em São José do Cerrito. O material é abundante e diversificado e se constituiu numa boa amostra para o alcance do objetivo, que era construir uma narrativa do povoamento Jê Meridional, com o uso desses sítios, destacando elementos de complexidade e mudança na estruturação, funcionamento, duração e cronologia dos sítios estudados.

Foi possível observar os elementos de complexidade e mudança em três momentos, sendo o primeiro um assentamento datado do primeiro milênio a.C., o segundo um grande conjunto de acampamentos da segunda metade do primeiro milênio de nossa Era, e o terceiro um aglomerado de assentamentos semi-sedentários com grandes monumentos cerimoniais correspondentes ao segundo milênio de nossa Era.

Na construção do trabalho usei principalmente as numerosas e detalhadas publicações da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas e minha experiência como participante em diversas atividades de campo.

Como enfoque teórico para compreender e avaliar os indícios de complexidade no material de São José do Cerrito me servi especialmente das indicações de Sassaman, que estudou emergência de complexidade entre caçadores-coletores da costa norte-americana do Oceano Pacífico comprovando que, num ambiente naturalmente rico, é possível, mesmo sem agricultura, desenvolver complexidade na organização da sociedade e de seus assentamentos. Na avaliação da sociedade foi muito útil o conceito de heterarquia, desenvolvido por Crumley, para caracterizar sociedades nas quais o poder não é organizado e concentrado de maneira vertical, hierarquicamente, em forma de pirâmide, mas é distribuído entre lideranças menores igualitárias, que colaboram entre si ou se combatem.

Na revisão bibliográfica examinei as propostas de numerosos arqueólogos que trabalharam materiais parecidos aos de São José do Cerrito, revisão que foi muito útil para contextualizar e questionar meu enfoque e compreensão do material,

mas pela limitada abrangência de uma dissertação de mestrado, não cheguei a discutir seus resultados e suas propostas, quer fossem semelhantes, quer diferentes, sobrando muitas questões para trabalhos futuros. Mesmo sendo a intenção, exclusivamente, fazer uma proposição a respeito de indícios de complexidade nos materiais trabalhados pelo Instituto Anchietano de Pesquisas em São José do Cerrito, fico muito grata a estes autores pela ampliação do entendimento que possibilitaram de meus resultados.

Não busquei associar meus dados a um determinado grupo ou etnia do Jê Meridional.

Considero que os resultados foram compensadores e que apresentam uma narrativa compreensível, empiricamente bem documentada do povoamento Jê Meridional no Planalto de Santa Catarina, que pode ser utilizada pelos colegas arqueólogos, pela população local que tem ‘buracos de bugre’ em suas propriedades e, não em último lugar, pelas etnias indígenas, que tem nessa narrativa uma parcela da história de seus antepassados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMES, Kenneth M. The Northwestcoast: Complex Hunter-Gatherers, Ecology and Social Evolution. **Annual Review of Anthropology**, v. 23, p. 209-229, 1994.

ARCURI, Marcia M. Tribos, Cacicados ou Estados? A dualidade e centralização da chefia na organização social da América pré-colombina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 305-320, 2007.

ARNOLD, Jeanne E. The Archaeology of Complex Hunter-Gatherers. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 3, n. 1, p. 77-126, 1996.

BARRIO, Angel-B Espina. **Manual de antropologia cultural**. Recife: Editora Massangana, 2005.

BAUERMANN, Soraia G.; BEHLING, Hermann. “Dinâmica paleovegetacional da floresta com araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: FONSECA, Carlos Roberto et al. **Floresta com Araucária. Ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável**. Ribeirão Preto: Holos Editora, p. 35-44, 2009.

BEBER, Marcus. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas no Planalto Sul-brasileiro**. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

BEBER, Marcus Vinicius. Sítios arqueológicos do município de São José do Cerrito, SC: Um panorama. **Pesquisas, Antropologia**, v. 70, p. 43-64, 2013.

BEHLING, Hermann. South and southeast Brazilian grasslands during Late Quaternary times: a synthesis. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 177, p. 19-27, 2002.

BEHLING, Hermann et al. Late Quaternary Araucaria forest, grassland (Campos), fire and climate dynamics, studied by high-resolution pollen, charcoal and multivariate analysis of the Cambará do Sul core in southern Brazil. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 203, p. 277-297, 2004.

BOLDRINI, Ilsi Iob (Org.). **Biodiversidade dos campos do planalto das araucárias**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009. (Série Biodiversidade, v. 30). Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DO URUGUAI. Brasília: Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/161/_publicacao/161_publicacao03032011023025.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2016.

CHAPMAN, Robert. **Archaeologies of Complexity**. Londres: Routledge, 2003.

COPÉ, Sílvia Moehlecke; SALDANHA, João Darcy de Moura. Em busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul Rio-Grandense: Escavações no sítio RS-NA-03, Bom Jesus, RS. **Pesquisas, Antropologia**, v. 58, p.107-120, 2002.

COPÉ, Silvia Moehlecke. Arqueologia da arquitetura: ensaio sobre complexidade, performance processos construtivos das estruturas semi-subterrâneas do planalto gaúcho. In: ENCONTRO DO NÚCLEO REGIONAL SUL DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA – SAB/SUL, 2006, Rio Grande, RS. **Anais...** Rio Grande: 2006c, p. 1-21.

COPÉ, Silvia Moehlecke. Narrativas espaciais das ações humanas. História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semisubterrâneas do planalto Sul-brasileiro. **Revista de Arqueologia**, v. 19, p. 111-123, 2006b.

COPÉ, Silvia Moehlecke. **Les Grands Constructeurs Precoloniaux du Plateau du Sud Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil.** Tese de Doutorado (Doutorado em Pré-História, Etnologia e Antropologia). Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, Paris, 2006a.

COPÉ, Silvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 29, p. 149-177, 2015.

CORTELETTI, Rafael. **Projeto Arqueológico Alto Canoas – PARACA: Um estudo da presença Jê no planalto catarinense.** Tese de Doutorado (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CORTELETTI, Rafael. Uma estratigrafia da paisagem proto-Jê Meridional: um estudo de caso em Urubici, SC. **Tempos Acadêmicos**, n. 11, p. 97-116, 2013.

CORTELETTI, Rafael; DICKAU, Ruth; DEBLASIS, Paulo; IRIARTE, Jose. Revisiting the economy and mobility of southern proto-Jê (Taquara-Itarare) groups in the southern Brazilian highlands: starch grain and phytoliths analyses from the Bonin site, Urubici, Brazil. **Journal of Archaeological Science**, n.58, p. 46-61, 2015.

CRUMLEY, Carole L. Heterarchy and the Analysis of Complex Societies. **Archeological Papers of the American Anthropological Association**, v. 6, p.1-5, 1995.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal (Org.). **Xokleng 2860 a.C. As terras altas do Sul do Brasil.** Transcrições do Seminário de Arqueologia e Etnohistória. Tubarão: Editora Unisul, 2006.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Aplicações de isótopos estáveis de 18/16o, 13/12c e 15/14n em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no Sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.22, n.2, p. 55-76, 2009b.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Centros cerimoniais do Planalto Meridional: uma análise intrasítio. **Revista de Arqueologia**, v.22, n.1, p. 99-113, 2009a.

FIEDEL, Stuart J. **Prehistoria de América.** Barcelona: Crítica, 1996.

FRANCH, José Alcina. **Arqueología Antropológica.** Madrid: Ediciones Akal, 1989.

HECKENBERGER, Michael J.; PETERSEN, James B.; NEVES, Eduardo Goés. Village Size and Permanence in Amazonia: Two Archaeological Examples from Brazil. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.

HECKENBERGER, Michael J. et al. Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland? **Science**, v. 301, p. 1710-1714, 2003.

HECKENBERGER, Michael J. **The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000.** New York and London: Routledge, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: cidades@**: São José do Cerrito: SC. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/1K3S>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE: Divisão Político-Administrativa**. Disponível em: <<http://http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>>. Acesso em: 31 out. 2015.

IRIARTE, José; BEHLING, Hermann. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. **Environmental Archaeology**, v. 12, nº 2, p. 115-127, 2007.

JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. **Reconstrução fonológica e lexical do proto-jê meridional**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 6, p. 11-23, 2011.

MACHADO, Juliana Salles. Dos artefatos às aldeias: os vestígios arqueológicos no entendimento das formas de organização social na Amazônia. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 2, p. 755-786, 2006.

MANUAL TÉCNICO DA VEGETAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 2012. (Manuais Técnicos em Geociências, nº 1). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/vegetacao/manual_vegetacao.shtm>. Acesso em: 8 mar. 2016.

MCGUIRE, Randall H. Breaking down Cultural Complexity: Inequality and Heterogeneity. **Advances in Archaeological Method and Theory**, v. 6, p. 91-142, 1983.

MÉTRAUX, Alfred. The Caingang. In.: STEWARD, Julian (Ed.). **The Handbook of South American Indians**. Volume 1: The marginal tribes. Washington: Government Printing Office, p. 445-475, 1946.

MÜLLER, Letícia Morgana. **Sobre índios e ossos: Estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MÜLLER, Letícia Morgana (org.). **Estudo e valorização do patrimônio arqueológico do vale do Rio Pelotas, SC: a contribuição da UHE Barra Grande**. Florianópolis: Scientia Consultoria Científica, 2011.

NOVASCO, Raul Viana. **As Casas Subterrâneas e sua Paisagem: Cartografando o Ambiente**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

PIAZZA, Walter. A área arqueológica dos “Campos de Lages”. In: PRONAPA – Resultados Preliminares do Terceiro Ano (1967-1968). **Publicações Avulsas**, Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 13, p. 63-74, 1969b.

PIAZZA, Walter. Notícia Arqueológica do Vale do Uruguai. In: PRONAPA – Resultados Preliminares do Segundo Ano (1966-1967). **Publicações Avulsas**, Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 10, p. 55-74, 1969a.

PRICE, Douglas; GEBAUER, Anne Birgitte (eds.). **Last Hunters, First Farmers**. New Perspectives on the Prehistoric Transition to Agriculture. Santa Fé, Novo México: School of American Research Press, 1996.

PRICE, Douglas; FEINMAN, Gary M. (eds.). **Foundations of Prehistoric Social Inequality**. Nova York: Plemun Press, 1995.

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense**. Erechim: Habilis, 2007.

REIS, Maria José; FOSSARI, Teresa Domitila. Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr. **Cadernos do CEOM**, n. 30, p. 265-293, 2009.

ROHR, João Alfredo. Os Sítios Arqueológicos do Planalto Catarinense. **Pesquisas, Antropologia**, n. 24, p. 1-56, 1971.

ROHR, João Alfredo. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, n. 17, p. 77-168, 1984.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia Amazônica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 53-86, 1992.

SAHLINS, Marshall D. **Sociedades tribais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

SALDANHA, João Darcy de Moura. **Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagem e Sepultamentos nas Terras Altas do Sul do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 21, p. 85-95, 2008.

SALMORAL, Manuel Lucena et al. **Historia de Iberoamérica**. Tomo I: Prehistoria e Historia Antigua. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992.

SASSAMAN, Kenneth E. Complex Hunter–Gatherers in Evolution and History: A North American Perspective. **Journal of Archaeological Research**, v. 12, n. 3, p. 227-280, 2004.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos**, n. 02, p. 75-124, 1988.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ARNT, Fúlvio Vinicius; BEBER, Marcus Vinicius; ROSA, André Osório; FARIAS, Deisi Scunderlik. Casas subterrâneas no Planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. **Pesquisas, Antropologia**, v. 68, p. 07-78, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique. 107 ‘casas subterrâneas’ no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p.185-204, 2011.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; NOVASCO, Raul Viana. Pequena história Jê Meridional através do mapeamento dos sítios datados. **Pesquisas, Antropologia**, v. 70, p. 35-41, 2013.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique. Pesquisando a trajetória do Jê Meridional. **Pesquisas, Antropologia**, v. 70, p. 07-33, 2013.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE Jairo Henrique; NOVASCO, Raul Viana; MERGEN, Natália Machado; FERRASSO, Suliano. Boa Parada um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. **Pesquisas, Antropologia**, v. 70, p. 133-195, 2013b.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE Jairo Henrique; NOVASCO, Raul Viana; MERGEN, Natália Machado; FERRASSO, Suliano. Rincão dos Albinos um grande sítio Jê Meridional. **Pesquisas, Antropologia**, v. 70, p. 65-131, 2013a.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord.). **As casas subterrâneas de São José do Cerrito**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2014.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; ROGGE, Jairo Henrique; NOVASCO, Raul Viana; FERRASSO, Suliano; PERONDI, Vagner; MERGEN, Natália Machado. De volta a Boa Parada, lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. **Pesquisas, Antropologia**, v. 72, 2016a.

SERVICE, Elman R. **Os caçadores**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SOUZA, Jonas Gregorio de; CORTELETTI, Rafael; ROBINSON, Mark; IRIARTE, José. The genesis of monuments: Resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil. **Journal of Anthropological Archaeology**, n. 41, p. 196-212, 2016.

SOUZA, Jonas Gregorio de. **Paisagem ritual no Planalto Meridional Brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SALDANHA, João Darcy de Moura. **Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 87-102.

WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklég. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**, v.3, p. 199-217, 1978.

WÜST, Irmhild. **Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

WÜST, Irmhild; BARRETO, Cristiana. Te ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. **Latin American Antiquity**, vol. 10, n. 1, p.01-21, 1999.